



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

PATRÍCIA DE MORAIS FIGUERÊDO

**HUMANIZAÇÃO DE REPORTAGENS:
UMA ANÁLISE DA REVISTA DO CORREIO**

**BRASÍLIA
2013**

PATRÍCIA DE MORAIS FIGUERÊDO

**HUMANIZAÇÃO DE REPORTAGENS:
UMA ANÁLISE DA REVISTA DO CORREIO**

Trabalho de Conclusão de Curso -
TCC apresentado como trabalho
finaldo curso de Comunicação Social
com habilitação em Jornalismo do
Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Vivaldo Reinaldo de Sousa

BRASÍLIA

2013

PATRÍCIA DE MORAIS FIGUERÊDO

**HUMANIZAÇÃO DE REPORTAGENS:
UMA ANÁLISE DA REVISTA DO CORREIO**

Trabalho de Conclusão de Curso-
TCC apresentado como trabalho final
do curso de Comunicação Social com
habilitação em Jornalismo do Centro
Universitário de Brasília.

BRASÍLIA, 11 DE JUNHO DE 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof.Orientador: Vivaldo Reinaldo de Sousa

Prof.Examinador: Luiz Cláudio Ferreira

Prof.Examinador: Renata Bittencourt de Carvalho

*Aos meus pais, João Augusto e Nívia Gláucia, à
minhaimã Priscila e à sobrinha Marina, pela força
e amor.*

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus, que me deu forças todos os dias. Aos meus pais e minha irmã, por estarem sempre presentes quando precisei de apoio e ajuda. Vocês me ensinaram a sonhar e lutar por aquilo em que acredito.

Ao meu professor e orientador, Vivaldo de Sousa, que foi fundamental nessa etapa da graduação. Sem a sua ajuda eu não teria conseguido. Obrigada pela paciência e dedicação.

Aos meus amigos, em especial, Jéssica Nascimento e Felipe Rodrigues, por compartilharem as idas à biblioteca, os livros e a tensão pré-orientação. Sem vocês, esses dias teriam sido muito mais cansativos. À amiga Wanessa Martins, que esteve sempre disponível para me ajudar. Muito obrigada!

Aos professores, em especial Luiz Cláudio, por estar sempre aberto a nos ouvir, nos guiar e, quando necessário, criticar construtivamente. Aos demais, pelos ensinamentos que vou levar por toda a vida profissional.

Obrigada a todos que de alguma forma se empenharam e me apoiaram nessa caminhada.

RESUMO

A presente monografia aborda a humanização de reportagens. A pesquisa passa pelo Jornalismo Literário, Novo Jornalismo, pelo conceito de reportagem até se chegar ao objetivo, que é analisar e mostrar como a humanização pode ser identificada em cinco matérias de capa da Revista do Correio do mês de março de 2013. Entende-se humanização como o destaque dado ao ser humano dentro e fora de uma reportagem. Nesse tipo de reportagem é possível e necessário dar destaque aos personagens, descrever os ambientes e aproximar o texto da ótica do leitor. O trabalho apenas abre um caminho para que a humanização seja mais estudada.

Palavras-chave: Humanização. Jornalismo Literário. Novo Jornalismo

ABSTRACT

This research addresses the humanization of reports. The research goes through literary journalism, New Journalism, the concept of story to get to the goal, which is to analyze and show how the humanization can be identified in five cover stories the Revista do Correio of March, 2013. Understand humanization as highlighting the human outside and in a report. In this kind of reporting is possible and necessary to highlight the characters describe the environments and bring the text of the optical reader.

Keywords: Humanization. Literary Journalism. New Journalism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 JORNALISMO LITERÁRIO	9
2.1 O NOVO JORNALISMO	10
3 HUMANIZAÇÃO DO JORNALISMO	12
3.1 FACTUAL X HUMANIZADO	15
4 REPORTAGEM	18
5 REVISTA	19
5.1 REVISTA DO CORREIO	20
5.2 ANÁLISE	21
6 CONCLUSÕES PRELIMINARES	30
REFERÊNCIAS	31
ANEXO A	32
ANEXO B	42
ANEXO C	50
ANEXO D	58
ANEXO E	68

1 INTRODUÇÃO

Desde o movimento do Novo Jornalismo, que teve início na década de 1960 nos Estados Unidos, o jornalismo tradicional é colocado em discussão. Já naquela época havia a clara divisão entre os jornalistas produtores de matérias factuais – aquelas que exigiam apurações rápidas e objetivas -, e do outro, aqueles profissionais responsáveis por materiais detalhados, onde podiam utilizar linguagens jornalísticas e literárias - onde era possível humanizar a matéria.

Dines (1986, p.90) aponta que com a chegada da televisão, os jornais tiveram que deixar o “meramente factual para o rádio e a TV, reservando para o jornal o desdobramento do fato por inteiro, com todas as suas circunstâncias e já não mais apenas as primárias”. Segundo o autor, a edição dominical foi escolhida para contar com essas matérias redondas, ou seja, as que contam com todo o desenvolvimento de um fato. Nesse tipo de reportagem, é possível dar destaque aos personagens, descrever os ambientes, o que humaniza o texto.

Pensando na humanização de reportagens, o presente trabalho tem como problema identificar de que forma a humanização é apresentada em cinco matérias de capa do mês de março de 2013 da Revista do Correio, publicada aos domingos pelo diário Correio Braziliense, do grupo Diários Associados. Diante desse problema, o objetivo geral é analisar e mostrar de que forma a humanização é tratada nas reportagens da publicação.

No decorrer do trabalho, serão mostradas as características do Novo Jornalismo, Jornalismo Literário e haverá a distinção entre matérias factuais e humanizadas. O conceito de reportagem também é tratado para melhor embasamento do tema.

A análise de conteúdo foi utilizada como estratégia metodológica e de verificação porque, segundo Berelson (1952, apud Kientz, 1973, p.10), consiste em “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa, do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por finalidade interpretá-las”. E é exatamente o que foi feito no trabalho. Foram destacados trechos da Revista do Correio para mostrar características de textos humanizados e interpretá-los.

2 JORNALISMO LITERÁRIO

Para explicar o que é o Jornalismo Literário, deve-se iniciar esclarecendo um equívoco apontado por Martinez (2009). Segundo a autora, o gênero não nasceu junto com o Novo Jornalismo dos anos 60. Martinez (2009, p.72) diz que “a saga do Jornalismo Literário começa muito tempo antes”. Para a autora, o referido gênero jornalístico tem semelhanças com os primeiros contadores de histórias. Segundo Martinez, essa semelhança é percebida na forma de escrever as narrativas, pois em ambos os casos, são utilizados recursos, seja de imagem ou escrita, que sejam de fácil compreensão para todos.

Martinez (2009) aponta que, no século XIX, a transição do movimento literário romântico para o realista, fez com que os protagonistas das histórias deixassem de ser heróis e pessoas idealizadas, dando lugar assim, às pessoas, problemas e histórias reais.

Nesse tipo de jornalismo é necessário dar atenção na relação entre fonte e jornalista. Kramer (1995, apud MARTINEZ, 2009) diz que é sempre necessário lembrar que o texto do Jornalismo Literário lida com a realidade e pessoas reais. É válido ressaltar:

Ainda que o profissional reconstrua o que se desenrola de acordo com sua bagagem sociocultural, o leitor espera que o jornalista seja honesto o suficiente para relatar o que vê. Caso contrário, estaria lendo ficção ou um livro baseado em fatos reais. (KRAMER, 1995 apud MARTINEZ, 2009, p.81).

Assim, o jornalista deve ser fiel à fonte e ao leitor. O profissional tem que narrar o que ele viu e ouviu da forma mais transparente possível, sem tirar ou colocar informações. “Em Jornalismo Literário, quem conta um conto, não aumenta um ponto”. (KRAMER, 1995 apud MARTINEZ, 2009, p.81).

A linguagem utilizada nesse gênero jornalístico deve receber atenção, pois apesar de ser uma narrativa que abre a possibilidade de descrever os ambientes e personagens com mais liberdade, “boa parte dos jornalistas que deseja fazer Jornalismo Literário lamentavelmente usa e abusa de uma linguagem artificial e rebuscada” (KRAMER, 1995 apud MARTINEZ, 2009, p. 82). Ou seja, utilizam tantas palavras diferentes para aprimorar o texto, que acabam transformando a matéria em uma narrativa forçada e artificial.

Segundo Pena (2006), tudo o que é utilizado no jornalismo diário e tradicional, não deve ser descartado quando se faz Jornalismo Literário. No literário é também necessário utilizar a apuração aprofundada, observação e não esquecer a ética da profissão. A diferença é que no literário, se pode ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, para ampliar a visão sobre determinado fato ou história.

Martinez (2009, p. 79) cita os quatro principais recursos literários empregados pelos jornalistas literários, segundo Tom Wolfe. “1- Construção cena a cena, 2- diálogos, 3- pontos de vista de terceira pessoa e 4- detalhes simbólicos do *status* de vida do indivíduo”. Essa técnica pode humanizar ainda mais uma reportagem, além de “convidar” o leitor a fazer parte daquela história.

Sousa (2008, p.201) também aponta recursos utilizados por jornalistas. Apesar de o autor não se referir aos jornalistas literários, mas sim aos novos jornalistas, a ideia complementa a de Tom Wolfe. “As frases curtas, a introdução de onomatopeias, a narração minuciosa, a caracterização dos personagens das histórias e a descrição dos ambientes”.

2.1 O Novo Jornalismo

O Novo Jornalismo é a renovação do Jornalismo Literário. Sousa (2008, p.199) diz que “as raízes do Novo Jornalismo encontram-se não só na literatura de viagens, mas também na obra impressiva, mas realista de escritores”. Essa forma de fazer jornalismo, ainda segundo Sousa, surgiu em “meados da década de 60 como um movimento de renovação estilística, ideológica e funcional nos Estados Unidos.”Pena (2006, p.53), justifica o nascimento do movimento jornalístico.

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo [...] é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na figura do lead, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor.

Traquina (2001, p.56) diz que o movimento “questionou as formas sagradas das notícias e sacudiu os dogmas tradicionais como o da objetividade, que ajudavam a orientar a atividade jornalística”. Ou seja, chega como uma escola jornalística que sugere que o jornalismo tradicional passe por uma transformação.

Pena (2006) traduz as palavras de Tom Wolfe sobre o Novo Jornalismo, que diz que os repórteres desse movimento devem deixar a objetividade de lado e seguir para o caminho da subjetividade. “Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação.” (PENA, 2006, p.54).

Dines (1988, p. 89) alega que esse movimento “não é uma nova concepção para o jornal, nem nova linha de trabalho ou atitude profissional. É um gênero ao qual podem aderir apenas alguns grandes nomes”. Norman Mailer, Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese, todos norte-americanos, são exemplos de autores que se destacaram no período.

Segundo Sousa (2008), o Novo Jornalismo é um movimento onde os jornalistas imergem no ambiente sobre o qual querem falar. Movimento onde os profissionais podem colocar-se no lugar das fontes para tentar compreender de perto aquilo que buscam abordar. Para Sousa (2008, p.199), o movimento teve “duas forças motrizes principais: a *assumpção da subjectividade* nos relatos sobre o mundo; e a retoma do jornalismo de investigação em profundidade.”

Um dos autores americanos mais famosos na época faz sua definição de Novo Jornalismo e ressalta que o movimento não é uma ficção.

Embora muitas vezes seja lido como ficção, o novo jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação, pelo uso de aspás e observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade exige uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem os escritores, ou assumir o papel de um observador neutro, como outros preferem, inclusive eu próprio. (TALESE, 2004, p.9).

Lage (2001) aponta que o Novo Jornalismo tem alguns pontos problemáticos, pois ao mesmo tempo em que pode ser útil para traçar um perfil – que retrata em profundidade um personagem -, pode não servir para grande parte dos textos destinados à informação pública. Nesse sentido, Lage (2001, p. 141):

A notícia é o relato do que se sabe, não do que se ignora; é isso que a faz existir. A consistência extrema que se espera da literatura implica dispor de dados subjetivos, por definição não alcançáveis pela observação direta, e de todo o conjunto de dados objetivos que habilitem o narrador a aparentar onisciência e onipresença – a saber de tudo e estar em toda parte. As soluções apontam para dois

caminhos: ou se acrescentam dados fictícios, possíveis, mas não comprovados, ou se misturam dados de diferentes episódios para compor um só. Em ambos os casos, deixa-se de praticar jornalismo e passa-se a praticar literatura.

Por esse motivo, é necessário que seja feita a diferenciação entre Jornalismo Literário, Novo Jornalismo e Literatura. Cotta (2005, p. 3) aponta que “é visível que o jornalismo se apropria principalmente da narrativa e da descrição, bem características da literatura”, porém o autor ressalta que ainda assim, os profissionais produzem notícias. Cotta (2005) se baseia na obra de Alceu Amoroso Lima – que foi um escritor e famoso crítico literário que acreditava que os textos jornalísticos eram parte da Literatura, porém não eram gênero literário.

Tanto na Literatura como no Jornalismo Literário e Novo Jornalismo, a subjetividade é utilizada. Em alguns textos das vertentes jornalísticas, é possível perceber características da Literatura como o uso da primeira pessoa, inserção de diálogos e descrição de ambientes, pessoas e sentimentos. A diferença básica entre a Literatura e as correntes jornalísticas é que a primeira se apropria da ficção, enquanto as outras têm o compromisso com a realidade.

4 HUMANIZAÇÃO NO JORNALISMO

Para escrever uma boa matéria jornalística não basta só seguir o modelo tradicional que conta com o lide –“quem, como, quando, onde e por que”-, uma pequena descrição do ocorrido objetivamente, a opinião de uma fonte oficial, às vezes um personagem e fim; matéria pronta. Kotscho (1995, p.7) acredita que o “fazer jornalístico é a arte de informar para transformar”. Ou seja, além de simplesmente noticiar um fato, é necessário colocar um algo a mais que atraia de alguma forma o leitor ou até mesmo faça com que ele se identifique com o texto.

O leitor de hoje não quer apenas saber o que acontece à sua volta, mas procura assegurar-se da sua situação dentro dos acontecimentos. Isto só se consegue com o engrandecimento da informação a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro. (DINES, 1986, p.90).

Baseado no que Dines explica, é possível concluir que o jornalista deve dar a informação completa ao leitor, passando pelo passado, presente e futuro. O profissional deve contextualizar o texto no intuito de aproximar o leitor da matéria. Com a humanização torna-se possível chamar mais a atenção do leitor, pois essa característica do Novo Jornalismo e do Jornalismo Literário busca inserir e dar destaque ao ser humano nas narrativas jornalísticas.

Para Ferrari e Sodré (1986), a humanização está ligada à emotividade. “A humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos” (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 15). Os autores ainda ressaltam que mesmo não sendo em 1ª pessoa, a narrativa deve trazer certa aproximação do leitor e o fato narrado.

Noblat (2003, p.16) aponta que “o modelo dos jornais está em xeque, porque o medo de mudar é maior do que o medo de conservar algo que se desmancha no ar.” Para o autor, os donos de jornais e os próprios jornalistas estão saturados e sabem de que maneira devem trabalhar para satisfazer aos leitores e não deixar que o jornal acabe.

[...] Surpreender mais e mais os leitores com informações que eles desconheçam; humanizar o noticiário e abordar os temas pela óptica dos leitores; apostar em reportagens porque são elas que diferenciam um jornal do outro; publicar textos que emocionem, comovam e inquietem; fazer jornalismo com independência e que tome partido da sociedade [...]. (NOBLAT, 2003, p.16,17).

Assim, é sugerido que uma mudança seja feita no conteúdo e no formato dos jornais, pois o maior objetivo de um jornal é alcançar os leitores e se eles não estão satisfeitos, por que continuar da mesma forma? Noblat (2003) quer alertar que o jornal não deve continuar com um formato e conteúdo que desagrade ao público, pois se não em breve será declarada a morte dos jornais. Segundo Noblat, os leitores se queixam dos erros de ortografia dos jornais, do número excessivo de páginas, além daquelas páginas que se soltam quando manipuladas.

Os leitores acham que o cardápio de assuntos dos jornais está mais de acordo com o gosto dos jornalistas do que com o gosto deles. E que a visão que os jornalistas têm da vida é muito distante da visão que eles têm. Nada disso, porém, parece abalar jornalistas e donos de jornal. Eles se comportam como se soubessem, mais do que os leitores, o que estes querem, têm obrigação de querer ou devem deixar de querer. (NOBLAT, 2003, p.15).

O público quer se sentir mais inserido nas matérias. Nem sempre o que os jornalistas acham interessante ou importante é de interesse dos leitores. Noblat (2003, p.21):

Jornalismo não é obra exclusiva de jornalistas. Tanto quanto nós, os leitores são também responsáveis pelo bom ou mau jornalismo que fazemos. Porque eles têm o poder, e todo o poder. Podem comprar um jornal se quiserem. E se quiserem, podem deixar de comprá-lo.

E é por isso que o conteúdo, os temas e as pautas devem ser determinadas pensando nos leitores, pois são eles que dão a audiência necessária, ou não. Para Noblat (2003, p. 30), “o fato que provoca barulho não é necessariamente um fato importante. Importa o fato destinado a produzir mudanças na vida das pessoas”. Nessa busca por mudanças é onde pode-se atentar para colocar o ser humano como principal componente do texto jornalístico.

Segundo Dines (1986), na época em que a televisão foi criada e passou a dar as informações iniciais – que antes era a função dos jornais – os jornais tiveram que se aproximar de um dos veículos mais próximos: a revista. Foi nesse momento que o lide precisou passar por mudanças.

O lead clássico contendo as seis questões primárias avançou para buscar circunstâncias mais profundas, como a dimensão, a remissão e a explicação dos fatos, já que a TV satisfazia as iniciais. Começava a era do jornalismo interpretativo, analítico e avaliador. (DINES, 1986, p. 70).

Apesar de o jornalista ter, primeiramente, a função de informar, o profissional não deve se limitar a apenas produzir a notícia, mas deve pensar em humanizar a matéria. A humanização não é apenas uma forma de fazer jornalismo. Segundo Ijuim (2012, p. 133), humanizar é:

Tratar a pessoa mais que uma fonte, como personagem de uma história, sim, é uma das possibilidades de humanizar o relato jornalístico. Mas podemos superar essa visão reducionista. Humanizar começa na “leitura da pauta”, por um olhar que vai além da fórmula. O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista.

Desta feita, cabe ao próprio jornalista “ser mais humano”. Pode até parecer redundante, mas é o que o autor quis dizer, que assim que o jornalista recebe a pauta, ele já deve imaginar um contexto com a presença de pessoas que podem

fazer parte da história. Os profissionais podem manter o factual, porém utilizando relatos de histórias, experiências, conflitos e sentimentos. Seria uma oportunidade dos protagonistas da história deixarem de ser meros figurantes diante das afirmativas dos especialistas ou fontes oficiais. É o que diz Ijuim (2012, p. 131):

Não é difícil encontrar equipes de reportagem que, ou se apegam à primeira impressão diante do que “observam”, e fazem pré-julgamentos, censuram, julgam e condenam; ou se apegam cegamente a dados e informações de fontes oficiais, de “autoridades” científicas, e também julgam e condenam. Assim, a cultura, a história, o não dito, o não revelado no imediato, são desprezados.

Ijuim e Urquiza (2009) apontam que desde a leitura da pauta, o jornalista já deve estar aberto à realidade que vai encontrar, sem fazer pré-julgamentos. Segundo os autores, o profissional deve lembrar que o “o ser humano jornalista reporta o ser humano fonte”. (IJUIM; URQUIZA, 2009, p.86). Ou seja, ambos têm suas respectivas histórias e pensamentos, porém, deve-se chegar a um consenso onde as duas partes possam entrar em acordo.

3.1 Factual x Humanizado

Segundo Dines (1986, p. 90), com a chegada da televisão, os jornais tiveram que deixar “o meramente factual para o rádio e a TV, reservando para o jornal o desdobramento do fato por inteiro, com todas as suas circunstâncias e já não mais apenas as primárias.” Segundo o autor, o *Jornal do Brasil* – onde ele trabalhou - iniciou a produção de matérias redondas, ou seja, aquelas que contam com todo o desenvolvimento de um fato, em 1963.

Mesmo antes da chegada da televisão, a questão da apresentação da notícia no jornal já era discutida. Amaral (1997) diz que grupos se dividiam para discutir qual seria a melhor abordagem nos textos jornalísticos.

Para uns, a notícia deve ser apresentada da maneira mais seca possível, sem comentários de espécie alguma, sem nada que lhe sirva de explicação ou interpretação; para outros, pouco vale a sua apresentação crua e simples, desde que, dessa forma, não pode ser aproveitada pelo leitor. O primeiro grupo defende a delimitação de áreas, a separação da notícia e da opinião; o segundo é pela interpenetração do trabalho de informar. (AMARAL, 1997, p. 44).

Para Ijuim e Urquiza (2009, p.87), o jornalista tem a tarefa de ser um mediador social e “construir um texto que leve os leitores a ampliar seu conhecimento da realidade, uma vez provocados, questionados e instigados pelo conteúdo jornalístico”. Segundo os autores, é necessária “uma narrativa que seja capaz de fazer a diferença, causar movimento, desestruturar, desconstruir, mexer com a vida das pessoas.”.

O profissional, consciente de sua responsabilidade social, é capaz de criar, ousar, transformar sua pauta em projeto, lançar mão das mais diversas ferramentas para produzir a reportagem, ocupando todos os espaços e possibilidades que o veículo lhe proporciona. (IJUIM; URQUIZA, 2009, p.87).

Kotscho (1995) diz que o fazer jornalístico é um processo onde é exigida observação, percepção e expressão do mundo. Para o autor, seria necessário ir além do factual para compreender os fenômenos sociais em sua totalidade. É como Dines (1986, p. 94) exemplifica:

Um filme sobre os horrores da guerra será uma sucessão de cenas fortes sobre os horrores da guerra. Mas o depoimento de um jornalista que viveu esses horrores aciona a imaginação do leitor, que compõe com as suas próprias imagens (fornecidas pelas palavras do repórter) uma descrição forte e indelével do acontecimento.

Ir além do factual significa ir além do fato, ou seja, trazer algo a mais para o texto. A humanização, a descrição do ambiente e dos personagens são algumas formas de “temperar” a matéria. Nesse sentido, Amaral (1997, p. 42) esclarece que:

Um acontecimento só nos retém quando, de uma forma ou de outra, temos a impressão de participação ou identificação [...] Para ser compreendido pelo público o repórter deve partir daquilo que ele conhece bem – ele próprio – e falar a linguagem do coração. Isto significa que ele precisa descobrir na notícia um ponto de interesse, de contato, uma brecha que sirva para atrair o espírito do leitor.

Essa diferença básica entre o factual e o humanizado, pode ser claramente percebida na comparação entre jornalismo tradicional e Novo Jornalismo:

No jornalismo tradicional, para além de o trabalho de investigação raramente se alongar por mais de algumas horas ou dias, encontram-se quase só caracterizações superficiais das personagens, raramente se fazem descrições dos ambientes, a narração é construída essencialmente em função da importância que os dados assumem para o jornalista e não há atenção aos detalhes.

A linguagem é usada unicamente de uma forma utilitária. Inversamente, o Novo Jornalismo incentivou mudanças ao nível da verificação dos dados (mais aprofundada e contrastada) e do trabalho de documentação e de investigação (que, por vezes, se prolonga por meses e anos). (SOUSA, 2008, p.200).

No Jornalismo Literário, também é possível perceber a diferença entre o factual e o humanizado.

Como toda boa narrativa, o Jornalismo Literário presta muito mais atenção do que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo. (MARTINEZ, 2009, p.72).

O Jornalismo Literário tem uma característica que, segundo Kramer (1995 apud MARTINEZ, 2009, p.81), “vai na contramão do jornalismo tradicional contemporâneo, obcecado com manchetes sensacionalistas e celebridades, de preferência internacionalmente conhecidas”. Kramer aponta que os jornalistas literários devem focar em acontecimentos que ocorrem no cotidiano, porém, devem aprofundar pontos que passam despercebidos em relatos objetivos.

Com a necessidade de uma nova abordagem, Dines (1986) afirma que a edição dominical foi escolhida para conter esse tipo de jornalismo com melhor acabamento. Nas edições dominicais, é possível perceber textos mais completos, humanizados e que se assemelham, ou até mesmo são, reportagens. Mas o que seria uma reportagem?

4 REPORTAGEM

Para destacar o que seria uma reportagem, Sodré e Ferrari (1986) definem primeiramente o que   uma narrativa. Para os autores,   “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.11). Apesar de a narrativa ser mais utilizada em obras literárias de fic o, o uso em um jornal também   bem vindo e   essa utiliza o que caracteriza uma reportagem.

O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder [...] constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário como na literatura de fic o, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11).

Baseado nisso, Sodré e Ferrari (1986, p.15) definem as principais características da reportagem: “Predominância da forma narrativa, humaniza o do relato, texto de natureza impressionista, objetividade dos fatos narrados”. Para os autores, um ponto principal que deve sempre estar presente em uma reportagem   a narrativa, pois se não o texto deixa de ser uma reportagem.

Amaral (1997, p.133) apresenta a reportagem como “a representa o de um fato ou acontecimento enriquecida pela capacidade intelectual, observa o atenta, sensibilidade, criatividade e narra o fluente do autor”. Para o autor, a especialidade está bem próxima da literatura por trazer para os textos a subjetividade. Segundo Amaral (1997, p.136), as reportagens deixam que o jornalista fantasie determinado fato, porém o profissional não deve esquecer que “como todo e qualquer material jornalístico, seu compromisso   com a verdade”.

No prefácio do livro *O olho da rua*, de Eliane Brum, o jornalista Caco Barcellos aponta que, para a autora, a reportagem   “um ato de entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma rela o preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem”. E   basicamente isso a essência de uma reportagem. O jornalista deve se livrar de quaisquer preconceitos para mergulhar no mundo o qual quer contar. O profissional tem que ganhar a confiança do personagem – que traz vida   narrativa contada.

As revistas costumam trazer grandes reportagens, mas quais são as características desse tipo de publica o? Para que servem?

5 REVISTA

Para Scalzo (2003, p.11), a principal função de uma revista é reunir pessoas com um mesmo interesse e as ajudar a se sentir parte de um determinado grupo. “Revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”. As revistas são geralmente semanais, quinzenais ou mensais.

Segundo Scalzo (2003, p. 77):

Jornalismo, não é literatura, mas técnicas literárias podem ajudar, e muito, um jornalista a escrever melhor. Cores, cheiros e descrições cabem no texto de revista. Apresentar os personagens, humanizar as histórias, dar o máximo de detalhes sobre elas, também. Aprender técnicas de construção de personagem e técnicas narrativas e descritivas é fundamental para quem quer escrever grandes reportagens.

Além de informarem, elas entretêm e trazem reflexões. Scalzo faz uma comparação entre jornal e revista:

Enquanto os jornais nascem com a marca explícita da política, do engajamento claramente definido, as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário, que podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as “notícias quentes”) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática). (SCALZO, 2003, p. 14).

Mesmo que os jornais tenham que ficar com a parte mais quente e mais objetiva, não quer dizer que revistas também não possam. A questão é que elas tratam dos assuntos com mais leveza. Scalzo (2003, p.12) diz que “quem define o que é uma revista [...] é o seu leitor”. Uma diferença básica apontada por ela é no que se refere ao público. No jornal, não é possível definir quem exatamente lê cada coisa. Já na revista, a autora diz que como o público ao qual ela é direcionada é menor, dá para se ter uma ideia de quem está lendo. “Na revista segmentada [...] que de fato se conhece cada leitor, sabe-se exatamente com quem se está falando”. (SCALZO, 2003, p. 15).

Revista segmentada é uma publicação destinada a um determinado público, como por exemplo, uma revista sobre carros, é destinada a quem gosta de assuntos

relacionados a carros. A revista tem a função de “destinar-se a públicos específicos e aprofundar os assuntos – mais do que os jornais e menos do que os livros.” (SCALZO, 2003, p. 19). É uma forma de fazer jornalismo mais leve, mais aprofundada, onde o jornalista deve se preocupar mais em “prestar um serviço do que em apresentar um furo de reportagem”. (SCALZO, 2003, p.55).

5.1 Revista do Correio

A Revista do Correio é uma publicação do grupo *Diários Associados* que vem junto com o jornal Correio Braziliense aos domingos. A publicação tem uma tiragem de 100 mil exemplares e chegou ao seu 9º ano em maio de 2013.

Segundo a editora da revista, Cristine Gentil¹, a publicação é destinada ao público feminino, com idade entre 24 e 45 anos, classes A e B. Porém, ela ressalta que apesar de ser feita para esses segmentos, variados tipos de pessoas são alcançadas.

Cristine Gentil explicou que a linha editorial da revista é de variedades. De acordo com a editora, a revista busca se diferenciar do primeiro caderno do Correio Braziliense que trata dos assuntos mais quentes. “Não que não possamos abordar um tema quente, mas sentimos a necessidade de trazer assuntos mais leves e pautas mais frias e trabalhadas”, disse.

Segundo a editora, a revista humaniza a notícia. Com variados personagens, principalmente nas matérias de capa, é possível aproximar o leitor da narrativa, para que ele se identifique com alguma das histórias ali contadas. “O personagem é importante em nossas matérias. O público gosta de ver histórias reais”, disse Cristine.

Em 2013 - ano de produção deste trabalho -, a equipe da revista era dividida em: Editora: Cristine Gentil; Subeditores: Sibeles Negromonte e Gustavo T. Falleiros; Editor de fotografia: Luís Tajés; Diagramação: Guilherme Dias; Diretor de Redação: Josemar Gimenez; Editora-chefe: Ana Dubeux; Editor executivo: Carlos Alexandre

A Revista do Correio conta com 38 páginas, sendo que seis páginas são destinadas para as matérias de capa. “Quando se tem matérias mais especiais, esse número pode mudar, mas a maioria das matérias de capa conta com seis páginas”, ressaltou a editora Cristine Gentil.

¹ Entrevista cedida pela editora da Revista do Correio à pesquisadora no dia 19 de abril de 2013

A revista conta com 4 colunas, que são caracterizadas por serem assinadas. São elas: Photo e Grafia, por Zuleika de Souza; O berço da palavra, por Márcio Cotrim; Crônica da Revista, por Maria Paula; Encontro com o chef, por Rafael Campos. A publicação possui 6 sessões fixas: Beleza, Fitness e Nutrição, Moda, Saúde, Casa e Bichos. As demais páginas são preenchidas com assuntos diversos.

Para a editora, o principal objetivo da Revista do Correio é prestar um serviço de qualidade, mais aprofundado e com temas mais leves. A publicação objetiva informar sem deixar de lado o entretenimento, que é como Scalzo (2003, p.11) diz: “Revista é uma mistura de jornalismo e entretenimento”.

5.2 Análise

Para a análise, foram utilizadas cinco matérias de capa da Revista do Correio do mês de março de 2013, selecionadas aleatoriamente. A critério do autor, somente as reportagens de capa foram analisadas por ocuparem maior espaço na publicação. Como estratégia metodológica e de verificação, foi utilizada a análise de conteúdo. Uma entrevista com a editora da Revista do Correio, Cristine Gentil também foi realizada com o objetivo de identificar como as pautas das matérias analisadas foram definidas.

Os pontos analisados e destacados nas reportagens foram: número de personagens, redação do texto, a maneira como a pauta foi definida, quais são as características humanizadas encontradas nas reportagens, os títulos e a quantidade de subtítulos, procurando destacar trechos para ilustrar o que se analisa.

- Edição de 3 de março de 2013, ano 8, número 407

Nesta edição, a matéria de capa tratou sobre as finanças na rotina dos casais. O texto foi escrito pela jornalista Flávia Duarte e mostrou cinco casos relacionados ao tema, totalizando 10 personagens. Segundo a editora Cristine Gentil, essa pauta foi definida a partir de sugestão da repórter.

O primeiro caso relatado mostra a vida de um casal que trata do dinheiro de maneiras distintas. Enquanto a mulher poupa, ele gasta mais do que deveria. Há também a história de um casal que tem conta conjunta e de outro que tem contas separadas, mas as despesas divididas. Traz o caso em que as pessoas já

conversam sobre as finanças enquanto namoram e, por último, uma história sobre casais que se casam mais de uma vez e ambos já tem filhos: como administrar as finanças?

A utilização dos personagens foi fundamental para dar vida à história. Já no primeiro parágrafo da reportagem que tem como título: No amor e nas finanças, é possível perceber a liberdade da repórter ao escrever acerca do tema.

O discurso que sela milhares de uniões mundo afora prega o amor “na pobreza e na riqueza”. O “para sempre” pode até ser romântico e aparentemente despidido de qualquer interesse material, mas não é nem um pouco inteligente. Não dá para falar em casamento sem tocar em assuntos como despesas, orçamentos e planos financeiros. A temática parece fria e desagradável, mas é essencial, inclusive, para a sobrevivência do amor. Afinal, não há romance que resista a dívidas, crises monetárias e privações materiais. O consultor financeiro Álvaro Modernell estima que cerca de 2/3 dos divórcios têm problemas com dinheiro envolvidos. Boa parte deles por falta de conversa e planejamento. “Poucos falam de dinheiro no começo da relação. Falta clareza de como serão administradas as finanças ao longo da vida a dois. Na verdade, 80% das decisões financeiras do casal devem ser feitas em conjunto”. (DUARTE, 2013, p.22).

No trecho transcrito acima verifica-se que mesmo que haja maior liberdade nas expressões e palavras utilizadas, a matéria não deixa de lado a opinião dos especialistas e os dados estatísticos, porque afinal, a função de uma reportagem é informar.

No início do parágrafo, a repórter cita os discursos do casamento: “Na pobreza e na riqueza” e “para sempre”. Essa utilização de expressões do cotidiano de grande parte das famílias aproxima a história dos leitores, sejam eles casados ou não, fazendo com que eles queiram continuar a leitura, já que é como se o texto conversasse com eles.

Em todas as histórias, a repórter procura dar destaque aos personagens, mas sem deixar de lado as dicas dos especialistas sobre cada caso. A reportagem fica muito mais leve para poder continuar a leitura, já que as histórias são divididas em subtítulos. O leitor não precisa necessariamente ler a matéria inteira, pelos subtítulos ele pode escolher com que história ele se identifica mais para continuar a leitura.

A matéria contou com cinco subtítulos: Tudo junto; Contas separadas; Uma nova vida a dois e Os meus, os seus, os nossos.

A editora Cristine Gentil informou que após uma onda de crimes domésticos registrados na mídia, veio a ideia de fazer uma matéria diferenciada sobre a violência contra a mulher. Para isso, ela contou que a repórter Olívia Meireles passou dias na Delegacia da Mulher em busca de fazer uma matéria em forma de relato. A reportagem tem como título: Drama da vida privada.

Nesta edição, é possível perceber características do Novo Jornalismo, já que segundo Sousa (2008), o movimento permite aos profissionais se colocarem no lugar das fontes para tentar compreender aquilo que vão abordar. No decorrer da reportagem, percebe-se que a repórter se inseriu no ambiente sobre o qual ela gostaria de falar e escreveu a matéria como uma narrativa – característica da reportagem.

Tranca-se no armário. Ele fica batendo na porta. Até que cansa e a deixa em paz. Ela resolve passar a noite lá até ele se acalmar, quando acorda, fica preocupada se os vizinhos escutaram alguma coisa. Como vai esconder as feridas e os roxos? O que vai dizer para a família? Agora, está tudo silencioso. Resolve sair do esconderijo. Deita na cama ao lado do marido. Quando ele acorda, vê o estado dela. A culpa bate. “Desculpa! Desculpa! Desculpa! Eu nunca mais vou fazer isso de novo. Você é linda. Eu te amo, por favor, me perdoa.” Ele repete sem parar, enquanto a beija e a abraça. É o fim da agonia, uma sensação de alívio toma o seu corpo. Ela acredita. “Ele vai mudar! Dessa vez será diferente. Ele só estava nervoso. Eu também provoquei. Devia ter deixado ele me beijar. Não vou mais sair nem ligar pra ninguém. Assim ele fica feliz. Ele é tão carinhoso quando não está nervoso.” (MEIRELES, 2013, p. 25).

Nota-se no trecho transcrito acima o quão diferenciado foi a forma de redigir o texto. A descrição dos ambientes, os típicos discursos de homens que batem em mulheres, faz com que o leitor se sinta parte da história. A imaginação é a florada. Quem lê tem a sensação de estar naquele local e situação relatada. Observe esse outro trecho:

Um homem não resolve matar a mulher de uma hora para outra. Esse é um processo que começa no dia em que o casal se conhece. Vai evoluindo. A violência vai se tornando mais intensa, mais perigosa, e a saída, mais dramática. A história é sempre a mesma. Não importa a posição social e, muito menos, a idade. Uma mulher conhece um rapaz. Ele é calado e tímido, o que cria um ar misterioso que acaba a atraindo. Ao mesmo tempo que é discreto, ele sabe ser carinhoso e atencioso. É muito simpático e cortês com a família dela. Rapidamente, acaba envolvendo todo mundo no relacionamento. Em pouco tempo de namoro, propõe morar juntos, casar e firmar compromisso o mais rápido possível. Ela se sente protegida, querida e com alguém que lhe diga para onde tem que ir. (MEIRELES, 2013, p. 24).

A repórter foi contando como pode ser identificado um agressor. Ela utilizou recursos literários, tais como a construção cena a cena, frases curtas, descrição do ambiente e caracterização dos personagens.

Um ponto interessante dessa reportagem é que ela não tem personagens propriamente ditos. O texto narra desde onde a violência doméstica inicia e até onde ela pode terminar, com diálogos comuns no ambiente dos crimes, sem expor uma pessoa específica. A reportagem é dividida em três atos.

No primeiro ato, que tem como título: Quem bate e quem apanha, é apontado que não há um perfil exato do agressor ou de quem apanha, mas mostra a análise de uma psiquiatra da Polícia Civil que aponta que a formação cultural do casal tem influência nos casos.

No segundo ato, que tem como título: A violência no dia a dia, são mostradas as etapas que os casais passam até chegar à agressão, ao pedido de desculpas, à reconciliação e a nova agressão. Nessa parte, há uma dica do perfil do agressor retirada de um livro de um especialista em segurança para alertar aos leitores.

Já no terceiro ato, com o título: Liberdade, ainda que tardia, a reportagem aponta os canais de denúncia e as formas de se livrar da violência doméstica. Perceba que ao divulgar os canais de denúncia, um serviço está sendo prestado.

- Edição de 17 de março de 2013, ano 8, número 409

Nesta edição, a matéria de capa abordou sobre a obesidade infantil. Segundo a editora Cristine Gentil, essa pauta foi definida a partir de estudos sobre a obesidade. O título da reportagem é: Não dá para ficar parado.

De todas as reportagens analisadas, talvez essa seja a que mais se encaixe no modelo de matéria jornalística tradicional pela quantidade de informações com base em dados e fontes oficiais, porém ainda assim, o repórter utilizou expressões mais livres e contou com variados personagens para dar vida à narrativa. Perceba no primeiro parágrafo:

Quando se pensa em um grupo de crianças, a primeira imagem que vem à cabeça é uma correria desordenada, acompanhada de sorrisos, pulos, diversão e um contato social que só a tenra idade proporciona. Quando se pensa nessa turma, ela é imaginada em uma grande área aberta num dia de sol, com ar livre aos montes, sem muitos riscos além do de ficar cansado o suficiente para dormir a noite inteira. Essa cena, contudo, vem se tornando cada vez mais

rara. Em vez de espaços abertos, aparelhos de tevê ligados por horas a fio. A correria e os pulos estão ficando restritos aos personagens movidos por joysticks e telas sensíveis ao toque.(CAMPOS, 2013, p.23).

No trecho transcrito acima, a descrição do ambiente humaniza a reportagem, pois quem lê, consegue imaginar o fato descrito e até, em algumas vezes, coloca-se no lugar. O trecho dá maior nitidez à realidade descrita, abrindo a possibilidade dos leitores imaginarem e compreenderem essa realidade.

No decorrer da reportagem, a estrutura do texto é mais baseada em dados estatísticos, estudos, pesquisas e opiniões de especialistas, porém, ainda assim, a narrativa é mais leve do que uma matéria de um jornal diário, pois há a inserção de personagens em meio aos estudos e dados, o que aproxima o leitor do fato contado.

Publicado no site Teach.com, o estudo Tarqueting Children With Treats, de 2012, mostrou que o gasto anual do governo americano em propagandas de incentivo à prática de exercícios e alimentação saudável é de US\$ 51 milhões. Em contrapartida. A indústria de alimentos investe US\$ 1,6 bilhão todos os anos divulgando para as crianças alimentos pouco nutritivos e altamente calóricos. Fica difícil dizer não. Marcos Alexandre Freire, 8 anos, enche a boca para dizer que, se pudesse, praticaria atividade física 10 vezes por semana. Mas ao mesmo tempo não nega: adora salgadinhos. “Se eu pudesse escolher meu lanche, traria três chocolates, um salgadinho e um Toddynho. Só que eu pratico esportes e acho errado quem passa o dia no computador”, confessa. A colega Giovanna de Castro, da mesma idade, se diz viciada em manga. “Mas também traria um salgadinho para lanchar”, admite. (CAMPOS, 2013, p. 25).

Perceba que no trecho: “enche a boca para dizer que...”, o repórter utilizou uma expressão para mostrar a forma com que o personagem afirmou que gostava de praticar exercícios, um toque que humaniza o texto, fazendo com que o leitor imagine o jeito que a criança estava ao proferir a frase.

A reportagem também relata histórias de mães que tentam buscar uma boa alimentação para os filhos, além de influenciá-los a praticar atividades fora do mundo virtual. Para finalizar, há uma pequena entrevista pingue-pongue com especialistas mostrando que a tecnologia serve para ajudar as crianças com deficiência, já que existem games que influenciam as crianças a se movimentarem.

A matéria conta com 14 personagens e possui quatro subtítulos: O fator alimentação; As famílias se articulam, o Estado corre atrás; Mudança começa em casa e Games que curam.

- Edição de 24 de março de 2013, ano 8, número 410

A matéria de capa desta edição é a terceira de uma série chamada “Nosso Tempo”, que uma vez por mês vai aprofundar acerca de um tema relacionado com as produções da primeira década do século 21. A reportagem escrita pela repórter Maria Júlia Lledó abordou sobre a arte contemporânea. Como a chamada de capa diz, a matéria buscou mostrar: “Quem são os artistas e as obras que despertaram admiração, crítica, polêmica e desejos nos primeiros anos deste século”.

A estrutura dessa reportagem foi bem diferenciada. De texto corrido, a matéria só teve o início, no decorrer foram apresentados criadores e obras da arte contemporânea, num modelo de perfis, ou seja, contando a história de vida do autor e sua obra.

O que a estátua de um homem nu colocada no coração de uma metrópole e a reprodução da Mona Lisa, de Da Vinci, com calda de chocolate têm em comum? Ao seu modo, cada uma dessas obras tira o espectador da zona de conforto. Elas provocam os cinco sentidos, instigam novos pensamentos e constroem significados inusitados. Concebidos por Antony Gormley e Vik Muniz, respectivamente, essas obras são um exemplo de como a arte contemporânea questiona e se questiona a todo momento por meio de diferentes suportes – fotografia, pintura, desenho, instalação, performance, vídeo, escultura. (LLEDÓ, 2013, p. 23).

O trecho transcrito acima é o primeiro parágrafo. Perceba que em mais uma reportagem, o texto “mexeu” com a imaginação. A partir da descrição e caracterização do que é narrado, o leitor se aproxima da narrativa.

No decorrer da matéria, foram apresentados 12 artistas e suas respectivas obras. A repórter teve a liberdade de contar sobre o trabalho do determinado artista de forma livre, por meio de perfis. Em cada um deles, uma foto de uma das obras veio para ilustrar. Nessa reportagem, as imagens foram fundamentais. Elas completaram o texto e vice-versa.

Segundo Scalzo (2003, p. 58), “o texto, por mais perfeito que seja, será melhor compreendido e atraente quando acompanhado de uma boa fotografia ou de um infográfico bem feito”. E foi exatamente esse recurso bastante utilizado na montagem do especial dessa edição.

Quem pensaria em fazer uma obra de arte com pasta de amendoim, chocolate ou geleia de morango? A resposta? O paulista Vik Muniz, 52 anos. Inquieto, ele começou a experimentar essa diferente “paleta de

cores” cinco anos depois de ter se mudado para Nova York. (LLEDÓ, 2013, p. 23).

Perceba no trecho acima que faz parte de um dos perfis. Na primeira frase, a repórter utiliza o tipo de arte inusitada para fazer uma pergunta que acaba chamando a atenção dos leitores para continuarem a leitura e descobrirem a resposta. Mais a frente, é descrita uma das características do artista: inquieto.

No decorrer da reportagem, dentro de um dos mini perfis, há também a divulgação de uma exposição, o que traz o texto ainda mais para a realidade de quem lê, já que sabendo que tal exposição está em cartaz, ele pode assistir caso o interesse. A repórter também utilizou um “você sabia” com curiosidades e dicas de leitura sobre a arte contemporânea.

Nessa reportagem, é possível perceber claramente, que além de informar, foi prestado um serviço à população.

- Edição de 31 de março de 2013, ano 8, número 411

Nesta edição, a reportagem de capa foi uma reflexão da religião Católica no domingo de Páscoa. Segundo a editora Cristine Gentil, também teve influência na definição da pauta a eleição no Novo Papa. A primeira parte da reportagem foi escrita pela repórter Gláucia Chaves e as demais pelo repórter Gustavo Torres.

A reportagem foi dividida em quatro partes. A primeira tem o título: Religião a flor da pele e conta com seis personagens, que dão vida ao assunto: meditação cristã.

O jardim da casa em que Maria da Glória Moura vive ainda conserva as árvores do cerrado, da época em que não havia quase nenhuma construção no Lago Sul. A professora de 76 anos fez questão de manter as plantas, além de acrescentar algumas mudas de jabuticaba. Para ela, estar em contato com a natureza é o melhor modo de se conectar espiritualmente a Deus. “Os pássaros cantando, o mar, as montanhas, tudo tem beleza. Não sei como alguém pode ver isso e não acreditar em Deus.” É no imenso espaço verde que ela pratica a chamada meditação cristã. (CHAVES, 2013, p.22).

Perceba no trecho transcrito acima que a repórter descreveu o ambiente no qual a personagem realiza sua meditação. Observa-se que tal leitura, possibilita ao leitor a “viagem” até o local narrado, sentindo as sensações descritas, bem como suas energias e vivências.

Na segunda parte há uma entrevista pingue-pongue exclusiva com a principal autoridade da meditação cristã, Dom Laurence Freeman – que foi treinado por John Main (falecido), o precursor da meditação - o que atribui credibilidade à revista e chama a atenção para o assunto. O título da entrevista é: “Meditação é o fim da solidão”.

Há dois boxes nas duas páginas onde a entrevista foi diagramada. O primeiro, presta um serviço aos leitores, já que divulga um calendário dos eventos nos quais a autoridade vai participar no Brasil. O outro box trata das origens da meditação e ensina como meditar. Essas duas características são bem interessantes, pois além de prestar um serviço ao leitor, é um convite para que as pessoas conheçam o tema e até pratiquem, já que há o ensinamento.

Logo após a entrevista, vem uma reportagem com o título: Um outro olhar, que trata sobre a Teologia da Libertação e as experiências de missionários. Ela contou com dois personagens que foram fundamentais para ilustrar o tema tratado.

Igor Fernando Suriano e Isabela Lobo, 26 e 22 anos, respectivamente, podem até não ser adeptos da Teologia da Libertação, mas entendem muito bem o conceito de levar a religião para além das paredes da Igreja. Os dois são missionários e viajam de tempos em tempos para diferentes países, com o objetivo de ajudar comunidades locais e ensinar o Evangelho. Igor foi ao Haiti, em 2012, trabalhar em orfanatos e voltou recentemente de uma missão que passou por Burkina Faso, na África, e pela Holanda. O advogado faz parte ainda de uma ONG chamada Mocidade para Cristo, que realiza ações em escolas com palestras por meio do projeto Escola da Vida. Com o projeto Superação, ele visita internos (e familiares de internos) do Centro de Atendimento Juvenil Especializado (antigo Cajé) e do Centro de Internação de Adolescentes Granja das Oliveiras (Ciago). (TORRES, 2013, p.27).

Perceba no trecho transcrito acima que embora tenha sido de forma mais objetiva, o que se assemelha ao jornalismo tradicional, o texto ainda assim conseguiu ir um pouco além do que só contar que o personagem viajou em uma missão. Nota-se que o trecho mostra como funciona o projeto, quem é visitado por ele, porém de forma mais enxuta, ou seja, menos descritiva do que em outros textos.

Mais a frente, é relatada a experiência de Isabela.

Já Isabela passou um ano em Viña Del Mar e em Santiago, no Chile, para realizar projetos com garotas adolescentes. Lá, a estudante de publicidade, que faz parte de uma rede de voluntariado internacional, conta que ajudava em projetos de ação social em comunidades carentes que tinham como objetivo incentivar o desenvolvimento de aptidões intelectuais e humanas, “para o jovem, no futuro, querer o

bem do próximo”. No começo, o principal desafio foi se adequar ao propósito da viagem. Afinal de contas, Isabela não foi como turista, não estava a trabalho, nem mesmo era, necessariamente, uma intercambista. “Você não se sente nenhuma dessas coisas. Foi o momento de me alinhar aos objetivos e me adequar ao tipo de vida que passaria a ter, o de voluntária”, resume. (TORRES, 2013, p.27).

Assim como no relato de Igor, o repórter foi descrevendo a experiência de vida da garota na missão. “Em busca das origens” foi outra matéria sobre a meditação e contou a história de Maria Idalina de Santana.

A vida moderna, corrida e atribulada, muitas vezes, não deixa sobrar um tempinho para encontrar a espiritualidade fora de casa. O jeito, então, é tentar trazer a fé para mais perto de si. Maria Idalina de Santana, ou apenas Lia, como gosta de ser chamada, usa uma tradição aprendida com a mãe para não deixar de estar em contato com o que acredita. Desde pequena, a administradora, de 49 anos, via na mãe um exemplo de religiosidade. Lia conta que a mãe participava de um grupo de vizinhos que revezavam a imagem de Nossa Senhora da Aparecida. A cada dia, a imagem ficava na casa de uma pessoa. No fim da tarde, a santa é repassada a outro vizinho. (TORRES, 2013, p.28).

O trecho acima corresponde ao lide da reportagem. Veja que não há aquele padrão objetivo de responder às seis questões principais. Trata-se de uma narrativa jornalística que conta os costumes de uma mulher, além de ser uma pauta fria que não contém nada de factual.

Essa reportagem foi escrita como uma narrativa da vida religiosa de uma pessoa, trazendo o assunto meditação para mais próximo do leitor, pois com a leitura, é possível se familiarizar com a história.

Para finalizar, a reportagem contou com uma entrevista pingue-pongue com um Frei para explicar a prática, além de contar com a opinião do entrevistado sobre a escolha do Papa Francisco, o que é importante para o interesse público, principalmente dos católicos.

6 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Diante dos pontos tratados no decorrer dessa pesquisa, foi possível concluir que a Revista do Correio humaniza os textos no sentido de se importar com o ser humano dentro e fora das reportagens, o que traz vida à narrativa. Um ponto interessante que pode ser percebido é que, embora haja mais liberdade na redação das matérias, o texto continua sendo tão jornalístico quanto um de um jornal diário.

A diferença básica está na redação dos textos, principalmente no lide – abertura -, onde pode-se fugir da regra do “o que, como, por que, para que e onde” e que em textos humanizados é possível ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, ou seja, ir além do factual. Tanto no jornalismo tradicional quanto no humanizado, a apuração aprofundada é utilizada.

A Revista do Correio não tem, necessariamente, o foco em temas quentes, porém até com um tema do momento, como no caso da reportagem sobre a violência doméstica, foi possível perceber como é importante pensar em abordagens diferenciadas. O texto, apesar de ocupar seis páginas, foi redigido de uma maneira tão descritiva, que acaba prendendo o leitor do início ao fim.

O público quer se sentir parte das histórias e como foi analisado, a Revista do Correio conseguiu fazer isso nas cinco matérias estudadas, embora em umas mais que as outras. As reportagens têm em comum o fato de descreverem os ambientes e personagens, inserir histórias reais na narrativa, mexerem com a imaginação do leitor, além de utilizarem expressões e termos da vida cotidiana das pessoas.

Essa é a essência da humanização: fazer com que o ser humano tenha seu espaço dentro e fora da reportagem. Conclusões mais definitivas sobre a Revista do Correio deveriam englobar um maior número de reportagens analisadas.

Essa pesquisa mostra apenas um dos caminhos que o jornalismo pode seguir. Ainda há muito o que se refletir sobre a humanização de reportagens jornalísticas. Este trabalho contribui para que seja pensado sobre inserir esse tipo de reportagem nos jornais diários ou até mesmo aperfeiçoar o uso nas revistas ou publicações que já são humanizadas. Essa abordagem pode ser uma alternativa para que não seja declarada a morte dos jornais impressos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. *Jornalismo: Matéria de Primeira Página*. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

COTTA, Pery. *Jornalismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005.

DINES, Alberto. *O papel do jornal*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1986.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

IJUIM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. *Revista Comunicação Midiática*, São Paulo, ano 7, n.2, p. 117-137, maio/ago. 2012.

IJUIM, Jorge Kanehide; URQUIZA, Moema Guedes. Autoria e humanização em Neide Duarte. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, ano 6, n. 1, p. 85-97, jan./jun. 2009.

KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa: análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, ano 6, n.1, p. 71-83, jan./jun. 2009.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>> Acesso em: 01 abr. 2013.

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. 2.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2001.

Anexo A

Revista do CORREIO

CORREIO BRAZILIENSE
domingo, 3 de março de 2013. ano 8. número 407

TRANSTORNOS DA MENTE

Cerca de 9% da população brasileira
têm algum tipo de doença mental

AMANTES DA AVENTURA

O que leva cada vez mais mulheres
a praticarem esportes radicais

Vamos fazer as **contas?**

Por que é tão difícil para os casais conversar sobre dinheiro? Casar significa também unir rendas, dividir despesas, traçar metas e encontrar um planejamento financeiro que atenda os desejos de consumo individuais. Conheça histórias de parcerias bem-sucedidas



No amor e nas finanças!

POR FLÁVIA DUARTE

Casamento significa parceria, inclusive na hora de multiplicar os ganhos e dividir as despesas. Especialistas dão dicas de como lidar com o dinheiro na vida a dois

O discurso que sela milhares de uniões mundo afora prega o amor "na pobreza e na riqueza". O "para sempre" pode até ser romântico e aparentemente despojado de qualquer interesse material, mas não é nem um pouco inteligente. Não dá para falar em casamento sem tocar em assuntos como despesas, orçamentos e planos financeiros. A temática parece fria e desagradável, mas é essencial, inclusive, para a sobrevivência do amor. Afinal, não há romance que resista a dívidas, crises monetárias e privações materiais. O consultor financeiro Álvaro Modernell estima que cerca de 2/3 dos divórcios têm problemas com dinheiro envolvidos. Boa parte deles, por falta de conversa e de planejamento. "Poucos falam de dinheiro no começo da relação. Falta clareza de como serão administradas as finanças ao longo da vida a dois. Na verdade, 80% das decisões financeiras do casal devem ser feitas em conjunto."

O problema é que muitos casais enfrentam um desconforto ao falar sobre o tema. Segundo a psicóloga, especialista em finanças, Cleide M. Bartholi Guimarães, a resistência é resultado de anos de tabu, em que ficou proibido misturar amor e dinheiro. Autora do livro *Até que o dinheiro nos separe*, ela afirma que os temas, no entanto, são indissociáveis. Na época medieval, por exemplo, o casamento foi criado como uma forma de proteger a herança das famílias. A partir do século 17, a mulher carregava consigo o valor de um dote, o que a fazia valer muito mais pelo dinheiro do que pelas qualidades propriamente ditas. No século 19, o discurso mudou. O amor romântico pregava ilusões como "uma cabana e um amor" e falar de contas era o mesmo que atribuir cifras a uma relação.

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, ficou mais difícil para o casal não debater o orçamento. Antes, o homem era o único provedor, o que lhe permitia, muitas vezes, controlar o dinheiro da família de maneira autoritária e sem pedir a opinião da esposa. Hoje, isso é quase impossível, especialmente porque elas também pagam as contas, e sem a contribuição feminina ficaria difícil aumentar o patrimônio da família, na maioria dos casos.

A conversa, espinhosa para alguns casais, torna-se assim, praticamente indispensável. "Nosso desafio hoje é justamente superar esse desconforto e aprender a lidar com essas questões. O dinheiro faz parte do casamento, assim como o sexo, mas alguns ainda carregam essa dificuldade de abordar o tema", afirma Cleide. "É importante frisar que conflitos envolvendo dinheiro nem sempre estão ligados a ele, mas po-

dem estar apenas na porta de entrada de uma série de outros problemas, muitas vezes relacionados com amor, poder, controle, dependência, injustiças, comunicação", acrescenta.

Para especialistas em finanças, quanto mais cedo abordar a questão, mais fácil será lidar com a soma de ganhos e de despesas. A psicóloga Cleide Bartholi é defensora de que as primeiras abordagens sobre como cada um ganha e gasta devem começar ainda no namoro. Querer impressionar a candidata e pagar todas as contas pode ser uma furada quando, a longo prazo, o lazer precisará ser dividido, por exemplo. Planos individuais também precisam ser considerados, especialmente se o sonho de um é viajar o mundo e gastar sem contenção, enquanto o do outro é comprar a casa própria e aumentar a poupança. "Outro tema que deve ser discutido antes do casamento é o significado do dinheiro para cada um", acrescenta a psicóloga. Afinal, quando duas pessoas se unem, elas também levam junto as crenças e os hábitos familiares.

Foi o que aconteceu com a jornalista Marília Cardoso, 28 anos. Ela conheceu o marido, o bancário Kauê Khouri, da mesma idade, há oito anos, e logo percebeu que a forma que foram ensinados a tratar o dinheiro era bastante distinta e, se não fosse negociada, seria praticamente incompatível. Ela, controlada, poupadora, daquelas que paga tudo à vista. Ele, esbanjador, gastava mais do que ganhava, queria curtir o hoje sem pensar no amanhã. Impossível unir contas bancárias tão diferentes. "Na casa dele, todos lidavam com o dinheiro da mesma forma."

Marília pegou no pé do então futuro marido. A relação entrou em crise, mas preferiram salvar a união e se enquadram. Ela ficou um pouco mais relaxada. Cede um prazer ou outro em benefício do casal. "Eu, por exemplo, não queria fazer uma viagem para Cancun agora, mas acabei aceitando." Kauê também aprendeu a controlar melhor os gastos, embora precise estar sempre vigilante para evitar os excessos. Encontraram artifícios para manter as contas em ordem. Kauê paga as contas da casa. Assim, não ter chance de torrar o excedente. Marília faz o papel de poupadora. Juntos, traçam planos para que o dinheiro seja sempre um aliado. "A ideia não é poupar para sentar em cima do dinheiro, mas guardar para realizar sonhos."

A experiência com o marido transformou-se em livro. Ela escreveu *Você sabe lidar com o seu dinheiro?*, em 2004,

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brejeira, domingo,
3 de março de 2013

22 • 23



Marília Cardoso e o marido, Kauê Khouri, lidavam com o dinheiro de forma distinta. Durante o processo de chegarem a um denominador comum, ela escreveu um livro

depois de entrevistar especialistas e casais para criar uma espécie de manual sobre como administrar melhor a conta bancária. "No Brasil, falar de dinheiro ainda é tabu. Os casais têm medo de serem controlados se disserem o quanto ganham", diz a escritora.

Nada melhor que colocar as contas e os projetos no papel. "Não importa quanto se ganha, mas como se gasta", defende Gustavo Cerbasi, especialista em educação financeira e autor do livro *Casais inteligentes enriquecem juntos*. E isso precisa ser feito em conjunto, afinal, casamento é uma união que inclui planos e investimentos. "Quando tiramos a questão emocional, temos que pensar que o casamento é um negócio. Se o casal separa tudo, convidamos a refletir o que querem construir juntos", propõe Rogério Olegário do Carmo, consultor financeiro pessoal e autor do livro *Família, afeto e finanças*, em parceria com a esposa, Angélica Santos, psicóloga especialista em educação financeira.

Como cada casal fará isso é questão de acertos. Não há uma fórmula única de sucesso, mas tentativas e erros. O que vai definir como as despesas e os investimentos serão acertados é a rotina e a renda de cada par. Há inúmeras possibilidades. Alguns que preferem somar o meu, o seu e criar o nosso. Outros apostam na divisão dos gastos proporcional à renda e o resto é cada um por si. "O importante é cumprir o combinado: a distribuição do pagamento das contas e o esforço conjunto da poupança. Não adianta um se esforçar mais que o outro. Você não toma uma decisão financeira sem ouvir o outro. Casamento é o contrato de uma convivência em comum", defende Eduardo Coutinho, coordenador do curso de administração e consultor financeiro do Ibmec. ►

Para quem está em crise por causa das finanças

"Crise por conta de dívidas pode significar uma série de coisas. As principais são: insatisfação com o trabalho ou com o casamento; pouco ou nenhum conhecimento sobre as vidas com o dinheiro; escolha de modelos de gestão de dinheiro e de investimentos ultrapassados; falta de diálogo entre os cônjuges e falta de limites para pais e filhos. Nesses casos, não há fórmulas mágicas. Nossa sugestão é buscar ajuda terapêutica ou de um bom consultor financeiro, ou, talvez, as duas ações juntas."

Por Rogério Olegário

"A solução é, antes tarde do que nunca, adequar o estilo de vida à capacidade de pagamento do casal. Recomendamos que o casal se desfaga de bens de grande valor que permitam acabar com as dívidas. Se for possível, resolver o problema vendendo bens como televisores e joias, ômnibus. É o que deve ser feito. Caso o valor de venda do automóvel resolva o problema, façam dinheiro e quitem as dívidas, mesmo que tenham que assumir um financiamento. Isso sairá mais barato que dívidas no cartão e cheque especial. Em casos graves, a recomendação é se desfazer da casa própria, mesmo que não quitada, e alugar ou comprar outra moradia de preço inferior. O objetivo é passar a ter verba para uma vida com mais qualidade. Quando o casal assume um estilo de vida mais simples em busca de verbas para cuidar do relacionamento, como fazia no namoro, surge um novo fôlego para a relação."

Por Gustavo Cerbasi

Para quem já cuidou da família, tem patrimônio e agora quer cuidar de si

"A riqueza pode ser a porta de entrada para uma vida de facilidades. É maravilhoso para um casal ter independência financeira e poder desfrutar, juntos, de tudo o que construiu. É possível viajar livremente, ter hobbies, colaborar com algum trabalho social voluntário, pois já não é mais preciso preocupar-se com a sobrevivência. Enfim, poder estudar, se divertir, descansar e curtir muito a vida é sensacional. E é claro que tudo isso vai se refletir positivamente na convivência conjugal, pois os dois poderão se sentir leves e felizes. E, no caso de doenças, o casal tem estrutura econômica para buscar bons tratamentos."

Por Angélica Rodrigues Santos

"É importante prever que, mais cedo ou mais tarde, esse patrimônio será unido com a morte de um dos dois. Por isso, nada melhor do que planejar, em vida, a organização disso. Não há nada errado em manter investimentos e bens separados, principalmente por que declarações de imposto de Renda separadas trazem o dobro de limites de isenção. Mas o casal deve fazer planos para o uso do dinheiro e do patrimônio, de forma que ambos se sintam parte da construção e da preservação do outro. Não há nada pior do que descobrir somente após a partida do outro que o casal poderia ter levado uma vida com mais recompensas."

Por Gustavo Cerbasi

União perigosa

► Cada um dos cônjuges tem uma maneira de gastar o dinheiro. Mas, entre as combinações possíveis, as mais perigosas são as que unem dois descontrolados ou um descontrolado e um desligado. O descontrolado é quem não controla suas finanças e gasta mais do que ganha. O desligado é o que não controla as finanças, mas gasta menos do que ganha. O primeiro está quebrando em ritmo acelerado, enquanto que o segundo está perdendo oportunidades de tornar seu patrimônio mais produtivo.

Marcos Ferreira/CE/D.A. Press



Carolina Barretto e Wagner Freire mantêm uma conta conjunta: economista, ele gerencia todas as despesas e receitas e anota tudo em planilhas

Tudo junto

Uma das formas de unir o orçamento é somar os rendimentos, literalmente. Há casais que preferem ter uma conta-corrente conjunta, em que se deposita o salário de ambos e a administração da casa é responsabilidade dos dois. O dinheiro é usado para pagar todos os gastos em comum, e as despesas pessoais são previamente acordadas. Eles criam uma espécie de mesada para cada um.

A professora Carolina Barretto, 33 anos, e o economista Wagner Freire, 45, estão juntos há 14 anos. Ela mesma se define como imediatista. Antes, conta, gastava sem culpa, para se agradar e paparicar amigos e parentes. Ele, como bom economista, acha que dinheiro deve ser controlado e os gastos, bem planejados. Assim, desde o início

do namoro, ele incentivava a futura esposa a fazer uma poupança. "Ele dizia para guardar entre 20% e 30% do que eu ganhava, independentemente do objetivo", conta a professora.

Desde então, eles definiram que o modelo ideal seria unir as rendas individuais. "A gente não funcionaria se tivéssemos contas separadas", comenta Carolina. Ela preferiu não se preocupar com as contas. Deixa a rotina de matemática para o marido. Ambos retiram uma porcentagem mensal para gastos pessoais. Quando surge um sonho de consumo individual ao longo do caminho, eles definem juntos como começar a poupar para que o desejo se torne realidade.

O resto é meticulosamente planejado. São inúmeras planilhas coloridas nas quais estão previstas as despesas rotineiras e as que virão ao longo do ano. "Tenho uma planilha com 12 categorias de despesas e suas correspondentes subcategorias; além de

inúmeras outras planilhas acessórias para controles específicos. A mesma análise se aplica às receitas. Tenho reservas financeiras para inúmeras finalidades, como impostos (IPVA, IPTU e IRPF), viagens de férias, manutenção e serviços com veículos", explica Wagner. Esses fundos, no entanto, só são usados em último caso. A regra é sempre ajustar o orçamento antes de retirar o que foi poupado.

Para esse casal, dinheiro deve ser guardado para emergências. Futuro e presente precisam ser bem planejados. O filho deles, João Francisco, de 5 anos, tinha uma poupança dois anos antes de nascer. Entre eles, até as despesas rotineiras, como salão ou uma ida ao restaurante, são previstas no papel a longo prazo. E assim o casamento segue em harmonia. "Sendo disciplinado e seguindo dicas de como conviver bem com suas finanças pessoais, penso que a vida será mais prazerosa e sem tanta turbulência", acredita Wagner.

A opinião dos especialistas

- Unir em uma conta conjunta o salário do casal, pode ser uma boa alternativa quando um dos cônjuges é um pouco mais consumista ou desorganizado com as finanças. Nesse caso, o mais controlado administrará melhor os gastos da família e os rendimentos.
- O coordenador do curso de administração e consultor financeiro do Itmec, Eduardo Coutinho, alerta, no entanto, que, nesse tipo de negociação, pode-se perder a liberdade com gastos pessoais. Nesse caso, ele sugere que se verifique o que é despesa individual e o que é despesa do casal, para proporcionar bem-estar a ambos.
- O ideal é que a conta conjunta seja controlada pelos dois. "Um parceiro que não tem acesso livre ao dinheiro do casal, seja qual for o motivo, não consegue construir sua identidade financeira, por estar submetido ao controle do outro", alerta a psicóloga Cíntia Bartholi, especialista em questões financeiras.

CORREIO
BRAZILIENSE

Brasília, domingo,
3 de março de 2013

24 • 25

Contas separadas

Outra maneira de organizar a vida financeira depois do casamento é manter uma administração independentemente do dinheiro. Na prática, as contas são divididas entre o casal, de forma igualitária ou proporcional ao que cada um ganha. Quitadas as despesas da casa, cada um usa o salário da melhor maneira que lhe convier. Na relação da professora Jaqueline dos Anjos, 31 anos, e do policial Gustavo Araújo, 36, a regra que vale é dividir as contas de acordo com o rendimento de cada um. Nada de contas conjuntas. "Manter minha conta separada é como manter minha individualidade", considera Jaqueline, que é casada há mais de uma década. "Nunca vimos necessidade de unir as contas. Ela é muito parceira e me ajuda bastante", acrescenta Gustavo.

Ele ganha mais, assim, arca com uma parte maior da despesa da família. Ela fica com uma parcela menor das contas, mas, ainda assim, sobra uma parte para que cada um gaste com os prazeres pessoais. Gustavo aplica sua sobra em materiais esportivos ou em presentes para as filhas, Beatriz, 10 anos, e Natália, 6. Jaqueline, como toda mulher vaidosa, prefere gastar com roupas, sapatos e idas ao salão. "Não me meto nos gastos dela, mas questiono quando me pede dinheiro emprestado. Aí, tentamos conversar para ver se não há gastos desnecessários", explica Gustavo.

Quando surgem planos em comum, como viagem de férias ou troca de carro, eles começam a poupar. Cada um guarda o montante que o salário permite e, assim, realizam desejos em comum. A próxima meta do casal, por exemplo, é comprar um apartamento. Para isso, vão definir a parte que cada um contribuirá sem sufocar o orçamento de só um deles. ➤

Zuleika de Souza/CBOA Press



Jaqueline dos Anjos e Gustavo Araújo dividem as despesas da casa, mas mantêm a individualidade financeira com a sobra do dinheiro

Gustavo paga

- Condomínio
- Luz
- Parte do aluguel
- Alimentação
- Telefone
- Lazer da família
- Escola da filha mais velha
- Prestação do carro mais novo

Jaqueline paga

- Empregada
- Escola da caçula
- Conta de água
- Parte do aluguel
- Prestação do carro mais barato

A opinião dos especialistas

- Controlar as contas de forma independente pode ser arriscado quando uma das partes do casal perde o controle dos gastos e não consegue pagar as contas em dia ou administrar o dinheiro de maneira a quitar todas as despesas de sua responsabilidade.
- Na hora de dividir as contas que competem a cada um, os casais podem optar por dividir meio a meio ou separar as despesas de maneira proporcional aos ganhos. "Os gastos devem ser proporcionais aos diferentes níveis de renda. É o mais justo", opina Eduardo Coutinho, professor do Ibmec.

- O especialista em educação financeira Gustavo Cerbasi alerta sobre a diferença salarial, nesse tipo de acordo. Quando a renda não é somada, pode haver uma desigualdade de salários. "Quem ganha menos se sacrifica para acompanhar o que ganha mais. O outro, por sua vez, tem que limitar os gastos pessoais. Por isso, o ideal é unir as contas. Assim, a soma da renda de ambos vai determinar o estilo de vida do casal", defende.
- "Quem ganha mais tem maior parcela de contribuição no sonho do casal. Não importa quanto cada um ganha, importa que ambos estejam se esforçando para realizar sonhos", Gustavo Cerbasi ensina.

Casar significa mais que a união, sob o mesmo teto, de duas pessoas que se gostam. Na prática, é somar pensamentos divergentes, prioridades e objetivos distintos. No meio do caminho, adicionar despesas, dividir gastos e multiplicar ganhos. Encarado com maturidade financeira, o casamento pode unir duas pessoas dispostas a aumentar o patrimônio. Por isso, a dica é falar de dinheiro desde o namoro para evitar surpresas e desencantamentos ao longo dos anos de convivência. "A falta de educação financeira faz as pessoas pensarem que conversar sobre dinheiro é algo deslegrado. Na verdade, esse assunto deve ser tratado como algo natural e pertinente à vida em sociedade, como comer ou se vestir", defende a psicóloga Angélica Rodrigues Santos, consultora da Libratta Finanças pessoais.

Ela e o marido, Rogério Olegário, autores do livro *Família, afeto e finanças*, comentam que, não raro, são procurados por jovens casais que chegam assustados diante das novas responsabilidades e das contas a pagar. "É uma mudança de vida quando você sai da casa dos pais e precisa cuidar de todas as despesas. Muitas vezes, o padrão de vida cai e as pessoas precisam estar preparadas para isso", explica Rogério.

Pensar no plural é importante, mas sem se esquecer do singular. Gustavo Cerbasi, autor do livro *Casais inteligentes enriquecem juntos*, defende que, desde os primeiros anos juntos, cada casal, apesar de planejar o futuro a dois, deve manter a rotina individual daquilo de que gosta de fazer e que custa dinheiro. "A família não pode ser maior que o indivíduo. Alguns casais falam da 'nossa casa', 'nossa decoração', mas não falam 'de sonhos, da carreira e da roupa que quer vestir'", lamenta.

Quando a vida começa a girar em torno de um casamento, a frustração pode surgir, jogando pelo ralo o sonho de dividir a vida com alguém. Sem a individualidade, sobra só a rotina e as obrigações de casal. Por isso,

Uma nova vida a dois

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
3 de março de 2013

26 e 27

Recém-casados, Thais Basto e Diego Albano fazem todo o planejamento financeiro juntos, mas sem comprometer a realização dos sonhos individuais

o ideal é manter, paralelamente ao casamento, os gostos e os planos individuais, claro, que com a aprovação e o consentimento do outro. "Se não der certo, pelo menos a frustração será menor quando concluírem que tentaram balancear o sonho de cada um", considera Cerbasi.

Casados há um ano e quatro meses, a servidora pública Thaís Basto e o bancário Diego Albano, ambos de 30 anos, planejaram cada detalhe da união. Juntos há oito anos, só decidiram trocar alianças quando as finanças estivessem mais fartas. Desde o noivado, tinham uma planilha com o que deveria ser investido no apartamento, na reforma, na mobília, além da festa e da lua-de-mel. Quando tudo foi feito, estavam livres de dívidas e com a cabeça tranquila para curtir a vida juntos e fazerem novos planos.

Na nova rotina, eles mantiveram as planilhas. Cada um tem a sua, além de outra com os gastos em comum. Ele ganha mais, paga mais. Thaís arca, então, com uma parcela menor do orçamento. A parte que lhe sobra, ela guarda ou gasta com aquilo de que gosta: sapatos. Diego também é investidor e seu hobby é comprar vinhos para apreciar com os amigos e objetos eletrônicos para curtir nas horas de folga. "Nas compras de supermercado, ele sempre coloca uma bebida, mas quem paga é ele. Acho caro gastar tanto com isso, mas respeito. O dinheiro é dele", comenta ela. "Você trabalha, dá um duro danado, e tem direito a um prazer sem o cônjuge interferir", atesta ele.

É justamente por respeitar os gostos individuais que eles se dão bem. Diego, por exemplo, começou a fazer um "fundo para a Copa". Vai juntar dinheiro para assistir aos jogos da competição em diferentes cidades. Thaís não se importa, porque sabe que, paralelamente, o marido também faz planos para os dois. Agora, por exemplo, estão de malas prontas para a Europa. Ele pagou a viagem, ela está arcando com outros gastos, como hospedagem. A próxima meta é trocar o apartamento. "Desde o namoro, nosso objetivo era nunca ter problemas com o dinheiro. Por isso, planejamos tudo", diz Thaís. ►

A opinião dos especialistas

"O início do casamento é a fase mais crítica, na qual grandes escolhas são feitas e os maiores erros também. Os recém-casados devem entender que o que motivou a união foi uma capacidade de terem qualidade de consumo. Isto é, de criarem momentos românticos, presentes e situações apaixonantes, que aproximaram o casal. O maior erro a cometer nesse momento é caprichar demais na moradia, no carro e no plano de saúde e deixar de lado a verba para o 'namoro'. Regra básica: diminuir o valor dos grandes gastos, como moradia e automóvel, e aumentar a verba para qualidade de vida. Uma vida mais simples será sinônimo de uma vida mais rica em opções de consumo. O aluguel é bem-vindo, pois jovens querem mudanças na sua carreira e a imobilidade trazida por um financiamento de longo prazo pode atrapalhar planos de subir na vida."

Por Gustavo Cerbasi

- Converse sobre as finanças do casal. Quanto mais claras e justas as regras, menos problemas.
- Assim que passar a euforia da lua-de-mel e o casal começar a sentir o gostinho do começo da rotina, é recomendável que comecem tirar algumas horas para organizar a rotina financeira. Definir parâmetros, estabelecer prioridades, combinar regras, compatibilizar expectativas e esclarecer o que for preciso. Melhor fazer isso no começo do casamento.
- Estabeleça objetivos financeiros e patrimoniais de curto e longo prazos.
- Otimize as contas e as despesas: escolham um mesmo banco, uma mesma operadora de celular, pacote de internet, definam um único clube e eventualmente mantenham um único carro ou estabeleçam um rodízio para compra do carro novo.
- Pensem, planejem e poupem para a chegada de filhos.

Por Álvaro Modermell

Para começar

No livro Família, afeto e finanças, os autores Angélica Santos e Rogério Olegário dão dicas de como começar a organizar, na ponta do lápis, a vida financeira da família.

- 1** Façam um "plano de voo": na prática, é elaborar um plano que defina ou programe, antecipadamente, tudo o que você e a família pretendem realizar com o dinheiro que têm. Fazendo isso para cada sonho ou compromisso futuro, vocês saberão exatamente quanto aplicar a cada mês para realizá-los. A partir desse cálculo, é só planejar os gastos do mês e do dia a dia com o que sobrar.
- 2** Estabeleçam um modelo de divisão de ganhos e gastos na família: faça uma previsão de tudo o que a família fará com o dinheiro. O objetivo principal é criar uma visão geral do orçamento. Saiba para onde está indo o dinheiro, pague tudo à vista e encare o futuro com planos concretos. Para isso, elabore quatro planilhas: receitas, despesas futuras, despesas mensais e despesas do dia a dia.
- 3** Receitas: são todos os valores líquidos pagos à família: salário, aposentadoria, renda de trabalho liberal, pensão, aluguéis, venda de bens, dividendos, restituição de Imposto de Renda etc.
- 4** Despesas futuras: nesse tópico aparecem as despesas que são impostas pelo governo, como IPTU, IPVA, imposto de Renda; além de presentes de aniversário, de casamento, nascimento; obrigações familiares, como matrícula e material escolar. Inclua as despesas futuras criadas pela família, como reserva financeira para a aposentadoria, viagens, faculdade dos filhos, cursos de aperfeiçoamento, compra e manutenção da casa, aquisição e manutenção do carro, entre outras.
- 5** Despesas mensais: são aquelas que todos normalmente se lembram, pois, caso se esqueçam de pagá-las, haverá prejuízos, como multas e juros ou cortes de serviços. São elas: academia de ginástica, aluguel, prestações em geral, condomínio, financiamentos, empregada doméstica, TV a cabo, cheques pré-datados, empréstimos, cursos, atividades extracurriculares, clubes, consórcio, previdência privada, plano de saúde etc.
- 6** Despesas do dia a dia: são despesas que ocorrem uma ou mais vezes ao longo do mês e têm correlação com o dia a dia da casa ou dos membros da família. É fundamental definir valores médios de cada item, bem como sua frequência mensal. Inclua supermercado, feira, açougue, padaria, combustível, estacionamento, lazer.
- 7** O voo: com essas anotações, comparem com o "plano de voo" (metas). Faça isso mensalmente. O objetivo é chegar ao fim do mês com o saldo de suas planilhas em zero ou próximo de zero, mas positivo. Se sobrou dinheiro, é hora de criar outros objetivos.



Cristina Moura/CPD A Press

Os meus, os seus, os nossos

O matrimônio pode ser selado em diferentes fases da vida. Inclusive é mais do que normal se casar mais de uma vez. Nesses casos, devem ser incluídas nas contas da nova família as despesas com a anterior. "A formação de casais está mais diversificada do que há 30 anos. Muitos não estão na primeira união e podem ter outro filho, o que compromete o orçamento", considera o consultor financeiro Álvaro Modernell. Assim, é preciso colocar no lápis quais são os gastos com meu filho, os com seu filho e as despesas dos nossos. O ideal é que todos tenham acesso às mesmas oportunidades.

Essa é uma chance, inclusive, para repensar os custos da vida a dois. "Eliminem ações e comportamentos que não foram bons nas experiências anteriores e adotem modelos de uso do dinheiro que deram resultados e que sejam confortáveis para o casal e os filhos", sugere Rogério Olegário do Carmo, consultor financeiro pessoal e especialista em administração financeira.

Quando a nutricionista Yoná Irber,

35 anos, conheceu o médico André Gonçalves, 43, cada qual já carregava a experiência de um casamento anterior. Ele, pai de duas adolescentes, de 13 e 17 anos. Ela, mãe de Carolina, 9 anos. Juntos, tiveram André, hoje com 5 anos. Uma família grande, com responsabilidades financeiras proporcionais, exigiu refazer as contas do orçamento.

André, desde que se separou, sempre cuidou de todas as despesas das filhas. Quando Yoná entrou na vida dele, ela nem questionou o montante que o futuro marido separava para o bem-estar das meninas. "Queria que as filhas dele mantivessem o mesmo padrão de vida e que ele garantisse tudo de melhor para elas. Mas admito: só mesmo sendo mãe para compreender isso", comenta a nutricionista.

O que mudou, porém, foi a forma de administrar as despesas. Antes, André pagava tudo, enchia as meninas de presentes. Mas, quando se casou novamente, a família cresceu, as despesas aumentaram e precisou colocar no papel todos os gastos. Assim, definiu na pensão todas as necessida-

des materiais das filhas. Yoná o incentivou a começar a pagar uma previdência privada para elas, assim como ela mesma fazia para a sua menina. Presentes caros, agora, são dados em datas especiais. As viagens são planejadas em família para que todos possam usufruir do mesmo prazer.

Juntos, compraram uma casa maior para que tenham conforto e possam receber as filhas de André, que moram com a mãe. O resto das despesas, eles acordaram que Yoná arca com os gastos da filha, juntamente com o pai da menina, e os gastos com o filho do casal são divididos, proporcionalmente ao salário de cada um. Yoná divide as despesas da casa com o marido, e André é responsável por poupar e investir o dinheiro da família. Agora, eles sonham em comprar um imóvel para cada filho, e isso precisa de tempo, por isso planejam desde já. Definidas as regras, eles acreditam que não há motivos de ciúmes ou diferenças de tratamento entre as crianças. "Casamento é uma sociedade, não é para ficar rico, mas para crescer junto", define André.

CONDOMÍNIO
BRAZILIANE

Brasília, domingo,
3 de março de 2013

28 • 29

Yoná Irber e André Gonçalves têm filhos de casamentos anteriores e apenas um que é dos dois: gastos e responsabilidades proporcionais

A opinião dos especialistas

"Filhos de outros relacionamentos não são um problema, mas devem ser tratados como gasto pessoal de seus pais. Recomenda-se que o novo casal defina um valor a ser dividido meio a meio entre os dois e que desse valor saiam os gastos pessoais de cada um. Se os filhos de casamentos anteriores custam caro, o casal deve assumir um estilo de vida bastante simples, mas aquele que gasta menos ou nada com filhos terá sua compensação com uma verba generosa para cuidar de suas necessidades e vontades pessoais."

Por Gustavo Cerbasi

- Converse sobre as finanças do casal. Quanto mais claros e justos as regras, menos problemas.
- Estabeleça as prioridades do casal e limites para os gastos, inclusive com filhos de outros casamentos, na que concerne aos gastos voluntários, não essenciais à educação e à criação, como presentes, passeios.
- Quando possível, priorize programas em conjunto, tipo passeios, viagens, jantares. Todos participando há menos chances de problemas ou questionamentos.
- O cônjuge mais bem-sucedido financeiramente tem que procurar ser mais generoso. O outro, mais comedido nos gastos.

Por Álvaro Modernell

Diferentes fases da vida

O momento do relacionamento também determinará a forma de administrar as finanças. As prioridades e as necessidades mudam com o tempo.

- **Fase de aquisição:** a primeira etapa e a mais complexa, na qual o casal se une para adquirir bens, formar família e atingir estabilidade econômica e emocional. O casal iniciará um processo de negociação em termos mais simples, como decisões domésticas e questões relacionadas à família de origem; e mais complexas, como investimentos em suas carreiras, padrões de relacionamentos e modo de lidar com dinheiro.
- **Fase madura:** a mais difícil. Envolve muitas transformações na estrutura e dinâmica da família. Ela se divide, e aumenta a autonomia dos filhos. O padrão econômico pode ser mudado. Além disso, aproxima-se ou já é definida a aposentadoria.
- **Fase última:** é o momento mais concreto da aposentadoria e da vida a dois do casal. O aspecto econômico torna-se questão de qualidade de vida. Se o casal consegue ter uma renda para saúde, lazer, necessidades básicas, essa pode ser uma fase tranquila. Aumento da expectativa de vida, dá a necessidade de planejar a aposentadoria, pois a garantia de empregabilidade é reduzida após certa idade.

Fonte: livro *Até que o dinheiro nos separe* (Editora Saraiva), de Cleide M. Bartholô Guimarães

Uma questão matemática

Os especialistas em finanças pessoais são bem resistentes em criar fórmulas mágicas, que ensinam a administrar o orçamento do casal. Eles apostam que isso só poderá ser definido ao se levar em conta os ganhos, as despesas, as prioridades e as metas estabelecidas por cada par. Não existe um modelo único. Cada caso é diferente de outro. De maneira geral, Ricardo Franco Teixeira, coordenador do MBA em gestão financeira da Fundação Getúlio Vargas (FGV), sugere, de maneira simplificada e generalista, uma matemática para que o casal de classe média se programe e invista em seus sonhos. Isso, claro, se o orçamento permitir:

- Para o aluguel, ou financiamento de compra de imóvel, devem ser destinados, no máximo, entre 20% e 30% dos ganhos do casal.
- O financiamento de despesas mensais, referente a compras parceladas de qualquer natureza, não deve ultrapassar 20% do orçamento.
- Poupe pelo menos 20% da renda para o futuro, formando assim uma poupança, que poderá ser usada em caso de emergência, para quitar o financiamento de um imóvel, ou ainda como complemento à aposentadoria.
- O restante, cerca de 30% ou 40%, deve ser distribuído entre as demais despesas, como alimentação, educação, lazer e gastos individuais não prorrogáveis.
- Caso haja necessidade de fazer escolhas, para realizar cortes, comece quitando as despesas mensais parceladas, e não assuma novos compromissos. A seguir, na medida do possível, procure reduzir os gastos com moradia. Na sequência, o esforço deve se concentrar em manter, no maior nível possível, o percentual de poupança. Reduzir despesas com alimentação, educação, lazer e gastos individuais não prorrogáveis só em último caso. ■

COMBO REDUTOR DE MEDIDAS/CELULITE

AValiação NUTRICIONAL (DIETA DETOX) + 3 SÉSSÕES DE TRINACTIVE (radiofrequência/ultrassom/ laser) + 3 DESOBSTRUÇÕES DE FLUIDOS POR-VEZAS

R\$ 1.950,00

Depli Skin House
Centro de Destoção e Estética
Ass. Sul - CLS 408, Bl. D, Lj. 10 - 3244.8036 - 9944.6544
www.skinhouse.com.br

Ultracontour Lipo sem cortes

Pacote Promocional* de R\$ 2.000,00 por R\$ 1.500,00

Cuidamos da sua beleza em cada detalhe. Marque sua Avaliação!

Slime com 10 sessões

Slime
Esthetics Center

Ass. Norte 712 - Brasília-DF
(61) 3039-3662 - 3039-3668
www.slimbrasil.com.br

TRANSPLANTE Capilar Fio a Fio

Sem Corte de Retalho Sem Cicatrizes Rápida Recuperação

Transferência de folículos capilares da nuca para a região calva.
Cirurgia de micro enxertos com anestesia local.
Resultado natural por ser realizada com cabelos do próprio paciente.

Acompanhamento pós-operatório na clínica para conforto do paciente.

(01) 3363 3368
(01) 8150 0507
Cl. Clinco Sãosesta, 51, 208
www.pilivivere.com.br

Dr. Humberto Moraes e Silva CRM/DF 17281
www.comcabelo.com.br

Av. Indianópolis, 3.445 - Jardim Paulista - (11) 3887-1848

Anexo B

Revista do CORREIO

CORREIO BRAZILIENSE
domingo, 10 de março de 2013. ano 8. número 408

PAIS E FILHOS

Como superar o choro
nos primeiros dias de aula

COMPORTAMENTO

Por que o estilo retrô
atrai tantos moderninhos



Uma tragédia
anunciada

O ciclo da violência doméstica se repete.
O perfil do homem que bate e mata é o
mesmo; o da mulher que apanha, também.
Por que, então, a sociedade não consegue
se livrar desse flagelo? Entenda o que
está por trás das frias estatísticas

Capa

Drama da vida privada

POR OLÍVIA MEIRELES

A violência doméstica é uma espécie de ciclo que se repete. Os personagens principais, vítima e agressor, podem facilmente ser identificados, e o fim desse enredo, quase sempre trágico, também. Entenda o que está por trás de toda essa história



**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
10 de março de 2013

22 e 23

Quando um homem mata a mulher/namorada/ex-companheira, é comum ouvir nos relatos dos parentes que eles nunca imaginaram que isso pudesse acontecer, que foi uma surpresa. Até que um vizinho resolve falar: "Tinha muita gritaria à noite. Volta e meia, acordávamos assustados". Nos registros da polícia, alguns boletins de ocorrência descrevem ameaças, injúrias e difamações, mas a denunciante nunca aceitou as medidas protetoras. Não quis ser encaminhada para um abrigo. Avaliou que não corria risco de morte. As ameaças eram vazias. Só foi à delegacia para assustá-lo.

Logo depois, uma amiga mais próxima conta que ele a obrigava a manter relações sexuais mesmo sem a sua vontade. Ela sentia que era o seu dever como mulher. Aí, descobrem que ele já tinha rasgado as suas roupas e quebrado o seu computador quando estava mais nervoso. Tinha ciúmes além do normal. Ele a seguia no trabalho, ligava diversas vezes por dia e envolvia amigos, parentes e familiares nas brigas do casal. "Mas isso é coisa de homem apaixonado. Ele nunca encostou um dedo nela", diziam.

Os sinais estavam ali. Só que ninguém somou os acontecimentos. A mulher nunca quis relatá-los com detalhes para ninguém. Uma ou outra pessoa sabia alguma coisa, mas não muito a fundo. A vítima ficava constrangida de contar a violência psicológica e moral que sofria e também queria protegê-lo. Pois, como se costuma ouvir: "Nos momentos em que ele não estava agressivo, era bastante carinhoso. Além disso, nunca tinha batido nela. Um tapa ou um empurrão eventualmente, mas nada muito grave ou que tirasse

sangue. Ele não a cortou com faca ou tentou sufocá-la com o fio de telefone. Isso é coisa que só aparece no jornal".

Na percepção da mulher, o companheiro pode até parecer inofensivo, justificar que foi o calor da emoção, mas esse tipo de comportamento é um sinal claro de que essa história de amor pode acabar em tragédia. Os relatos estão aí estampados nas capas dos jornais. Na semana em que se comemorou o Dia Internacional da Mulher, vimos uma jovem ser esfaqueada dentro de um shopping pelo ex-marido, uma outra ser enforcada por um fio de telefone pelo companheiro, e também acompanhamos, passo a passo, o julgamento do goleiro Bruno.

Em 70,19% dos casos da violência doméstica contra a mulher, o agressor é o companheiro ou o cônjuge da vítima. Acrescentando os demais vínculos afetivos (ex-marido, namorado e ex-namorado), esse dado sobe para 89,17%. No Brasil, uma mulher é agredida a cada cinco minutos e, quase sempre, o crime acontece dentro da própria residência do casal.

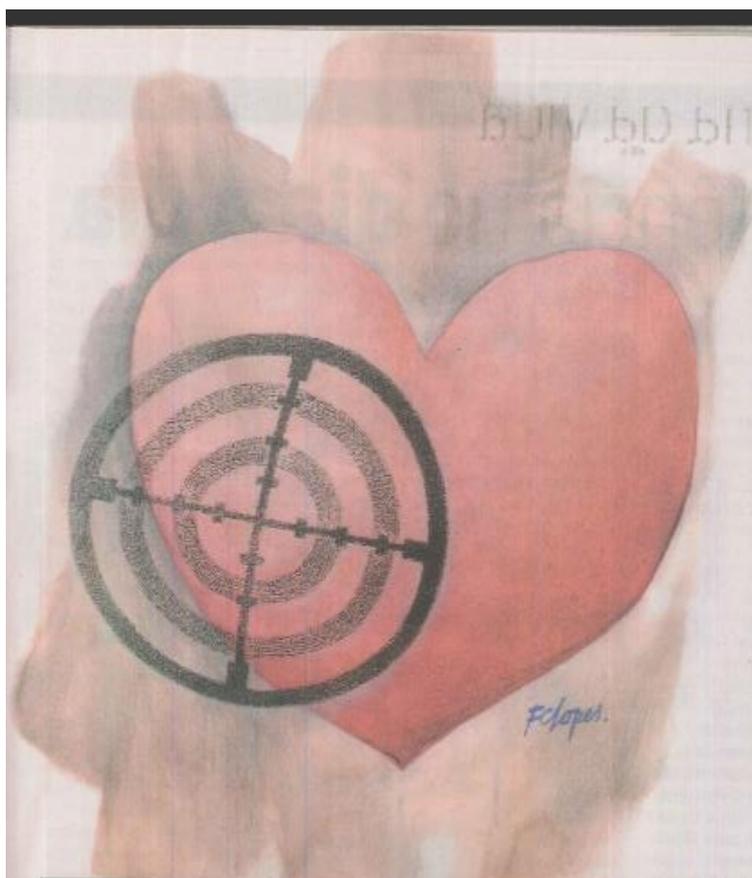
Segundo estatísticas da Polícia Civil do Distrito Federal, um homem com características possessivas e violentas em até cinco anos está agredindo fisicamente a mulher. Outro dado alarmante: se em até um ano após o fim do relacionamento ele continuar perseguindo, ameaçando e procurando a ex-companheira de forma inadequada, o risco de ela ser assassinada cresce exponencialmente. Isso não é comportamento de homem apaixonado. É coisa de gente perigosa. São os sinais claros de um potencial assassino.

É importante entender que ele não se tornou violento do dia para a noite.

Desde o início da relação, apresentou comportamentos possessivos e enxergava a mulher como sua propriedade, e não como companheira. Ele começou dizendo quais roupas ela podia e não podia usar, quais comportamentos desaprovava e quais amizades queria que ela mantivesse. Depois, partiu para violência psicológica para diminuir a sua autoestima (chamá-la de burra, gorda e feia). Até que passou a agredi-la moralmente (vadia, puta, sem vergonha).

Nesse momento, o relacionamento deixa de ser apenas complicado para se tornar um caso de polícia. "Terminar um relacionamento violento é o único jeito de acabar com esse tipo de abuso. Mas é nesse processo de terminar que a maioria das mulheres é morta", escreve Gavin de Becker em seu livro *The gift of fear* (sem versão brasileira). De acordo com estudos da violência doméstica, a maioria dos crimes não acontece no calor de uma briga. O homem que mata, normalmente, toma a decisão de matar. O assassino planeja, persegue e ameaça a vítima.

Ele pode ser "provocado" porque ela resolveu terminar a relação e ele não aceita. Ou após um longo período depois o fim do relacionamento, ele volta a procurá-la porque descobriu que ela arrumou um namorado novo. "O crime doméstico é o mais fácil de se prever. É um ciclo, que vai ficando cada vez mais violento. Mas, mesmo assim, as pessoas costumam acreditar que ele pode acontecer", finaliza Gavin. Afinal, quem entende como um homem pode matar a própria mulher? Mas, acredite, esse crime tem um padrão, personagens fixos, um ciclo e até uma solução.



1º ATO

Quem **bate** e quem **apanha**

Cada história de violência doméstica tem um enredo diferente. Nenhum casal é igual ao outro. Alguns têm filhos, outros não. Às vezes, são anos de relacionamento ou apenas poucos meses. Nenhum sofrimento é parecido com o outro. Há registros de mulheres que foram assassinadas pelos companheiros sem ter apanhado uma única vez. Assim como têm casais com dezenas de boletins de ocorrências de agressão na delegacia que conseguiram se separar sem olhar para trás.

Eles podem ser ricos ou pobres. Velhos ou novos. Aparentemente, não há um padrão. Mas é possível encontrar um fio em comum: em quase

todos os casos, o casal tem a mesma formação cultural. Famílias com estruturas patriarcais imersas em um universo machista, em que o homem é o protetor, e a mulher, um ser frágil que deve ser protegido. E, provavelmente, frutos de um lar com violência doméstica.

"Mulheres que são filhas de famílias destrutivas tendem a se relacionar com homens agressivos. A combinação entre um casal que foi educado dessa maneira pode ser explosiva, pois os padrões se repetem: ele bate e ela se anula. E se essa violência não for interrompida, provavelmente será passada para os filhos deles", avalia Maria da Conceição Krause,

psiquiatra da Polícia Civil do DF e professora da Academia de Polícia da corporação.

Ela explica que tanto o homem quanto a mulher têm a mesma insegurança: o medo de serem abandonados. Esse sentimento, que é natural na infância, desaparece quando vamos amadurecendo. Isso não ocorre com os casais doentes. O adulto dependente e inseguro manterá o antigo padrão. "É o mesmo sentimento de desamparo de uma criança. Mas é preciso entender que essa não é uma dor pequena — é uma dor imensa", explica Maria da Conceição.

Cada um, porém, reage de uma maneira a essa circunstância. As mulheres, normalmente, são pessoas doces, que tentam agradar todos a sua volta. Anulam-se, adaptam-se e ajustam-se ao sentimento do outro. Além disso, associam o abandono ao seu comportamento. Costumam pensar: "Se eu fizer assim ou assado, ele nunca vai embora". Já eles aparecem na forma de um homem machão. Um sujeito com opiniões fortes, pouco emocional e que aparenta ser seguro de si — mas a autoestima cai toda vez que não se sente no controle. E, sem a autoestima, morre de medo que ela vá embora.

É a mistura perfeita: um homem aparentemente protetor para uma mulher extremamente frágil. Ela busca uma pessoa que a faça se sentir segura. Ele engana que tem poder. Mas, na verdade, o agressor precisa de alguém vulnerável para alimentar a sua baixa autoestima. Alguém que ele possa dominar e, assim, se sentir forte, no poder e no controle. Ao mesmo tempo, porém, a necessidade de ter a companheira é tanta que, à medida que ela procura qualquer situação de independência (estudar, por exemplo), ele surta.

Esse homem sustenta a autoestima em cima de uma mulher que não se move, não evolui. Só assim ele descansa o seu temor. "Só que ninguém suporta uma relação petrificada dessa. Naturalmente vem um desgaste", acredita Maria da Conceição. Por que esse crescimento da mulher causa tanta raiva nesses homens? Porque o inconsciente deles ainda guarda a marca da humilhação sofrida na infância. Essa sensação se extravasa por meio de raiva e ódio. Acontece o mesmo com a mulher. Ela teme tanto ser abandonada que esquece ser adulta e responsável por seus atos.

O motivo da violência está ligado a um valor infantil que nunca amadureceu. Algumas pessoas vão procurar ajuda psicológica para controlar esse sentimento desesperado; outras, simplesmente, procuram cessá-lo. E, às vezes, a única maneira de amenizar a dor é acabar com a sua causa. Quando o homem chega a essa conclusão, é bem provável que um assassinato ocorra. ➤

A violência no dia a dia

Um homem não resolve matar a mulher de uma hora para outra. Esse é um processo que começa no dia em que o casal se conhece. Vai evoluindo. A violência vai se tornando mais intensa, mais perigosa, e a saída, mais dramática. A história é sempre a mesma. Não importa a posição social e, muito menos, a idade. Uma mulher conhece um rapaz. Ele é calado e tímido, o que cria um ar misterioso que acaba atraindo. Ao mesmo tempo que é discreto, ele sabe ser carinhoso e atencioso. É muito simpático e cortês com a família dela. Rapidamente, acaba envolvendo todo mundo no relacionamento. Em pouco tempo de namoro, propõe morar juntos, casar e firmar compromisso o mais rápido possível. Ela se sente protegida, querida e com alguém que lhe diga para onde tem que ir.

Ao mesmo tempo, ele começa a dizer que não gosta de uma peça de roupa mais curta que ela usa; fala mal de uma amiga mais próxima que dá conselhos demais; e pergunta sobre todos os passos que ela deu durante o dia. Começa a implicar com os amigos do serviço, não gosta que ela leve trabalho para dentro de casa e a convence a não ir à festa de aniversário de um amigo. Ele não gosta de dividi-la com ninguém.

A vigilância excessiva começa a incomodá-la. Resolve discutir a relação e pede para ele amenizar o comportamento. O homem se sente ameaçado: "Ela está diferente, pedindo para me afastar. Será que tem um amante? Será que tem alguém falando alguma coisa no ouvido dela? Será que ela vai me abandonar? Ela é minha! Não pode. Ela não sabe fazer nada sem mim."



É nesse momento que começam as ofensas: "Você é burra, gorda, não serve para nada. Sem mim, não é ninguém". Ela resolve desabafar com alguém da família, pois sente que há algo errado no comportamento dele. O ouvinte diz que ele é carinhoso, atencioso e está sempre falando o quanto a ama para todo mundo. Que sem ela, ele não quer viver. É o suficiente para convencê-la. Ela volta para casa.

Ela está esperando. Começam os questionários. "Onde você estava? Com quem? Por que saiu sem mim? Por que tem a necessidade de conviver com outras pessoas? Você está mentindo? Você é uma vagabunda! Piranha! Puta! Sem

vergonha! Vadia! Dá em cima de todo mundo! Vou tirar o seu dinheiro. Só pode usar o carro se me pedir a chave. Não quero mais que você trabalhe."

"Será que só eu vejo o que está acontecendo?", pensa ela. "Melhor não falar para ninguém. Ele fica bravo. Quando não está nervoso e agressivo, ele me trata com tanto carinho. Diz que me ama e que sem mim não pode viver. Pede para eu falar que o amo e me cobra amor. Eu não quero ficar sozinha. Nunca vou arrumar alguém como ele. Sou burra, gorda e não sirvo para nada. Aguentar isso é melhor do que ficar sozinha. Como vou desmanchar a minha família? Não posso ser tão egoísta."

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
10 de março de 2013

24 e 25

O abuso, porém, não para. Ele pega o salário dela no fim do mês. Ela não tem dinheiro para nada. Às vezes, à noite, ela está cansada ou chateada e não quer ter relação sexual. Mas ele força a barra. Ela cede, mesmo não querendo. Machuca, dói. Mas esse é o papel dela como mulher. Se ele quer, ela tem que ceder. Mesmo sem vontade.

Um dia, ele chega estressado do trabalho. Ela não percebe e lhe pede um dinheiro para comprar um vestido. "Por que você quer se arrumar? Para o seu amante?" Ele lhe dá um empurrão. Tempos depois, ela demora para voltar da casa da mãe. "Onde você estava? Com quem? Por que você nunca quer ficar comigo?", questiona ele. Dessa vez, dá um tapa na cara e uns puxões de cabelo. "Mas não saiu sangue", ela pensa. No outro dia, ela queima o feijão. Ganha um soco na cara, uns chutes na costela e vassouradas pelo corpo todo.

Em um fim de semana, quando acontece a maioria das agressões, ele briga com o vizinho. Chega em casa irritado. Ela se esconde no quarto, morrendo de medo. Ele vai atrás. Resolve acordá-la. Tenta beijá-la à força. Ela foge. "Tava beijando outro homem, é? Vai me largar? Ninguém te quer, horrorosa! Vadia! Se você não ficar comigo, não vai ficar com ninguém! Eu te mato! TE MATO! Queimo a sua cara com ácido! Vai ficar mais feia do que já é!". Depois disso, tenta enforcá-la com o lençol. Ela grita, pede socorro. Ele a arrasta pela casa. Ela tenta lutar, mas não consegue. Ele é mais forte. Olha nos olhos dele, não o reconhece. Até que dá um chute mais forte e consegue fugir.

Tranca-se no armário. Ele fica batendo na porta. Até que cansa e a deixa em paz. Ela resolve passar a noite lá até ele se acalmar. Quando acorda, fica preocupada se os vizinhos escutaram alguma coisa. Como vai esconder as feridas e os roxos? O que vai dizer para a família? Agora, está tudo silencioso. Resolve sair do esconderijo. Deita na cama ao lado do marido. Quando ele acorda, vê o estado dela. A culpa bate. "Desculpa! Desculpa! Desculpa! Eu nunca mais vou fazer isso de novo. Você é linda. Eu te amo. Por favor, me per-

doa." Ele repete sem parar, enquanto a beija e a abraça. É o fim da agonia, uma sensação de alívio toma o seu corpo.

Ela acredita. "Ele vai mudar! Dessa vez, será diferente. Ele só estava nervoso. Eu também provoquei. Devia ter deixado ele me beijar. Não vou mais sair nem ligar para ninguém. Assim, ele fica feliz. Ele é tão carinhoso quando não está nervoso." Ele volta ser aquele homem atencioso do começo da relação. Ela se sente novamente protegida. A fase infernal terminou. É o início da lua de mel.

O agressor é a única pessoa que pode dar momentos de paz ao evocar o seu lado "bom" por alguns segundos. "Ele detém o poder de fazê-la se sentir bem. Quanto pior fica o grau de violência, melhores ficam os momentos de carinho", descreve Gavin de Becker no livro *The gift of fear*. Ele dá punição e recompensa por comportamentos. Essa variação de sentimentos — que alteram entre o medo e a lua de mel — dá esperança para a mulher de que ele vai mudar. Mas o ciclo é cruel. Logo ele volta a dizer que não gosta de uma peça de roupa mais curta que ela usa. Depois, retomam os xingamentos e, eventualmente, a violência física. Cerca de 60% dos homens voltam a agredir. Essa taxa vai aumentando com a idade.

Cada relacionamento abusivo tem um ritmo próprio. Às vezes, a violência acontece mais rápido ou mais lentamente. Ela pode até pular uma etapa. Mas, de uma maneira geral, a fórmula é essa: homem possessivo; mulher com baixa autoestima; violência psicológica; depois, a moral; no meio, tem a sexual e a patrimonial. Até que começa a física, que vem seguida de desculpas e um período de lua de mel. Esse ciclo se repete várias vezes.

E ele faz parte do processo de superação. Até que um dia ela resolve sair ou sugere que vai abandoná-lo. Situação que tem acontecido cada vez mais, pois as mulheres estão mais informadas, independentes e intolerantes com a violência doméstica. E aí vêm as ameaças, a perseguição. E o perigo aumenta a cada dia, enquanto perdurar a relação. ▶

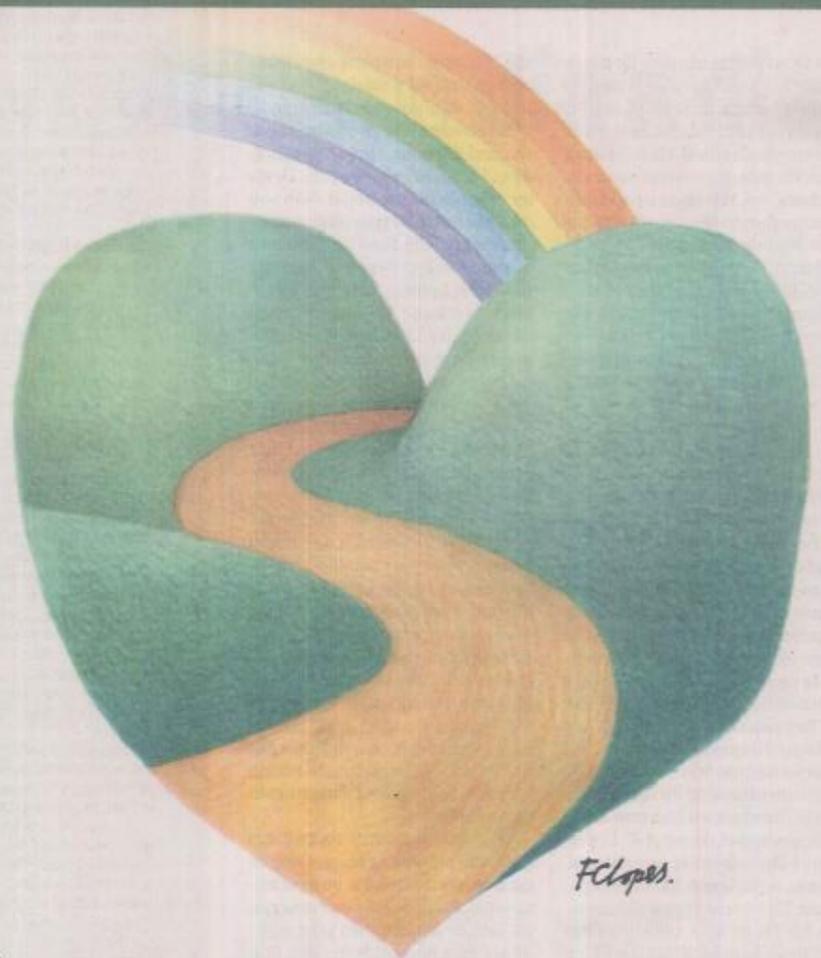
O perfil do agressor

Os homens possessivos, normalmente, são calados e tímidos. Frequentemente descritos, no início do relacionamento, como carinhosos e atenciosos, estão ávidos por se casar, firmar compromisso e viver uma vida a dois. Costumam ser simpáticos e carentes. Por isso, é fácil de a vítima e as pessoas mais próximas se enganarem. Ainda mais nessa situação, em que envolve sentimentos como paixão e amor, fica difícil emergir os defeitos do companheiro. Mas há como identificar sinais desde os primeiros encontros que mostrem que ele pode se tornar agressivo. O primeiro passo é confiar na sua intuição. As mulheres, quando estão correndo riscos, tendem a suspeitar que alguma coisa está errada.

Fique de olho. Quando um homem...

- Quer acelerar o ritmo do relacionamento muito no início, sugerindo prematuramente compromisso, morar junto e se casar.
- Resolve conflitos com intimidações, bullying e violência.
- É verbalmente abusivo.
- Usa ameaças e intimidações como instrumento de controle. Isso inclui ameaçar, machucar fisicamente, difamar, constranger, restringir liberdade, revelar segredos, cortar dinheiro, abandonar e cometer suicídio.
- Quebra coisas quando está com raiva.
- Usa violência simbólica: rasga fotos ou as vandaliza.
- Já foi agressivo em outros relacionamentos.
- Cita o álcool ou as drogas como desculpa ou explicação por ser hostil ou violento. Frases comuns: "Foi a bebida falando, e não eu", "Fiquei tão bêbado, estive louco".
- Esteve envolvido em incidentes violentos, como vandalismo, quebrar e jogar coisas.
- Usa o dinheiro como moeda de troca para controlar atividades e comportamentos da mulher ou da companheira.
- Tem ódios de qualquer pessoa ou qualquer coisa que consuma o tempo da mulher fora do relacionamento. Ele a deixa em uma "coleira" e quer saber todos os seus passos.
- Não aceita rejeição.
- Espera que o relacionamento dure eternamente. Usa muito as frases: "jurto para sempre" e "independentemente de qualquer coisa".
- Tem emoções extremas e exageradas com os outros: ódio, amor, ciúmes, compromisso. Principalmente, quando não é provocado.
- Minimiza incidentes de abuso moral, psicológico e físico.
- Passa tempo demais falando da mulher, e sua identidade está associada ao fato de ser marido, namorado ou amante.
- Envolva a família e os amigos para ajudá-lo a manter ou recuperar o relacionamento.
- Já seguiu ou monitorou a sua mulher de forma inapropriada.
- Acredita que os outros estão tentando atingi-lo. Tem mania de perseguição e pensa que estão todos tentando convencer a mulher ou a companheira a largá-lo.
- Resiste a mudanças e é comumente desento como inflexível, nunca cede.
- Identifica-se e compara-se a personagens violentos em filmes, histórias de ficção ou figuras históricas.
- Justifica a violência que outros cometem.
- Sofre de variações de humor ou está constantemente bravo ou depressivo.
- Acusa os outros por problemas que são de responsabilidade dele, se recusa a se responsabilizar pelos seus atos.
- Refere-se a armas como instrumento de poder, controle e vingança.
- Armas fazem parte da seus interesses. Ele tem uma ou fala bastante no assunto.
- Justifica os seus atos porque tem "privilégios masculinos": a trata como uma empregada, toma todas as grandes decisões da casa e age como "rei do lar".
- Viveu ou viu violência doméstica quando criança.

Fonte: Livro *The gift of fear*, do especialista em segurança Gavin de Becker



Liberdade, ainda que tardia

Para quebrar o ciclo da violência, é preciso uma vontade fenomenal da mulher de terminar com aquela situação. Ela precisa descobrir alguma coisa que dê forças para lutar contra a baixa autoestima, o medo do abandono e o temor pela própria vida. A lógica não funciona. A persuasão requer um viés emocional. Não vão ser as estatísticas e os argumentos mo-

rais que funcionarão. Ninguém quer desmanchar a sua família, nem mesmo alguém que foi maltratado psicológica, moral, sexual ou fisicamente.

As vezes, elas encontram força depois de um pedido desesperado de um filho ou de umas palavras de carinho de um conhecido. No Brasil, porém, tem se percebido que as mulheres vêm enxergando uma luz no

fim do túnel após ouvirem relatos de outras mulheres que conseguiram sair de um lar abusivo depois de procurarem os serviços de proteção. Esses exemplos estão nas novelas, nos jornais, nos programas de televisão e até na casa ao lado. Histórias reais ou fictícias, que ajudam a explicar como elas podem lutar contra esse problema milenar.

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
10 de março de 2013

26 e 27

Número da central de atendimento à mulher:

180

"Com a criação e a difusão da Lei Maria da Penha, esse assunto entrou em pauta. As famílias estão descobrindo que alguns comportamentos que permeiam de geração em geração são inaceitáveis e podem ser até crime. Quantas mulheres recebemos aqui que não sabem que um homem tem que responder na Justiça por ameaçá-la, difamá-la ou injuriá-la? Não é só na violência física que a polícia pode agir", analisa Ana Santiago, delegada-chefe da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam).

A principal arma da mulher é a autoestima. Ela precisa arrumar uma maneira de se sentir empoderada, e, ao mesmo tempo, amadurecer muito rápido. Sair de um estado emocional infantilizado e desbravar o mundo dos problemas de adulto. Para isso, é importante saber as armas que tem para poder se proteger. O Estado precisa funcionar como um braço forte para que ela possa lutar contra esse homem. "Essa é a única força de apoio que ela tem", acredita o juiz Ben-Hur Viza, coordenador do Centro Judiciário da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (CJM/TJDFT).

Hoje, o papel da polícia é orientar a mulher que deseja sair da violência doméstica. A Deam atende entre 20 e 30 vítimas por dia, mas apenas de 10 a 15 registram um boletim de ocorrência. Os agentes estão ali para explicar, após ela relatar os incidentes, quais crimes foram cometidos. E sugerir o que ela pode fazer para acabar com os abusos. Depois da Lei Maria da Penha, aplicada desde 2006, a Justiça e a polícia podem oferecer medidas restritivas, que são cumpridas em até 72 horas após a mulher registrar a ocorrência na delegacia.

Ela pode pedir para que o homem seja retirado do lar, requisitar o cancelamento do porte de arma, solicitar proibição de aproximação da vítima, bem como qualquer tipo de comunicação e assistência material à mulher e aos seus filhos. Se não tiver onde ficar ou se sentir ameaçada até que os mandados sejam cumpridos, ela pode pedir um abrigo temporário. "O tempo, nesses casos, é muito importante.

Elas precisam se sentir seguras e ver que o sistema funciona para que não desistam de continuar o processo. A vítima não pode acreditar que o seu agressor vai sair impune, senão ela questiona se o sistema funciona, e a autoestima começa a baixar", explica Ben-Hur. Por isso, eles também oferecem ajuda psicológica ao casal (agressor e vítima).

O especialista em segurança Gavin de Becker é radical em seu livro *The gift of fear*. "O único jeito de se salvar é se colocar indisponível ao agressor. Por isso, é importante usar os abrigos e a estrutura que o governo oferece para proteger a pessoa agredida", conclui o autor. Mas as vítimas devem ser orientadas do perigo pela família e pelo sistema do governo de apoio. Elas não conseguem associar a morte à violência porque o seu mecanismo de sentir medo está muito alterado. Elas perdem a noção do perigo que correm. Isso é resultado de anos de violência. O lar é o lugar em que elas se sentem seguras e, ao mesmo tempo, onde sentem mais medo. Por isso, toda a sociedade tem um papel importante em acabar com esse comportamento cultural. Ajudá-las a sair do ciclo. Dar fim a essa história que em briga de marido e mulher ninguém mete a colher.

A polícia tem que ser efetiva com os mandados; os médicos precisam encaminhar vítimas de violência doméstica às delegacias especializadas; os vizinhos devem fazer denúncia de brigas violentas; a família tem que interferir e ficar de olho nos sinais; as mulheres precisam observar se os seus companheiros são possessivos; e os homens devem se autoanalisar para ver se são potenciais agressores. E, caso se enquadrarem no perfil, procurem ou sugerirem ajuda psicológica.

Esse é um assunto cultural e milenar que precisa terminar. "Essa naturalização da violência tem que ser extinguida. É preciso ser difundidos na nossa sociedade quais comportamentos são aceitáveis e quais não são. Esse ciclo precisa ter um fim", conclui Ben-Hur. Acredite, os agressores podem até não concordar com a lei, mas, ao ver que ela é efetiva, muitos repensam a forma como vivem em família. "Ninguém passa pela porta da delegacia, pelos abrigos, pelo constrangimento de prestar um depoimento ou pagar uma fiança sem mudar alguma coisa dentro de si. Nem mesmo o agressor", avalia Maria da Conceição Krause, psiquiatra da Polícia Civil do Distrito Federal. O que não pode ter são 4.500 brasileiras sendo assassinadas anualmente por seus maridos, namorados ou ex-companheiros. ■

Aconteceu. E agora?

- Evite ficar sozinha com o agressor.
- Evite ficar perto de objetos perigosos que podem ser usados contra você.
- Ensine às crianças a se afastarem e pedirem ajuda quando houver violência.
- Guarde sempre com você os números de telefone de emergência.
- Estabeleça locais perto da sua casa, onde você possa ficar com segurança até conseguir ajuda.
- Separe roupas e objetos de primeira necessidade seus e das crianças, guardando-os em local seguro para o caso de emergência.
- Guarde cópias de documentos importantes em locais seguros.
- Compartilhe a sua situação com pessoas amigas e combine formas de ajuda, em caso de perigo.
- Se você tiver carro, guarde a cópia das chaves em local secreto, seguro e acessível, mantendo-o abastecido e em posição fácil de saída.
- Reserve algum dinheiro guardado em local seguro para que você possa usar em caso de necessidade.
- Procure imediatamente uma delegacia de polícia ou um centro de atendimento, pessoa ou instituição em que você confie.
- Caso esteja ferida, no momento do atendimento procure revelar o que de fato aconteceu.
- Em caso de ameaças ou perturbações por meio telefônica, anote o dia e a hora da ligação e, sendo um aparelho celular, apresente-o imediatamente à delegacia para que possa ser encaminhado à perícia.
- Após a delegacia encaminhá-la, nunca deixe de comparecer ao IML para exame de corpo de delito, pois o laudo é uma prova importantíssima.
- Apresente na delegacia qualquer objeto ou roupa envolvidos na violência, pois podem servir como prova.
- Estando em perigo e sem um local seguro para ficar, saiba que você poderá ir para a Casa Abrigo temporariamente.
- Se depois do registro da ocorrência o agressor continuar violento ou descumprir as medidas preventivas determinadas pelo Judiciário, comunique o fato à mesma delegacia onde foi feito o primeiro registro, pois pode ser o caso de até pedir a prisão preventiva do agressor.

Fonte: Polícia Civil do Distrito Federal

Anexo C

Revista do CORREIO

CORREIO BRAZILIENSE
domingo, 17 de março de 2013, ano 8, número 409

Mexam-se, crianças!

A chamada epidemia mundial de inatividade física, segundo projeções, vai provocar 5,3 milhões de mortes neste ano. E o pior: a população infantil já sofre os impactos do sedentarismo. Aos 4 anos, a pequena Maria Antonela é um bom exemplo. Skate, natação, bicicleta e balé fazem parte do dia a dia dela

FOTOGRAFIA

Lomografia: uma máquina analógica na mão e todas as surpresas possíveis

HOMENS

Como tornar o trio jeans-suéter-blazer imbatível no próximo inverno



Capa

Criança
gosta de
correr,
de pular,
de brincar,
certo?
Por que então
enfrentamos
uma epidemia
de
sedentarismo
infantil?
Entenda as
consequências
desse
fenômeno

Marcelo Ferrero/0100 A Press



Não dá para ficar

Incentivada pelos pais, Maria Antonela,
4 anos, já se aventura na bicicleta e no
skate, além de fazer natação e bolê

PARADO

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
17 de março de 2013

22 e 23

POR RAFAEL CAMPOS

Quando se pensa em um grupo de crianças, a primeira imagem que vem à cabeça é uma correria desordenada, acompanhada de sorrisos, pulos, diversão e um contato social que só a tenra idade proporciona. Quando se pensa nessa turma, ela é imaginada em uma grande área aberta num dia de sol, com ar livre aos montes, sem muitos riscos além do de ficar cansado o suficiente para dormir a noite inteira. Essa cena, contudo, vem se tornando cada vez mais rara. Em vez de espaços abertos, aparelhos de tevê ligados por horas a fio. A correria e os pulos estão ficando restritos aos personagens movidos por joysticks e telas sensíveis ao toque.

A atividade física, tão apontada entre as prioridades para a boa saúde no mundo atual, está em declínio, independentemente de todos os alertas médicos. E os efeitos negativos do sedentarismo agora atacam diretamente as crianças, trazendo um alerta grave: o mundo parou de se movimentar e elas estão sendo criadas para considerar isso normal. "Pesquisadores que trabalham com atividade física para a saúde vêm tentando alertar para os crescentes níveis de inatividade há mais de uma década, principalmente entre crianças e jovens. Nós estamos conscientes da gravidade do problema há muito tempo. O desafio agora é fazer com que os líderes políticos a reconheçam também", garante Margaret Talbot, presidente do International Council of Sport Science and Physical Education (ICSSPE) — Conselho Internacional de Ciência do Desporto e Educação Física.

Há também a questão da tecnologia. Diversas atividades que antes demandavam esforço foram se tornando mais simples. Dessa forma, os que antes eram obrigados a se movimentar para, por exemplo, ir ao supermercado, agora podem fazer as compras do mês pela internet, sem se levantar da poltrona. Os novos hábitos já impactam as estatísticas. De acordo com o estudo *Time use and physical activity: A shift away from movement across the globe*, conduzido pelos professores Shu Wen Ng e Barry Popkin, da University of North Carolina, nos últimos 44 anos, a atividade física nos EUA diminuiu 32%. No Brasil, é esperado que, entre 2002 e 2030, haja uma diminuição de 34% da atividade física. Os riscos econômicos, sociais e físicos são preocupantes, principalmente porque atingem as crianças — a combinação de sedentarismo e dieta inadequada pode encurtar a vida dessa geração em cinco anos.

A preocupação global com o que já é chamada de epidemia de inatividade física vem exigindo grandes esforços frente a desinformação dos pais e a publicidade da indústria alimentícia. Afinal, só para 2013, são esperadas 5,3 milhões de mortes atribuídas à inatividade física. Para efeito comparativo, o cigarro mata 5 milhões por ano. De olho nessas estatísticas inquietantes, o American College of Sports Medicine, o ICSSPE e a Nike lançaram, mês passado, o projeto *Design to Move* (Feitos para nos movimentar, em tradução livre).

A iniciativa, que conta com apoio de instituições de todo o mundo, inclusive brasileiras, pretende olhar além da obesidade: sua principal bandeira é criar um quadro de ações que consiga trazer de volta a atividade física para o dia a dia das crianças. De acordo com o diretor de comunicação global da Nike, Andy Fouché, o *Design to Move* foi pensado para alterar a ideia de que é normal ficar parado. Para atingir esse objetivo, eles propõem um plano de ação coordenado, que incorpora diversas iniciativas bem-sucedidas ao redor do mundo.

"Mais de 70 organizações de peritos da área da atividade física foram envolvidas na elaboração do relatório, que descreve como a inatividade física atingiu proporções de epidemia e cresce num ritmo alarmante. Ela representa uma grande ameaça para a saúde, a felicidade e a prosperidade de indivíduos, comunidades e nações." Fouché explica que, em suma, o objetivo é simples como correr: criar um mundo no qual a atividade física e o esporte possam ser valorizados como parte essencial da vida.

"Há, sem dúvida, uma ligação entre inatividade física, obesidade e diabetes tipo 2. Isso é conhecido há muito tempo, mas era pouco falado até a obesidade ter se tornado uma epidemia. Só que ainda falta compreensão da população para a importância de se praticar atividade física. O estímulo para comer mais e ficar parado é muito maior que o para fazer exercícios", assegura Balduino Tschiedel, presidente na Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD). O médico afirma que os pais até percebem que as crianças estão se alimentando de forma errada, mas subestimam as consequências. "Todas elas vão pagar um preço mais na frente. A luta é muito difícil, mas precisa começar com o esclarecimento da população." ➤



Pesquisadores que trabalham com atividade física para a saúde vêm tentando alertar para os crescentes níveis de inatividade há mais de uma década, principalmente entre crianças e jovens. Nós estamos conscientes da gravidade do problema há muito tempo"

Margaret Talbot, presidente do International Council of Sport Science and Physical Education

Sinais de alerta

De acordo com estudo recente publicado pela revista científica *The Lancet*, entre 2005 e 2013, as mortes atribuídas ao diabetes devem aumentar 82% no Brasil. Por ano, 250 mil brasileiros morrem em decorrência de problemas cardíacos e diabetes. E mais: nos últimos 20 anos, a quantidade de crianças obesas no país triplicou. Hoje, 33,5% delas sofrem com o peso em excesso.

Custo humano

O sedentarismo aumenta os riscos de doenças cardiovasculares, hipertensão, acidente vascular cerebral, diabetes tipo 2, câncer de cólon, câncer de mama e ainda depressão. Associado a eles, há o custo econômico de ficar parado. De acordo com o relatório do *Design to Move*, em 2008, os gastos somados com o tratamento de pacientes com problemas decorrentes da falta de atividade física na China, na Índia, no Reino Unido e nos EUA representaram mais de US\$ 200 bilhões. Só nos EUA, 300 mil pessoas morrem todos os anos por conta da obesidade. Estudo apresentado na revista científica *The Lancet* afirma que 9% de todas as mortes prematuras no planeta acontecem por falta de atividade física e poderiam ter sido evitadas.

O fator **alimentação**

Desde que lançou, ano passado, o documentário *Muito além do peso* (que pode ser visto em www.muitoalemdopeso.com.br), a cineasta paulista Estela Renner vem causando choque nas plateias. Entre imagens que beiram o inacreditável — como o caso que abre o filme, do pequeno Yan, que aos 4 anos já tem problemas de coração e pulmão decorrentes da obesidade — e dados contundentes,

ela mostra que o combo inatividade física e má alimentação é uma realidade no Brasil. "Muito do sucesso do documentário veio porque as histórias podem ser encontradas em todos os lugares. São milhares de casos em todo o país de crianças que birram para comer um salgadinho, um chocolate e estão tendo doenças de adulto por conta de uma dieta cheia de excessos", relata a diretora.

Mãe de três filhos, Estela garante que a maior lição que tirou é a necessidade de se manter sempre presente na vida dos rebentos. "Não só na hora das refeições. Até o momento de amarrar o cadarço deles deve ser aproveitado para interagir mais. Muito desse vazio existencial que as crianças preenchem com comida pode ser suprido pelos pais." A luta, porém, não é simples. Bombardeadas por todos os lados com propagandas, as crianças ganham poder de escolha dentro de casa sem ter capacidade de entenderem, sozinhas, o que faz bem ou mal para elas. "É o chocolate da marca tal, é o bombom que apareceu na televisão. É muito difícil educar a alimentação de um filho hoje", afirma a dona de casa Cleonice Alves de Araújo, 28 anos.

Mãe de Lucas, que tem 2 anos e 7 meses, ela vai quase todos os dias ao Parque de Águas Claras brincar com o garoto. E garante: ele nunca comeu fast-food. "Mas gosta muito de chocolate. Só que não tenho em casa. Às vezes, ele come quando saímos ou ganha dos avós." Em suas visitas ao parque, Cleonice repara que os pais brincam pouco com as crianças. "Há pouca interação. E também conheço muitas crianças acima do peso que não brincam, só ficam em casa. Isso não está certo", opina.

Coordenadora do Council of Sport Science and Physical Education, Margaret Talbot elenca alguns motivos que desencorajam as crianças a praticar atividade física. Primeiro, ela critica a projeção dos lares, cada vez mais pensados de forma a impedir a brincadeira, principalmente nas grandes cidades, com seus apartamentos pequenos. Segundo, a enorme agenda de atividades das crianças, que não têm espaço para brincadeiras. Por último, critica os urbanistas, que parecem ignorar as necessidades das crianças por espaços seguros e próximos de casa, onde possam experimentar novos desafios físicos. "Além disso, muitas escolas em diversos países excluíram educação física no currículo, apesar de seus benefícios comprovados."

Foto: Marcelo Ferreira/OD/DA Press



Cleonice Alves sempre leva Lucas para brincar no Parque de Águas Claras. "Ele nunca comeu fast-food", garante

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
17 de março de 2013

24 e 25



Uma turminha prá lá de ativa: Artur, Lara, Giovana (sentados), Marcos Alexandre, Daniel e Luiz Eduardo (em pé)

As famílias se articulam, o Estado corre atrás

No Brasil, um dos pontos mais citados como impeditivo à prática de atividade física entre as crianças é a violência urbana. Mesmo nas áreas consideradas mais seguras, como as asas do Plano Piloto, é cada vez menos comum encontrar grupos delas sozinhas brincando. Moradora da Asa Norte e mãe de Luiz Eduardo, 8 anos, a servidora pública Daniele Reis, 35, afirma que ele só desce para brincar na quadra acompanhado dela ou do pai. "Eu tinha essa liberdade que ele não tem. Na minha época, éramos mais soltos, mas não podemos mais deixar nossos filhos assim." Ela ainda cita o fascínio causado pelos games, uma das atividades favoritas do filho.

Por esses motivos, a servidora decidiu matricular Luiz em uma academia com programa direcionado para a infância. Lá, rodeada de crianças da mesma idade, ele não só pratica esportes como brinca e faz amigos. "Ele faz atividade física porque é saudável e toda

criança tem que praticar. E também prefiro que ele passe a tarde aqui do que em casa, com uma babá, que vai acabar ficando em frente à televisão." Coordenador do programa no qual Luiz Eduardo participa, o educador físico Rodrigo Ferreira atesta: não há infância saudável sem atividade física. "Criança gosta de correr, de pular, de brincar. Mas ela precisa ser estimulada para isso. Só aí vai se motivar para sair de frente da tevê. Se não houver esse estímulo, não há qualquer motivo para que ela deixe de jogar videogame", frisa.

Para ele, motivar a criançada é mais fácil do que parece. Ele diz ser indispensável, em primeiro lugar, fazer com que elas não se sintam obrigadas a praticar a atividade. "Nós sabemos porque elas estão ali. Os pais sabem também. Elas só precisam entender aquele momento como o parque de diversões do seu dia." Rodrigo explica que não há a intenção de transformar ninguém em atletas. As modali-

dades esportivas devem ser usadas como meio, não fim. A finalidade deve sempre ser a de fazer com que elas brinquem. "Se elas acham divertido, virão sem precisar ser forçadas. Ao passo que, se acharem a atividade monótona, não virão." Sorte das crianças que podem pagar por serviços assim. A maioria ainda depende de políticas públicas e organizações não governamentais para conseguir sair do sedentarismo.

Publicado no site Teach.com, o estudo *Targeting Children With Treats*, de 2012, mostrou que o gasto anual do governo americano em propagandas de incentivo à prática de exercícios e à alimentação saudável é de US\$ 51 milhões. Em contrapartida, a indústria de alimentos investe US\$ 1,6 bilhão todos os anos divulgando para as crianças alimentos pouco nutritivos e altamente calóricos. Fica difícil dizer não. Marcos Alexandre Freire, 8 anos, enche a boca para dizer que, se pudesse, praticaria atividade física 10 vezes por semana. Mas, ao mesmo tempo, não nega: adora salgadinhos. "Se eu pudesse escolher meu lanche, traria três chocolates, um salgadinho e um Todynho. Só que eu pratico esportes e acho errado quem passa o dia no computador", confessa. A colega Giovanna de Castro, da mesma idade, se diz viciada em manga. "Mas também traria um salgadinho para lanchar", admite.

Daniela Castro, diretora executiva da ONG Atletas Pela Cidadania, também parceira do Design to Move, defende que a mudança de hábitos é uma decisão pessoal, mas ela deve ser estimulada pelo poder público com campanhas temáticas que forneçam mais informações à população. "Falta ação coordenada. Os municípios precisam se tornar mais responsáveis pelo estímulo à prática de exercícios físicos, tomando o esforço para si." Para ela, o investimento tem sim de ser feito na infância, mas não só nas campanhas, como numa infraestrutura que permita as crianças brincarem.

Gianna Lepre Perim, diretora da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte, assegura que já estão em andamento diversas ações interministeriais cujo objetivo é diminuir o sedentarismo infantil. Ao unir forças com o Ministério da Educação, ela afirma que o esporte foi "ressignificado" para se tornar parte mais ativa da vida dos alunos e não apenas mais uma tarefa do currículo. "O objetivo agora é usar a atenção dada aos grandes eventos esportivos para deixar um legado social. Esse trabalho não começou agora, mas há 10 anos. Porém, com a Copa do Mundo e as Olimpíadas, temos o momento de articular melhor as políticas de esporte com o sistema de ensino." ➤

Capa

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/DA Press



João Marcelo e Álvaro aproveitam ao máximo o Taguaparque: as mães estão atentas

Mudança começa em **casa**

Aos pais, cabe o exemplo, que deve vir, inclusive, em momentos de abdicar de um produto muito calórico em favor de um alimento saudável. "Confesso que exijo mais dele, porém, tento fazer com que ele entenda a importância de praticar exercícios e ter uma boa alimentação para que não sofra de problemas que tenho na família, como pressão alta e diabetes", garante a estudante Simone Vaz Holanda, 28 anos, falando do filho, João Marcelo, de 5. Ela e a amiga, a publicitária Lethícia de Pádua, 40 anos, mãe de Álvaro, 6, costumam levar os filhos ao Taguaparque. "Se a gente não faz isso, eles só se movimentam virtualmente. Sei porque meu filho, com essa idade, já tem ta-



Em nome da saúde da família, Délia e Luiza uniram forças para criar um cardápio especial

blet." As duas assumem: de vez em quando é impossível dizer não aos meninos e eles acabam comendo em redes de fast-food.

A transformação dos hábitos, contudo, costuma ocorrer quando a situação é crítica. A empresária Délia Ormond teve que reestruturar toda a dieta da família quando, aos 3 anos, a filha Luiza, hoje com 14, foi diagnosticada com colesterol alto. Questões genéticas justificavam o problema na menina e os médicos foram taxativos: sem uma dieta balanceada e atividade física, Luiza não teria uma vida saudável. "A mudança foi radical: eu não tinha conhecimento do quanto certos alimentos eram ruins. Cortamos tudo

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
17 de março de 2013

26 e 27

que era industrializado: nada de biscoitos, sucos de caixinha ou salgadinhos. E todos aqui tivemos que nos adaptar." Por sempre ter gostado de cozinhar, começou uma pesquisa e, hoje, chega a vender salgadinhos enriquecidos com linhaça, trigo integral e proteína da soja, usando uma tabela com valor nutricional para saber o que pode entrar na receita.

"Alimentação é a base de tudo. O cansaço do dia a dia é tanto que os pais não querem levantar cedo para preparar um café da manhã para o filho e ele acaba levando para o lanche um pacote de biscoitos. Há crianças que chegam ao absurdo de tomar refrigerante no café", reclama Délia. Luiza agora pratica atividade física cinco vezes por semana e já se acostumou com suas limitações alimentares. "Queria poder comer mais doces, só que já estou acostumada. Vejo meus colegas comendo salgadinhos todos os dias nas escolas e sei que aquilo está errado e não quero. Antes, eu estava comprando, mas hoje consigo não fazer mais isso." E a lição não deve se restringir ao cardápio.

Maria Antonela Debessa Gama, 4 anos, já se aventura no skate por que via os pais curtindo o esporte nos fins de semana. Mesmo praticando natação e balé, quis também experimentar aquilo que deixava a mãe, a empresária Gracilene Debessa Paulino, 29, tão feliz. "Os pais de hoje estão muito preguiçosos. Não conheço criança que goste de ficar em casa, mas elas precisam da gente", afirma Gracilene.

Para a cineasta Estela Renner, o momento é grave demais para apenas se apontar culpados. Crianças são capazes de entender o que faz bem comer e praticar atividade física. Mas aprender isso não é obrigação delas. "Agora, todos somos culpados. Não dá para apontar apenas a indústria alimentícia como grande vilã. Não dá também para culpar o núcleo familiar por uma epidemia tão avassaladora. Não é produtivo. É preciso que aconteçam mudanças e que elas não sejam tímidas." Isso porque, como diz o fim do relatório Design to Move, qualquer criança de 10 anos sabe que ficar parado não está com nada.

Riscos enfrentados por crianças sedentárias

- 1. 30% delas são obesas
- 2. Faltam dois dias a mais de aulas que a maioria dos colegas
- 3. Quando adolescentes, praticam menos esportes e têm notas mais baixas
- 4. Têm duas vezes mais chances de se tornarem adultos obesos
- 5. Quando adultas, ganham salários mais baixos
- 6. Quando adultas, faltam uma semana a mais no trabalho por motivos de saúde
- 7. Têm uma expectativa de vida cinco anos menor do que as crianças ativas

Vantagens das crianças fisicamente ativas

- 1. Apenas uma em cada 10 corre o risco de ficar obesa
- 2. A contínua atividade física é associada a um aumento de até 40% nas notas escolares
- 3. Menos chance de se tornarem fumantes, engravidar na adolescência, ter comportamento sexual de risco ou usar drogas
- 4. 15% mais chances de irem para a universidade
- 5. Ganham entre 7% e 8% mais durante a vida
- 6. Reduzem o risco de doenças cardíacas, infartos, câncer e diabetes
- 7. Podem viver até cinco anos a mais

Fonte: Relatório Design to Move

Games que curam

Se atividade física é indispensável para crianças sem nenhum problema de saúde, imagine para aquelas que têm alguma limitação. Nesses casos, a tecnologia não pode ser considerada vilã. Em entrevista à *Revista*, Ana Carolina Rodrigues da Silva, terapeuta ocupacional infantil, e Marcelo Ares, gerente médico de reabilitação da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) Ibirapuera, explicam como o uso de games que usam sensores de movimento estão ajudando crianças deficientes em seu tratamento.

Mover-se é uma atitude natural entre as crianças. Entre aquelas com alguma deficiência, isso não é diferente, apesar das limitações. Como games que usam sensores de movimento podem ajudá-las a superarem as deficiências e se movimentarem mais?

As crianças com algum tipo de deficiência podem apresentar alteração no controle e diminuição do movimento. Essa alteração leva à não realização desse movimento, bem como à frustração frente às dificuldades. Sabe-se que o aprendizado motor é conseguido a partir da repetição do movimento. Não uma simples repetição, mas a repetição com significado e intenção. Com os jogos virtuais, percebemos uma enorme motivação por parte do público beneficiado, além da repetição do movimento adequado.

Em que parte do tratamento os jogos são usados?

São empregados como terapia complementar aos atendimentos de terapia ocupacional e fisioterapia. Os pacientes eleitos para esse tipo de terapia passam por uma avaliação específica com critérios preestabelecidos de terapia. Geralmente, são crianças mais velhas (a partir dos 6 anos de idade), já que elas já têm outro tipo de experiência/vivência sensorio-motora inerente à idade.

Um dos grandes problemas da inatividade física nas crianças é o risco de obesidade.

De que forma pais de crianças com deficiência podem trabalhar essas limitações em casa para que elas possam praticar atividades físicas ao mesmo tempo que cuidam da alimentação?

Desde o princípio, buscamos diferenciar os objetivos de terapia de reabilitação baseada em realidade virtual do brincar como atividade para ser realizada em casa. Antes de qualquer coisa, a atividade direcionada para o jogo virtual tem que ser prazerosa e acessível para a criança. Mais do que a obesidade, crianças com alterações neurológicas podem apresentar deformidades musculares e ósseas devido à falta de movimentação. Dessa forma, os jogos virtuais podem ser adotados em casa a partir da orientação de terapeutas para a manutenção e aprimoramento do movimento.

Como elas reagem quando veem que o tratamento inclui jogar videogame?

Por serem comercialmente acessíveis e comuns na realidade de crianças, adolescentes e adultos, os videogames proporcionam experiências mais próximas da realidade e, de certa forma, "aproximam" a vivência de pessoas com ou sem algum tipo de deficiência. E, por serem altamente motivadores e desafiadores, os atendimentos de reabilitação virtual são os mais divertidos e esperados pelos pacientes da terapia.

Anexo D

Revista do CORREIO

CORREIO BRAZILIENSE
domingo, 24 de março de 2013, ano 8, número 410

ENTREVISTA

O oncologista
Fernando Cotait Maluf
fala sobre as novas
perspectivas de
tratamento do câncer

BRASÍLIA

Quer participar da nossa
edição de aniversário?
Aguardamos sua
opinião, suas fotos,
suas histórias



Decifra-me OU...

Na terceira reportagem da série
"Nosso Tempo", um olhar sobre a arte
contemporânea, ainda um mistério
para muitos. Quem são os artistas
e as obras que despertaram admiração,
crítica, polêmica e desejo nos
primeiros anos deste século

Capa



Uma galeria sem limites

A arte contemporânea é assim: esquiva, nômade, aberta a interpretações. Selecionar o que foi feito de melhor na área nos últimos 10 anos é tarefa heroica. Por isso, a Revista apenas sugere um itinerário entre muitos possíveis

Primeiro, a prata da casa...

Éis um terreno em que ser ufanista até faz sentido. Nossos artistas estão megavalorizados no mercado internacional e conseguem atrair público para seus projetos e happenings. Os nomes a seguir se tornaram inevitáveis, mas a escolha é arbitrária — existem muitos outros dignos de destaque.

Reprodução da internet



Cildo Meireles — Desvio para o vermelho

Declarado como o artista brasileiro favorito da curadora Tatyja Barson, responsável pela arte latino-americana no Tate Modern, em Londres, Cildo Meireles é sem dúvida um dos principais nomes da cena contemporânea. Versátil, esse carioca de 65 anos teve seu primeiro contato com a arte em Brasília, em 1963. Quatro anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro e se tornou um dos fundadores da Unidade Experimental do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), em 1969. Cildo trabalha com questões como tempo, espaço e política, e teve peças expostas em bienais e importantes museus. No acervo de

Inhotim, o público pode conferir *Desvio para o vermelho* (1967-1984), um de seus trabalhos mais divulgados. Concebida em 1967, montada em diferentes versões desde 1984 e exibida em Inhotim em caráter permanente desde 2006, a instalação é formada por três ambientes articulados. O texto que acompanha a obra explica a intenção do artista, que consegue perturbar a visão do espectador com os excessos de vermelho em cada móvel e objeto: "Aberta a uma série de simbolismos e metáforas, desde a violência do sangue até conotações ideológicas, o que interessa ao artista nesta obra é oferecer uma sequência de impactos sensoriais e psicológicos ao espectador: uma série de falsas lógicas que nos devolvem sempre a um mesmo ponto de partida".

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
24 de março de 2013

22 • 23

POR MARIA JÚLIA LLEDÓ

O que a estátua de um homem nu colocada no coração de uma metrópole e a reprodução da Mona Lisa, de Da Vinci, com calda de chocolate têm em comum? Ao seu modo, cada uma dessas obras tira o espectador da zona de conforto. Elas provocam os cinco sentidos, instigam novos pensamentos e constroem significados inusitados. Concebidas por Antony Gormley e Vik Muniz, respectivamente, essas obras são um exemplo de como a arte contemporânea questiona e se questiona a todo momento por meio de diferentes suportes — fotografia, pintura, desenho, instalação, performance, vídeo, escultura.

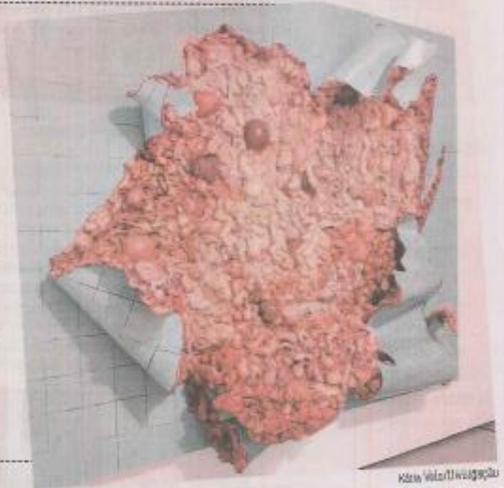
Na terceira reportagem sobre o que a primeira década do século 21

produziu de melhor, abordamos criadores e obras-chaves dessa aventura sensorial, que, muitas vezes, extrapola os limites das galerias. Para isso, nos valem de importantes publicações sobre o tema, como a *Art Review* e a *The Art Newspaper*; mapeamos os acervos de prestigiados museus e observamos o perfil de leilões internacionais, como o Christie's, em Londres, e o Sotheby's, em Nova York.

Também buscamos a opinião de especialistas, que preferiram se abster da escolha de nomes, mas aceitaram responder algumas questões acerca da produção atual. Não há consensos, mas alguns eixos nos servem de farol. Sabemos, por exemplo, que a arte de nossos dias busca o diálogo com o grande público — e que, com frequência, é muito instigante.

Adriana Varejão — Charques

"Adriana Varejão é uma artista que trabalha dentro de uma linha de pensamento pós-moderno de revisitar uma estética (brasileira e europeia) barroca, mas com um viés contemporâneo." Dessa forma, a curadora Marília Panitz define o trabalho de uma das artistas brasileiras mais badaladas dentro e, principalmente, fora do país. Adriana Varejão, 49 anos, já expôs séries de fotografia, pinturas e desenhos nos mais importantes museus, galerias e bienais. Atualmente, parte das obras da artista carioca também está em Inhotim. Inaugurado em 2008, o espaço dedicado a Varejão tem mais de 400m² e foi planejado para receber as peças: *Celacanto provoca Maremoto* (2004-2008), *Linda do Rosário* (2004), *O Colecionador* (2006), *Panacea Fantástica* (2003-2008) e *Passarinhos — de Inhotim a Demini* (2003-2008). Segundo a própria artista, que no fim do ano passado estreou uma mostra retrospectiva no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), não há marfúrio na representação e exposição da carne em séries como *Charques*. "Existe um certo humor em meu trabalho que ninguém vê, um humor negro que, às vezes, é um pouco grotesco. Não é para levar tão a sério", disse na abertura da exposição. "É possível estabelecer um diálogo com a arquitetura (em que o azulejo aparece como mara) e a história da colonização brasileira (mais uma vez, podemos apontar o azulejo, a louça, a porcelana como metáfora marcada por relações nada pacíficas entre os grupos raciais formadores de nosso país. É assim na carne cortada dos azulejos em *Charques* e em trabalhos mais antigos", observa a pesquisadora Marília Panitz. Artista cujo acervo compõe coleções de prestígio como a da Tate Modern, em Londres, e a do Guggenheim, em Nova York, Adriana Varejão, ao lado de Beatriz Milhazes, é uma das artistas brasileiras mais valorizadas no mundo. Em 2011, *Paredes com incisões à La Fontana II* (2001) foi arrematada por 1,1 milhão de libras no Christie's, de Londres.



Vik Muniz — Narciso depois de Caravaggio

Quem pensaria em fazer uma obra de arte com pasta de amendoim, chocolate ou geleia de marango? A resposta? O paulista Vik Muniz, 52 anos. Inquieto, ele começou a experimentar essa diferente "paleta de cores" cinco anos depois de ter se mudado para Nova York. Em 1998, a partir desses elementos, além de açúcar, catchup, gel para cabelo e lixo — suporte para famosos trabalhos que viriam a amadurecer anos depois —, Muniz recria desenhos de personalidades ou personagens da pintura, além de figuras representativas em outras esferas da sociedade. Entre os desenhos feitos com calda de chocolate, destaca-se a *Mona Lisa* de Leonardo Da Vinci, cuja reprodução em fotografias ampliadas ganharam mostras em todo mundo. "Tentei encontrar como a fotografia se parece em nossa cabeça quando não estamos olhando para ela. Elas trazem as estruturas das famosas fotos, mas, na verdade, são muito diferentes", já disse o artista em entrevistas. Popular, seu nome segue associado à irreverência e ao bom humor com que lida com temas do cotidiano e famosos — já fez um retrato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do rei Pelé. Algumas dessas obras estão expostas em acervos permanentes no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), no Tate Modern e no Victoria & Albert Museum, ambos em Londres. A criatividade desse artista paulista também pode ser vista no Museu de Arte de Moderna de Nova York (MOMA), onde está exposta a fotografia *Narciso depois de Caravaggio* (2005), obra em que fica clara a predileção pelo tema memória. Com mais de dois metros de altura por um metro de largura, a fotografia dessa obra feita a partir de materiais descartáveis, encontrados no lixo (tampas de garrafa, porta de carro, metais, pneus), revisita o *Narciso* barroco de Michelangelo Caravaggio, obra-prima do século 16. ➤

Milhazes/Divulgação



Beatriz Milhazes — O mágico

É fácil reconhecer uma obra dessa pintora, gravadora e ilustradora carioca pela profusão de cores e formas que parecem hipnotizar o espectador. Milhazes, 53 anos, faz parte da geração 1960 de artistas brasileiros, grupo que buscou retomar a pintura e se opôs ao viés conceitual dos anos 1970. Novas técnicas e materiais marcam o trabalho dessa artista cuja obra faz referência ao barroco, a padrões ornamentais e à art déco, e faz parte dos acervos do Museu de Arte Moderna e do Metropolitan, ambos em Nova York, e ainda do Museu Rainha Sofia, em Madri. Para entender a reverberação desse trabalho, basta lembrar que a tela *Maresias* (2002) estampa o segundo volume do livro *Art Now* (Ed. Taschen), coletânea que mapeia a produção

artística contemporânea mundial. Valorizada no mercado, em 2008, Beatriz Milhazes passou a ser a artista brasileira viva que alcançou o maior preço em uma obra: *O mágico* (2001) foi vendido no leilão internacional do Sotheby's, em Nova York, por US\$ 1.049 milhão. Ano passado, novo recorde com a venda de *Meu Umêdo* (2008), também na Sotheby's, por US\$ 2.098 milhões. 'A pintura de Beatriz Milhazes concentra forte carga simbólica e atemporal, pois, simultaneamente, nos remete à tradição barroca e à arte pop contemporânea. Muito cedo, Beatriz encontrou o fio da meada para construir sua linguagem. Suas composições e experimentações plásticas avivam a retina e agradam aos olhos. Não à toa, sua obra se transformou em objeto de desejo', constata o artista e curador Wagner Barja, diretor do Museu Nacional do Conunto Cultural da República.

Pedra Neto/Divulgação



Ernesto Neto — Nave Deusa

Entre a escultura e a instalação, o trabalho do artista carioca Ernesto Neto, 49 anos, é considerado, pelos críticos, uma leitura única da herança do modernismo, mas a partir de uma visão contemporânea e orgânica da geometria. Suas "naves" (nome das esculturas que criam espaços e podem ser penetradas pelo espectador) mais parecem gigantes a abraçar o público. Feitas com tecidos que se esticam do teto ao chão, elas criam um espaço à parte, que pode ser experimentado pelo visitante como um invólucro ou um "corpo hábitat", como o próprio artista denomina. Presente em bienais e museus com mostras individuais desde os anos 1990, Neto foi convidado para expor na Bienal de Veneza de 2001, sendo ele e Vik Muniz os dois únicos artistas brasileiros no evento. *Nave Deusa* (1996) — parte do acervo do Inhotim — sintetiza bem os principais elementos de seu trabalho: tensão e gravidade; transparência do material. (É possível ver o que há dentro da obra, de dentro e o que existe fora); orifícios, que remetem a um erotismo; além de formas de gotas que, preenchidas por especiarias, brincam com o olfato do espectador. Em outras obras, o público é convidado a se sentar e tocar as esculturas. Uma verdadeira experiência sensorial.

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
24 de março de 2013

24 • 25

A geopolítica da arte anda bem movimentada. Já não há uma produção claramente hegemônica. Seria equivocados, por exemplo, cravar que os europeus dão as cartas. Tem muita coisa boa vindo de asiáticos, de países periféricos. O fato é que os artistas aqui selecionados gozam de um prestígio de público e/ou de crítica que transcende fronteiras. Alguns são simultaneamente amados e odiados. Entenda o porquê.

Manis Laporta, Reuters

Jeff Koons — Cachorro de balão

Mais parecido com um executivo de uma multinacional, Jeff Koons, 58 anos, não corresponde à imagem que se faz de um artista. No estúdio onde trabalha em Nova York, ele dirige uma equipe de 100 artistas, todos debruçados sobre as criativas esculturas em grande escala projetadas por Koons. São estátuas de Popeye, flores e cães em formato de balão, entre outras figuras que, nos leilões, são vendidas por milhões e milhões de libras. Caso da *Fior de balão* (vermelha) vendida pela bagatela de 12 milhões de libras. Incompreendido por muitos críticos, Koons respondeu à *Interview Magazine* que "para aqueles que ficam na superfície, é fácil ir contra meu trabalho e referir-se a ele como algo kitsch". No entanto, acrescentou o artista, "eu me inspiro em tudo que está à minha volta. Há aspectos do consumismo em minha obra, claro. Mas meu trabalho tem sido sobre essa ideia de desconstruir hierarquias". São exemplos de materiais usados pelo artista: peças de decoração fora de contexto, brinquedos infantis e páginas de gibis. Em 2011, ele foi convidado para expor no aniversário de 60 anos da Bienal de São Paulo.



Bet Sansal/APP

Damien Hirst — A impossibilidade física da morte na mente de um ser vivo

"A arte é sobre a vida e não poderia ser sobre outra coisa. Não há outra coisa", afirma o artista britânico em sua página na internet. De fato, o trabalho de Damien Hirst, 48 anos, tateia a complexa relação entre arte, morte e vida, além de dissecar tensões e incertezas humanas em instalações, esculturas, pinturas e desenhos. Em 1991, o artista começou a trabalhar em uma das suas séries mais famosas, *História Natural*. Com a intenção de criar um "zoológico" de animais mortos, ele preservou alguns animais em um aquário de vidro em uma solução de formal. Um ano depois, o tanque que mantinha um tubarão ganhou o nome de *A impossibilidade física da morte na mente de um ser vivo para sintetizar o pensamento do artista*. "Algo que descreve um sentimento", disse Hirst na época. Essa obra permanece uma das mais icônicas da arte britânica na década de 1990. O tanque de vidro também simboliza, segundo o artista, a fragilidade da existência. Presente no acervo dos mais importantes museus do mundo, como o Tate Modern, em Londres, Damien Hirst é outro nome que não sai da lista dos 100 mais importantes artistas contemporâneos do mundo. Isso não impede a existência de críticos ferozes, que a atacam a "facilidade" da obra e o cinismo do discurso. ➤



Cai Guo-Qiang — Desenhos de pólvora

Em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil até o fim do mês, a exposição *Do Vencido para o povo*, do chinês Cai Guo-Qiang, 56 anos, é um convite para visitar um mundo infantil. Seja nas engenhocas inspiradas no sonho de voar, seja nos desenhos de pólvora que precisam literalmente explodir para ganhar forma. "Eu não costumava mostrar meus desenhos como se fosse um evento. Até perceber que os funcionários do museu e a mídia se movimentavam para ver com eram feitos. Foi aí que pensei que seria uma boa ideia abrir esse momento para o público. De alguma forma, poderia envolvê-lo, além de ter a chance de dialogar com a cultura local", explicou à Revista, quando esteve em Brasília para a abertura da mostra em fevereiro passado. Os espectadores presenciam uma espécie de performance na qual podem acompanhar, de perto, o processo criativo do artista. "Cai Guo-Qiang é um escultor de cenários. Cenário é o contexto que une coisas diversas em uma mesma perspectiva. Cenários que podem ser suas instalações, mas também o teatro da guerra, o espetáculo da pólvora, aquilo que, ao destruir, limpa caminho para o novo", explica o curador Marcello Dantas no libreto da mostra. Tendo em vista esse contexto, Guo-Qiang não sai da listas dos 100 nomes mais importantes do mundo na cena artística contemporânea, segundo a revista *Art Review*.

Mesmo assim, o artista dispensa vaidades. Veste-se discretamente, demonstra grande timidez, só fala em chinês lapesas de morar em Nova York há mais de uma década e busca a alegria em formas ora simples, ora complexas. "É como compartilhar meus jogos de criança com todos daqui. Talvez essa seja uma das razões pela qual minha arte é popular: todos podem ver nela seus próprios sonhos de criança", diz o artista.



Zuena de Souza/DIA Press

Antony Gormley — O anjo do Norte

Apenas dois assuntos — corpo e espaço — interessam ao artista britânico, 61 anos, que "invadiu" Brasília no ano passado. Tal opinião foi revelada à imprensa na época em que Gormley deu entrevistas sobre a exposição *Corpos Presentes — Still Being*, em que esculturas de ferro fundido causaram comoção entre transeuntes na Rodoviária, na Esplanada dos Ministérios e em outros espaços públicos da capital. Em cena, estátuas criadas com o molde do corpo do artista. "Ele faz sucesso com o público, embora tenha essa experimentalidade no trabalho. Acredito que essa proximidade com as pessoas se deve a um certo humor do artista, mesmo que seja um humor negro. Tanto que houve comoção com as figuras espalhadas na cidade", observou a curadora Marlita Panitz. Há quatro décadas imerso no mundo das artes, Gormley já recebeu diversos prêmios, seu trabalho foi condecorado com a Ordem do Império Britânico. Um dos maiores projetos do artista, *Angel of the North* (Anjo do Norte), é uma estátua alada de 20 metros de altura e 54 metros de envergadura exposta na Inglaterra. A gigantesca peça, que custou aos cofres da Loteria Nacional do Reino Unido 1 milhão de libras, tornou-se uma das mais famosas obras de arte contemporânea em espaço público. No dia em que foi erguida, 16 de fevereiro de 1996, o artista dedicou a obra ao povo da região nordeste da Inglaterra, que enfrentava um turbulento processo de desindustrialização.



André Natta/APP

Cindy Sherman — Autorretratos

O que é ser mulher no século 21? Esse é o principal fio condutor da obra da artista norte-americana Cindy Sherman, 59 anos, que em autorretratos questiona identidade e representação. Ela própria é a musa desse trabalho, que já soma 30 anos à frente e atrás das câmeras. Para tanto, ela assume múltiplos papéis: desde fotógrafa e modelo a stylist, maquiadora, cabeleireira e produtora. Com um arsenal de perucas, figurinos e próteses, ela se transforma em centenas de mulheres. Reconhecida pela crítica, Sherman faz parte de um seleto grupo de artistas que, ainda em vida, ganhou uma retrospectiva no Museu de Arte Moderna de Nova York (Moma) — esteve em cartaz até junho do ano passado. A exposição percorreu a carreira da artista desde os clássicos *Untitled Film Stills*, dos anos 1970, até as obras em formato de mural às quais ela tem se dedicado desde 2010. A artista também faz parte do acervo permanente do Tate Modern, em Londres. Em 2011, Cindy bateu o recorde na venda de uma obra fotográfica. No leilão Christie's, em Londres, seu autorretrato como colega, foi comprado por US\$ 3,89 milhões.



www.gart.com.br/Reprodução: Art Review

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
24 de março de 2013

26 e 27



Ai Weiwei — Estudos de perspectiva

Mais famoso artista opositor do partido comunista chinês, Ai Weiwei, 55 anos, faz uso de diferentes suportes: escultura, vídeo, performance, arquitetura, design e fotografia. Acusado de sonegação de impostos, o artista está proibido de deixar Pequim desde 2011. Coincidentemente, essa determinação veio logo depois do fechamento, a mando do governo, do blog do artista, página cujo acesso ultrapassava a marca de 17 milhões de visitantes. Mesmo assim, Weiwei mantém a divulgação do seu trabalho no microblog Twitter, no YouTube e no Facebook. Reconhecido como importante nome da arte contemporânea, soma prêmios como ativista humanitário, além de menções como a da revista norte-americana Time, que o considerou uma das quatro mais importantes personalidades de 2011. Em uma de tantas obras representativas do artista, a série de fotografias Estudos de perspectiva, iniciada em 1995, mostra o dedo médio em riste de Ai Weiwei para instituições governamentais, como a Casa Branca, e monumentos, como a Torre Eiffel. "Weiwei é modernista e tradicionalista, local e global, norte-americano e chinês, pensador e colecionador", definiu Philip Tinari, crítico e um dos editores da revista Artforum.

Marina Abramovic — A artista está presente

"Avó da arte da performance" é como a artista sérvia naturalizada holandesa se apresenta. Afinal de contas, há mais de quatro décadas, ela é reconhecida pela ousadia em seus trabalhos, a exemplo de uma performance dos anos 1980, período em que trabalhava com o artista alemão Ulay, então marido de Abramovic. Amarrada a ele pelos cabelos, a ação chamada de Relation in time (Relação com o tempo) durou 17 horas, em uma galeria na cidade italiana de Bologna. Provocadora, a artista de 66 anos já participou de diversas bienais pelo mundo, além de ter seu trabalho reconhecido por importantes museus, como o Moma, em Nova York, onde apresentou, em 2010, uma das suas performances mais emblemáticas, The artist is present (A artista está presente). Nela, a artista ficou sentada, em silêncio, por mais de 700 horas, enquanto os espectadores da mostra se revezavam em uma cadeira em frente a ela. O trabalho de Abramovic não se encerra em performances. Ainda engloba vídeos, instalações e fotografias. "Fenômeno midiático das artes plásticas, referência do pensamento contemporâneo atual, além de ser uma figura excêntrica e intensa, suas performances incorporam coisas que todos podem experimentar. Com larga experiência existencial e política, Abramovic usa o seu corpo e o do outro, como um mapa-múndi de emoções para provocar variadas experiências sensoriais ou até para possíveis narrativas lógicas, que se transformam em um retumbante sucesso de público", reflete o curador

Wagner Barja. ➔



A produção artística contemporânea tem proximidade com o público?

"Creio que a arte hoje está tão próxima do público quanto sempre esteve. Meu interesse é por propostas artísticas que dialoguem com as pessoas e que interroguem sobre a existência, sobre o tempo, a cultura, a sociedade e a vida. Essas propostas sempre encontrarão suas audiências (por menores que sejam), não importando o quão oblíquas, transversais e tangenciais forem suas possibilidades de instauração e apreensão."

— André Severo,
curador associado da Fundação Bienal de São Paulo.

"Diria que, desde meados do século 19, os artistas têm buscado superar os grandes discursos históricos e a retórica da arte acadêmica no sentido de tornar os temas da pintura e da escultura mais próximos das questões da vida e do cotidiano do público. Isso se acentua muito a partir da década de 1960, quando se passa a reivindicar que o público não esteja colocado apenas na situação de observador, mas seja ele também participante do processo artístico."

— Valéria Piccoli,
curadora e chefe do Núcleo de Pesquisa em Crítica e História da Arte da Pinacoteca de São Paulo.

"Os meios de aproximação que a arte contemporânea promove com o público encurtam as distâncias entre a arte e o público. Primeiro, pelo uso dos materiais que são parte do cotidiano das pessoas, depois, pelos temas abordados. O estranhamento, a dúvida, o desequilíbrio e a dúvida são componentes, pré-requisitos para a arte contemporânea e para que a gente se reconheça na obra. A estranheza substitui a beleza, o desequilíbrio substitui o equilíbrio formal, a dúvida substituiu a certeza, e isso é fundamental para a arte contemporânea."

— Wagner Barja,
diretor do Museu Nacional do Conjunto Cultural da República.

"Acho que não. Em princípio, acho que boa arte do que é produzido tem um certo tempo para ser assimilado pelo público em geral, porque a arte tem um caráter experimental muito forte. Ou seja, como em qualquer campo de conhecimento, o que é novo demora um pouco para ser reconhecido. Acredito na necessidade de um distanciamento histórico para as pessoas reconhecerem essa linguagem. Um 'gap' de tempo para ser assimilado. Daí que se invista tanto em programas de aproximação da arte com o público."

— Marilú Pianta,
curadora e professora da Universidade de Brasília (UnB).

Arte contemporânea só se entende com a ajuda de legendas explicativas?

"Não acho que ela seja válida para tudo, mas é uma qualidade ter essa informação. As pessoas estão em um universo em que tudo é dado. A mensagem é pronta para que a gente engula e o papel da arte, vou citar Deleuze (filósofo francês), em uma entrevista que ele deu nos anos 1980, 'se é para definir o que é arte, a arte é resistência'. O mau humor das pessoas em relação à arte contemporânea é um dado muito positivo. Claro que há algumas obras extremamente críticas e que necessitam uma mediação. No entanto, de maneira geral, as pessoas buscam significados para obras que são experiências estéticas para retirar o público da zona de conforto."

(Márlia Panitz)

"A compreensão da arte é absorção. A fruição vem muito de uma predisposição da pessoa. É preciso disponibilidade para as coisas do mundo, uma certa deriva. A arte não está somente nos museus, nos espaços característicos. Isso amplia as formas de percepção. Você passa a conviver com a arte de uma forma mais direta."

(Wagner Barja)

"As legendas não têm como função explicar uma obra, mas descrevê-la para que o observador possa ter ideia de como diversos materiais se combinam em um discurso poético criado pelo artista. Em geral, o público sente necessidade de uma explicação prévia porque não se sente aparelhado para interpretar esse discurso, admitindo, a priori, que arte é assunto para especialistas."

(Valéria Piccoli)

"Não acredito que a arte necessite de nenhum recurso específico de apreciação nem que ela precise estar apoiada em nenhum tipo de instrumento de mediação para que possa ser compartilhada e experienciada intensa e completamente (inclusive em todos os seus hermetismos e lacunas) para o público a que se destina. Sem dúvida, toda a arte é, em certo sentido, uma proposta de diálogo que necessita interesse e envolvimento para que possa se completar, pois ela carrega um sentido amplo que requer uma descoberta e uma reinvenção de sentidos para ser fruída. Entretanto, essa não é uma prerrogativa da arte contemporânea. A necessidade deste envolvimento, do estabelecimento deste diálogo, ocorre quando estamos diante de uma pintura renascentista, de um prédio modernista, de uma performance ou de um desenho minimalista."

(André Severo)

Sobre os "curadores" desta edição

André Severo

Artista plástico formado pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2007, concluiu seu mestrado em Poéticas Visuais na mesma instituição. É curador-associado da Fundação Bienal de São Paulo e já foi indicado ao Prêmio Investidor Profissional de Arte (Pipa) em 2010. O Pipa surge da parceria entre a Investidor Profissional Gestão de Recursos e o Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro como o prêmio brasileiro mais relevante das artes visuais para estimular a produção nacional de arte contemporânea e motivar novos artistas brasileiros.

Márlia Panitz

Entre 1990 e 1996, ela dirigiu o Museu de Memória Candanga e, no mesmo período, passou a coordenar programas educativos de exposições. Em 1997, trabalhou como assessora da Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Em 1998, dirigiu o Museu de Arte de Brasília (MAB), sendo responsável pela coordenação do Prêmio Brasília de Artes Visuais e do Prêmio de Bolsas de Pesquisa para Jovens Artistas concedidos pelo MAB/Ministério da Cultura. Professora da Faculdade de Artes da Universidade de Brasília e curadora de mostras individuais e exposições coletivas desde 2001. Em 2011, fez parte do comitê de indicação do Prêmio Pipa.

Wagner Barja

Artista plástico, curador e diretor do Museu Nacional do Conjunto Cultural da República. Já foi membro do Conselho Nacional de Políticas Culturais pelo Ministério da Cultura, membro da Comissão Intergovernamental do Conjunto Cultural da República e representante nacional da Câmara Setorial de Artes Visuais na Funarte, pelo Ministério da Cultura. De 2004 a 2008, coordenou o Programa de Artes Visuais na Universidade de Brasília. De 2000 a 2006, coordenou e organizou o Prêmio Iate da Secretaria de Cultura de Arte Contemporânea. E, em 2006, foi jurado do Prêmio Marcantonio Vilaça.

Valéria Piccoli

Integrante, desde 2007, do Núcleo de Pesquisa em Crítica e História da Arte da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Piccoli foi anunciada nova curadora-chefe do museu em 2012. Com doutorado pela FAU-USP, sua carreira é focada em pesquisas sobre a arte brasileira nos séculos 19 e 20. Foi Piccoli quem coordenou o projeto da mostra *Arte no Brasil: Uma História na Pinacoteca de São Paulo*. Entre outras atividades, foi curadora na Coleção Brasileira/Fundação Estudar, doada ao acervo da Pinacoteca. Ainda fez curadorias de exposições no país e no exterior, como *Terra Brasilis*, que integrou o festival *Europália*, em 2011, em Bruxelas, na Bélgica, e *Pacchineti*, exibida em 2004 no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio de Janeiro. ■

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
24 de março de 2013

28 e 29

Você sabia?

● O maior museu de arte contemporânea a céu aberto do mundo fica logo ali, no município mineiro de Brumadinho, na propriedade conhecida como Inhotim. Idealizado pelo empresário Bernardo Paz, na década de 1980, o instituto ganhou corpo em 2002 e hoje recebe, em média, 100 mil visitantes por ano. O acervo conta com, aproximadamente, 500 obras de mais de 100 artistas de 30 nacionalidades, sempre com foco na arte contemporânea produzida a partir dos anos 1960. São esculturas, instalações, pinturas, desenhos, fotografias, filmes e vídeos.

● A arte contemporânea pode até causar estranhiceza, mas os temas são velhos conhecidos nossos. A estudiosa Kátia Canton, PhD em artes interdisciplinares pela Universidade de Nova York e professora do Museu de Arte Contemporânea (MAC) de São Paulo, destaca alguns: tempo e memória; corpo, identidade e o erotismo; o espaço e as micropolíticas. "O que potencializa a arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano", frisa a especialista na introdução do livro *Do moderno ao contemporâneo* (Ed. WMF Martins Fontes), no qual traça um panorama desses temas.

● A arte brasileira navega de vento em popa no mercado internacional. Há uma demanda crescente por obras assinadas por artistas como Adriana Varejão e Beatriz Milhazes — ambas já tiveram trabalhos avaliados em mais de um milhão de dólares. De acordo com a empresária canadense Louise Blouin, a arte brasileira entrou de vez na agenda dos investidores internacionais. Fundadora do portal Artinfo, plataforma eletrônica que monitora leilões ao redor do mundo, Louise diz que colecionadores da Ásia e do Oriente Médio estão particularmente interessados.

● Em 2011, a mostra *O mundo mágico de Escher*, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio de Janeiro, foi a mais vista do mundo. Foram contabilizados 9,677 visitantes por dia, resultando em um público total de 573 mil pessoas. "O apetite do Brasil por arte contemporânea é notável", opinou a publicação *The Art Newspaper* à época.

Para leitura

O que é arte contemporânea?, de Suzy Klein e Jackie Klein, Ed. Claro Enigma. Quadros pintados com estêreo de eufente, esculturas montadas com peças de carros quebrados, sanduíches gigantes no meio do museu — os artistas estão sempre inventando novas maneiras de fazer arte. Usando técnicas e materiais cada vez mais inusitados, eles recriam o mundo e propõem novas maneiras de enxergá-lo. Neste livro, os principais temas da arte contemporânea são apresentados a partir das obras de mais de setenta artistas.

Arte Contemporânea no século 21 — 10 brasileiros no circuito internacional, de Ricardo Sardemberg, Ed. Capivara.

Em apenas um volume, o livro traça a carreira internacional de 10 artistas brasileiros de maior repercussão na primeira década do século 21. Os nomes de Artur Barrio, Miguel Rio Branco, Waltercio Caldas, Cildo Meireles, Tunga, Beatriz Milhazes, Vik Muniz, Ernesto Neto, Adriana Varejão e Rivane Neuenschwander se destacaram com base num critério que considerou a presença em exposições individuais e coletivas nos principais museus e galerias do mundo, a participação nas grandes mostras de referência, como a Bienal de Veneza ou a Documenta de Kassel e na aquisição de obras por coleções e instituições prestigiosas. Capítulos individuais dedicados à carreira de cada um dos artistas, entrevistas inéditas, além de imagens de obras e de exposições compõem o livro.

Do moderno ao contemporâneo, de Kátia Canton, Ed. WMF Martins Fontes.

Este volume inicial da coleção "Temas da Arte Contemporânea" pode ser considerado como uma introdução, que prepara o leitor para os volumes seguintes. Todos os temas estão conectados e espelham a complexa rede na qual se emaranha a arte contemporânea no mundo atual.

Uma nova história da arte, de Julian Bell, Ed. WMF Martins Fontes.

O que é arte e onde ela começou? Por que ela é feita e por que muda? Essas são algumas das muitas questões discutidas por Julian Bell neste livro. Bell vale-se de uma vasta gama de objetos para mostrar que a arte é um produto da experiência comum; que, à maneira de um espelho, ela pode refletir a condição humana e as preocupações culturais mais básicas. Bell optou por uma perspectiva global, criando justaposições — figuras dançantes de bronze do sul da Índia, esculturas românicas, tetos barrocos e manuscritos persas que parecem jóias são discutidos lado a lado, como testemunhos de nosso instinto criativo universal.



Foto: Reprodução/Enem



Fonte: Livraria Cultura

Entre e fique à vontade

Para visitar

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM)
www.mam.org.br

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM)
www.mamrio.com.br

Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico — Inhotim
www.inhotim.org.br

Museu de Arte Latinoamericana de Buenos Aires (Maiba)
www.maiba.org.a

Museu de Arte Moderna de Nova York (MOMA)
<http://www.moma.org>

Guggenheim em Nova York
<http://www.guggenheim.org/>

Guggenheim em Bilbao
<http://www.guggenheim-bilbao.es/>

Museu Rainha Sofia em Madri
www.museoreinasofia.es

Tate Modern em Londres
www.tate.org.uk

Para acessar

The Art Newspaper
<http://www.theartnewspaper.com>

Art Review
<http://artreview.com/>

Mercado e Arte
<http://www.mercadoarte.com.br>

Revista de Arte Contemporânea (Fundação Iberê Camargo)
<http://www.revistalugares.org.br>

www.correiobraziliense.com.br



Confira no site da Revista uma entrevista com o vice-curador e chefe do Museu de Arte Latinoamericana de Buenos Aires (Maiba), Philip Larratt-Smith, e leia o "Manifesto sobre a vida do artista", por Marina Abramovic.

Anexo E

Revista do CORREIO

CORREIO BRAZILIENSE
domingo, 31 de março de 2013, ano 8, número 411

ALÉM DO ESPORTE

Histórias
surpreendentes de
viciados em corridas

FIBROMIALGIA

Pesquisa mostra
como a doença afeta as
relações familiares



Mais perto de Deus

No domingo de Páscoa, católicos contam como renovam a fé, mesmo fora dos templos. Para esse grupo de amigas, meditar é uma forma de se conectar às necessidades do mundo. Dom Lawrence Freeman, principal autoridade da meditação cristã, dá entrevista exclusiva à Revista

No domingo de Páscoa, o exemplo de pessoas que conseguem renovar a fé por meio de experiências práticas. Meditar e participar de missões são algumas alternativas para vivenciar a espiritualidade

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
31 de março de 2013

22 e 23

POR GLÁUCIA CHAVES

Ficar em paz com a própria espiritualidade é tarefa árdua. Tão difícil que está entre as preocupações dos seres humanos desde sempre. Algumas ocasiões, como a Páscoa, são propícias para fazer com que a reflexão acerca do que há além de nós venha à tona. Encontrar o elo entre corpo, mente e espírito, contudo, não precisa se resumir apenas a cultos e missas. Hoje, dia em que os cristãos comemoram a ressurreição de Jesus Cristo, a *Revista* mostra iniciativas de pessoas que resolveram colocar sua religiosidade em prática. Seja por meio da meditação, de viagens missionárias para países distantes, da manutenção de tradições familiares, seja pela escrita, todos que participaram da reportagem são unânimes: viver a própria religião também fora dos templos é essencial na busca pela renovação, sentimento que traduz a Páscoa.

O jardim da casa em que Maria da Glória Moura vive ainda conserva as árvores do cerrado, da época em que não havia quase nenhuma construção no Lago Sul. A professora de 76 anos fez questão de manter as plantas, além de acrescentar algumas mudas de jabuticaba. Para ela, estar em contato com a natureza é o melhor modo de se conectar espiritualmente a Deus. "Os pássaros cantando, o mar, as montanhas, tudo tem beleza. Não sei como alguém pode ver isso tudo e não acreditar em Deus." É no imenso espaço verde que ela pratica a chamada meditação cristã. Ela conta que a modalidade entrou na sua vida após um retiro espiritual, há 11 anos. "Quando eu estava prestes a completar 65 anos, fui ao Mosteiro de São Bento. Foi uma revelação."

Antes de experimentar a técnica idealizada pelo Padre João Main (veja quadro na página 25), Glória tentou a meditação budista. A diferença, segundo ela, é que a cristã é feita com base no evangelho. "Vi que fazia mais sentido para mim, que cresci em uma família católica." Quando medita, Glória diz que se sente mais perto de Deus, graças ao silêncio. A antiga tradição, para ela, é algo que merece ser resgatado. "A prática de ficar em silêncio está um pouco esquecida na Igreja", justifica. Ela se isola dos barulhos do mundo e medita pelo menos duas vezes ao dia. A primeira meditação é sempre na parte da manhã, uma vez que, assim, o dia "transcorre mais tranquilo".

Ainda que envolva concentração, a prática não é solitária. Glória recebe, uma vez por semana, interessados em "escutar a voz de Deus". As amigas Sônia Maria do Nascimento, Sônia Amorim, Lourdes Neiva, Maria da Graça Siqueira de Brito e Ana Araújo fazem parte do grupo. Antes de começar a sessão, todas

Religião à flor da pele

Marcelo Ferrero/CR/D'A Press



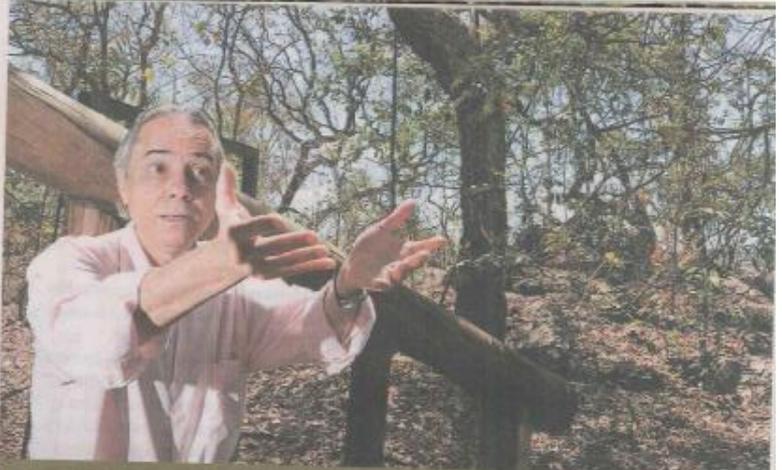
Maria da Glória Moura é adepta da meditação cristã: "A prática de ficar em silêncio está um pouco esquecida na Igreja", acredita

leem uma parte do Evangelho, para servir de reflexão do dia. Para manter a mente longe das distrações do pensamento, a orientação é que cada um se foque na palavra "maranatha" — termo em aramaico para "O Senhor vem", uma das mais antigas palavras-oração na tradição cristã. A espiritualidade, então, vai de dentro e desemboca para fora: segundo Glória, é uma maneira de abrir-se para o mundo. "Todas as religiões buscam isso, estar em contato com os outros para desenvolver a própria espiritualidade." A partir disso, vem a vontade de fazer a diferença. "Se você está disponível para o mundo, vai fazer o que o mundo precisa. Tem gente que faz caridade, ajuda idosos. O que não dá é meditar sem fazer nada, sem estar atento ao mundo ao nosso redor."

Geysa Mendonça é a coordenadora em Brasília da meditação cristã. Todos os sábados, às 16h, ela orienta um grupo de meditação no Santuário Nossa Senhora de Fátima, na 906 Sul. Ela conta que se apaixonou pela ideia após a visita de Dom Laurence Freeman, pupilo de John Main que deu continuidade aos ensinamentos após a morte do mestre. Em 2002, Freeman veio ao Brasil realizar um retiro espiritual e divulgar a técnica. Desde então, ela nunca mais parou. "A meditação é o que os antigos cristãos chamavam de oração do coração ou do silêncio. Nosso exercício é o silêncio interior mais profundo possível, para escutar o que Deus fala", resume.

Semanalmente, ela conta que Dom Laurence Freeman envia artigos para alguns coordenadores. Os escritos são publicados na página da Comunidade Mundial para Meditação Cristã e são usados como forma de orientação para as reuniões. "Ele fala sobre como meditavam os primeiros cristãos. Recebo e repasso para os membros do grupo", explica Geysa. Os textos servem também para tirar eventuais dúvidas entre os adeptos. Após a leitura, abre-se espaço para o debate sobre o que foi dito por Freeman. Meditar pode até parecer tarefa simples, mas ela frisa que nem todos conseguem lidar com os próprios pensamentos assim, tão facilmente. "No começo, é normal as pessoas apresentarem dificuldades em encontrar o silêncio interior", descreve. "Por isso, temos o nosso mantra, mas é complicado não deixar que as coisas do dia a dia interfiram."

A diferença entre a meditação cristã e outras técnicas, de acordo com Geysa, é que, para os cristãos, a meditação tem status de oração. "Era esse tipo de oração que predominava entre os primeiros cristãos", justifica. "Sabemos que o próprio Jesus meditava. Ele ia para o morro para estar com o Pai." Reservar alguns momentos do dia para se concentrar em si



O melhor exercício é o cotidiano. Ser herói em um palco não é difícil. Menos fácil é transparecer consciência, responsabilidade, respeito e cuidado no dia a dia, dirigindo, falando ao telefone, na fila de um banco"

Roberto Crema, psicólogo, antropólogo e mestre em ciências humanas e sociais, reitor da Unipaz

mesmo tem recompensas imediatas, segundo ela. Quem pratica não demora a perceber que a vida fica menos acelerada, por exemplo. "A paz interior também traz saúde", defende. "Muitos idosos relatam que estão menos estressados e que a pressão arterial melhorou, além das próprias conquistas espirituais."

Esvaziar o ego e abrir-se para o silêncio, como fazem os que praticam a meditação cristã, é o melhor jeito de desenvolver a própria espiritualidade. A opinião é de Roberto Crema, reitor da Universidade Internacional da Paz (Unipaz), psicólogo, antropólogo e mestre em ciências humanas e sociais. "O espírito se expressa através de nós na justa medida em que somos capazes de pausa, de vazio fértil, para vivermos o agora, templo-espaço do encontro e da transformação, além da ilusão do passado e da ficção do futuro." Independentemente de crenças e dogmas, ele defende que, para se tornar realmente espiritualizado, é preciso ser capaz de amar e de servir.

Mas como colocar isso em prática? Treinar todos os dias, em eventos cotidianos. "O melhor exercício é o cotidiano. Ser herói em um palco não é difícil. Menos fácil é transparecer consciência, responsabilidade, respeito e cuidado no dia a dia, dirigindo, falando ao telefone, na fila de um banco", enumera. Ainda que não seja vinculada diretamente à Igreja Católi-

ca, ele explica que a Unipaz tem como objetivo desenvolver uma cultura de não violência a partir de uma educação integral. A abordagem usada é transdisciplinar holística, baseada no diálogo entre ciência, filosofia, arte e tradição espiritual. A proposta, transreligiosa, "respeita as tradições e as transcende, através dos valores fundamentais e perenes, comuns a todas elas."

Mas será que para vivenciar uma espiritualidade completa é necessário escolher uma religião? Segundo Roberto Crema, não. Ao mesmo tempo em que religião significa conectar-se consigo mesmo e com o outro, com a natureza e com a própria vida, em alguns casos, o fundamento principal, o amor ao próximo, pode fazer com que o foco principal vá para a instituição. "O poder corrompe e alguém já disse que o poder absoluto corrompe absolutamente. Uma pessoa pode ser religiosa e não espiritualizada", reforça. A inteligência espiritual — conceito que diz que há um Quociente Espiritual, área do cérebro responsável por experiências espirituais e que aumentaria o horizonte das pessoas, tornando-as criativas e com vontade de encontrar significado para a vida — seria uma prova disso. "O sagrado", explica Crema, "é uma experiência que não se limita ao campo religioso e pode ser também vivida e saboreada na ciência, na filosofia e na arte." ➤

"Meditação é o fim da solidão"

POR GUSTAVO TORRES

O senhor poderia falar um pouco sobre a amizade com John Main e o início da Comunidade Mundial para Meditação Cristã?

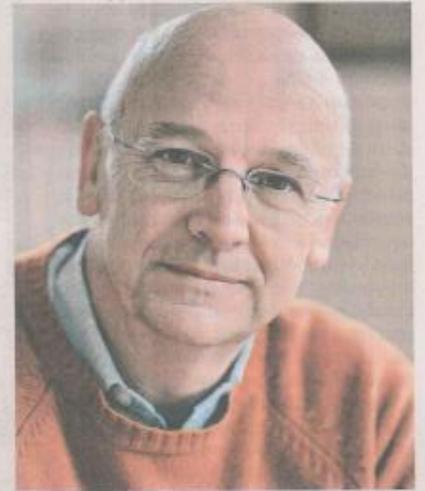
A minha vida de noviçado no mosteiro, como é usual, era atarefada. Meus amigos acreditavam que eu empregava meu dia caminhando pelo claustro, coberto com meu capuz, evitando o contato visual. De fato, o dia se dividia entre meditação, os ofícios e a missa, e minhas tarefas no mosteiro, na biblioteca, na sacristia e no que me fosse solicitado. Acima de tudo, trabalhava próximo ao padre John, e, encantado, via o ensinamento da meditação se disseminar. Um de seus dons era o de saber quando abrir mão e dar um salto. Apesar de ele ser estável pessoalmente, ou talvez por sê-lo, sua vida era pontuada de surpreendentes renúncias e recomeços radicais. Por sua iniciativa, o mosteiro aceitou um convite do arcebispo de Montreal no sentido de dar início a uma pequena comunidade beneditina para o ensino da meditação; de comum acordo foi decidido que eu iria com ele e faria ali minha teologia, em vez de fazê-la em Roma. Assim, quando chegamos a Montreal, estávamos dando início a uma nova fase de nossas vidas e, talvez, a uma nova forma da tradição monástica do deserto. O bispo estava ali para nos dar as boas-vindas e nos mostrar a casa que ele adquirira para nós: uma charmosa e antiga casa de fazenda de Québec, abandonada pela história da cidade, e que se tornou um mosteiro sem ter a aparência de um. Nosso modo de vida monástico foi reduzido ao simples e essencial: orações, comunidade, trabalho e estudo, mas era mais real. Nos cinco anos que se seguiram, a comunidade se expandiu, iniciando-se a divulgação daquilo que mais tarde se tomaria o "mosteiro sem paredes".

O senhor já visitou o Brasil várias vezes.

Que impressões guardou do país e de seu povo?

Eu sempre senti uma forte conexão com o Brasil, desde a minha primeira visita há 15 anos. Há um contagiante senso de alegria na vida e uma realidade profunda sobre o sofrimento. O que me entristece sobre o Brasil é a gravidade da corrupção, talvez um legado de períodos coloniais como em outros países. Isso mantém uma grande divisão entre ricos e pobres. Espero que de alguma forma nossa Comunidade, ao ensinar meditação a todos, ricos e pobres, possa contribuir para a cura dessa divisão. Penso que o Brasil tem um grande dom para o mundo, em seu bom caráter, em sua habilidade de coexistir em diferentes raças com alegria.

Justin Sautz/Ph/Divulgação



Em dezembro, Laurence Freeman fará uma nova visita ao Brasil.

A seguir, o calendário de eventos:

- Retiro de Silêncio em São Leopoldo (RS), de 1º a 3.
- Evento público em São Paulo com palestra e meditação no Instituto Palas Athena, 6.
- Seminário sobre saúde mental em São Paulo, 7.
- Retiro de Silêncio no Rio de Janeiro, 8.
- Retiro e evento público em Aracaju, 9 e 10.
- Retiro e evento público em Brasília, 11 e 12.
- Retiro de Silêncio na Casa Silió do Mosteiro de São Bento de Vinhedo (SP), de 13 a 15.

John Main nos ensinou que a meditação é parte da tradição cristã. Por que isso praticamente foi esquecido?

A meditação foi esquecida na Igreja do Ocidente, mas não na Igreja Ortodoxa. No Oriente, foi preservada na forma da Oração de Jesus. Nós a perdemos no Ocidente porque ela se tornou marginalizada e limitada aos mosteiros. Teologia e oração, que precisam uma da outra, foram separadas. Mesmo hoje em dia, em muitos seminários e universidades, aqueles que ensinam teologia mantêm certa distância da experiência de oração. Então, após a Reforma, os católicos ficaram muito desconfiados sobre contemplação, porque parecia muito pessoal e não se baseava em mediação na Igreja. E os protestantes achavam que era católico demais! Mas, nos últimos 50 anos, tem existido uma notável recuperação da dimensão contemplativa em todos os aspectos da vida cristã e, sem dúvida, em todas as igrejas.

CORREIO
BRAZILIENSE

Brasília, domingo,
31 de março de 2013

24 • 25

Por que o silêncio é tão importante?

A linguagem é muito fraca para explicar a abrangência do mistério. É por isso que o silêncio absoluto da meditação é de tão suma importância. Não tentamos pensar em Deus, falar com Deus ou imaginar Deus. Permanecemos naquele silêncio reverente, abertos ao silêncio eterno de Deus. Através da prática e do aprendizado diários, descobrimos, na meditação, que essa é a ambientação natural para todos nós. Fomos criados para isso e, naquele silêncio eterno, nosso ser floresce e se expande. O "silêncio", como palavra, entretanto, já falsifica a experiência e talvez afaste muitas pessoas, por sugerir alguma experiência negativa, a privação do som ou da linguagem. As pessoas temem que o silêncio da meditação possa ser regressivo. Porém, a experiência e a tradição nos ensinam que o silêncio da prece não é um estado pré-linguístico, mas pós-linguístico, aquele no qual a linguagem já completou sua tarefa de nos indicar o caminho, através e além dela, e de todo o reino da consciência mental. O silêncio eterno não está privado de nada nem nos priva de qualquer coisa. Trata-se do silêncio do amor, da aceitação indistinta e incondicional.

Em seu livro *Jesus — o mestre interior*, Jesus é representado mais como um mestre espiritual do que como uma figura histórica. Está Ele ao alcance de todos nós?

Bem, Jesus é uma figura histórica, sabemos alguns fatos de sua vida. Mas sabemos isso à luz da fé da Igreja original. Ninguém entrevistou Jesus para um jornal. Mas ele ficou conhecido na experiência dos primeiros cristãos através da ressurreição. Então, há uma continuidade entre o Jesus histórico e o Cristo dentro de nós. Esse é o mistério e o aspecto interessante da fé cristã.

Uma vez o senhor escreveu que a atitude de adotar Jesus como um "guru" pessoal é um passo decisivo "para liberar cristãos de atitudes arraigadas de imperialismo e intolerância". A Igreja está ciente desse peso? Seria a eleição do papa Francisco um gesto de autocrítica?

Não há oposição inevitável entre religião e espiritualidade. Muitos hoje acreditam que esses dois aspectos são irreconciliáveis. Nós precisamos entender o significado da fé e o significado de acreditar de modo mais claro. Não somos salvos pela crença, e sim pela fé que é ativa nas boas obras. Papa Francisco já renovou o nível de esperança e credibilidade na Igreja porque ele a vê como necessariamente ao lado dos pobres. E isso significa que a Igreja não cria uma realidade alternativa. Não se trata de Hollywood, ou um espetáculo que console os pobres. Mas uma experiência de comunhão. A grande oportunidade do papa é ensinar isso pelo exemplo. Isso é o que outros seguirão.

Meditar parece um bocado solitário. Qual é a importância de se meditar na companhia de outros?

A meditação é o fim da solidão. Porque é a descoberta da solidão. Solidão é a descoberta de nossa unicidade essencial. Assim sendo, é nossa capacidade para autênticos relacionamentos. Quando meditamos sozinhos, não estamos sozinhos. Na visão cristã, nós estamos meditando dentro do Corpo de Cristo. E, quando meditamos com outras pessoas, estamos juntos em amável solidão. A meditação em grupo, que a nossa comunidade recomenda seja feita semanalmente, constitui um importante fator de fortalecimento da meditação de cada um. É natural que, de início, as dificuldades naturais (que todos temos) de resistir às distrações que assaltam nossa mente a todo momento se constituam em motivo de desânimo ou de enfraquecimento de nosso comprometimento para com a prática. O compartilhamento da experiência pessoal proporcionado pela meditação em grupo cria comunidade e nos reafirma em nosso compromisso.

Além da meditação, quais outras atividades nós levam a Deus?

Podemos captar a conexão que existe entre todas as formas de oração por meio da imagem da velha roda de madeira. A roda serve ao propósito de movimentar a carroça. A oração é a roda que movimenta espiritualmente nossa vida na direção de Deus. Para que possa se mover a roda precisa estar em contato com o solo. Se ela não tocá-lo não pode movimentar a carroça; a roda simplesmente vai girar. Assim, deve haver em nossa vida cotidiana um período e um local real para nos doarmos à oração. Os raios da roda são como as diferentes formas de oração, todas válidas e eficazes. Temos a Eucaristia, a oração de intercessão, os sacramentos, a leitura da Escritura e as devoções pessoais. O que mantém os raios juntos é o cubo da roda que a gira; os raios convergem para o cubo central. Podemos pensar no cubo como sendo a Oração de Cristo que habita nossos corações. No cubo da roda há imobilidade; sem que haja o ponto imóvel no centro ela não pode girar. A meditação é a chegada no ponto de imobilidade ao centro de nosso ser. Quando meditamos chegamos à imobilidade central, que é a fonte de todas as nossas ações, nossa movimentação em direção a Deus por meio de Cristo em nosso interior. O movimento da roda demanda imobilidade no centro. Esta é a relação existente entre a ação e a contemplação.

Hoje celebramos a Páscoa. Que mensagem o senhor gostaria de deixar aos leitores?

Pense sobre o significado da ressurreição. Tente ver que ela nos envia de volta para esta vida de uma maneira nova. E mantenha os olhos abertos para ver como Cristo aparecerá para você a cada dia. ►

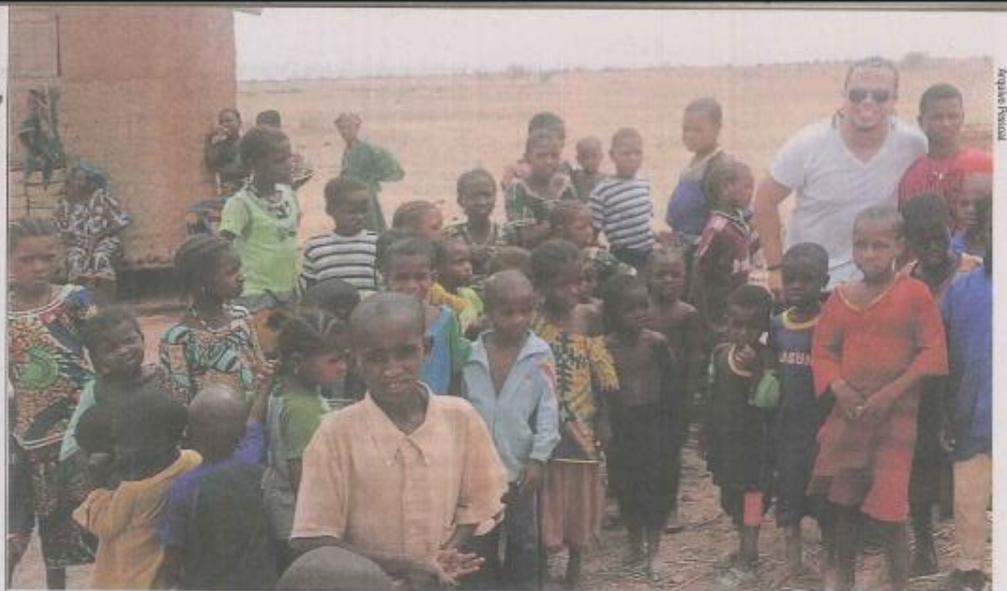
Como tudo começou

● Meditar é uma tradição no cristianismo desde seus primeiros séculos de existência. O objetivo é usar o silêncio para entrar em contato com Deus. O mantra é uma palavra ou frase curta usada para ajudar o indivíduo a se focar nesse objetivo. No caso da meditação cristã, a palavra usada é Maranatha, que, em aramaico, quer dizer "vem, senhor". É a palavra que John Main, monge beneditino que transcreveu para a linguagem moderna os ensinamentos ancestrais envolvidos na meditação, instituiu. John Main foi um teólogo que, quando se tornou reitor do Colégio Beneditino, descobriu, em seu estudo das Conferências de João Cassiano (século 4) e dos primeiros monges cristãos, os "Padres e Madres do Deserto", a conexão entre "oração pura" da tradição monástica cristã e a "meditação", que ele havia praticado primeiro no Oriente. Main treinou Dom Laurence Freeman, que o acompanhou na formação do primeiro Centro de Meditação Cristã, em Londres, no ano de 1975. Quando John Main faleceu, em 1982, Freeman continuou a levar a meditação para o mundo. A prática é como uma oração para os católicos, que a usam para enfatizar que estão centrados na oração de Cristo, que desabrocha de dentro de cada ser humano. Seria a "oração pura", em que todo pensamento, palavra e imagem é deixado de lado.

Aprenda a fazer

- Sente-se com a coluna ereta em quietude.
- Feche seus olhos levemente.
- Fique na posição sentada relaxadamente, mas alerta.
- Silenciosa e interiormente, comece a repetir uma oração de uma única palavra.
- Recomenda-se a palavra oração "Maranatha".
- Recite-a como quatro sílabas de igual comprimento.
- Ouça-a enquanto vai repetindo com suavidade, mas continuamente.
- Não pense ou imagine nada — mesmo que seja de ordem espiritual.
- Se vierem pensamentos ou imagens, considere-os apenas como distrações no período da meditação, e então volte apenas a repetir a sua palavra.
- Medite a cada manhã e a cada fim de tarde por cerca de 20 a 30 minutos.

Fonte: Comunidade Mundial para Meditação Cristã.



Igor Fernando Suriano, em missão na África: "Ser discípulo implica seguir o exemplo do Mestre. Por isso, sair em missão dentro e fora do país foi a minha resposta a esse convite"

Um outro olhar

Religiosidade é um conceito vivido de maneira única pelo indivíduo. Assim sendo, não raro algumas pessoas optam por vivenciá-la — e pensá-la — de jeitos diferentes da maioria. Mesmo mantendo os dogmas religiosos como fio condutor, religiosos como frei Betto e Leonardo Boff são exemplos de como dar um outro olhar aos ensinamentos do Evangelho sem ter que deixá-los de segui-los. Os dois são teólogos expoentes da chamada Teologia da Libertação. Amado por uns e odiado por outros, o movimento de teologia política visa interpretar os ensinamentos cristãos a partir de diversas correntes de pensamento. O mote é pensar a religião de maneira a livrá-la de injustiças econômicas, políticas e/ou sociais.

Nas palavras de Leonardo Boff (em entrevista concedida ao programa *É Notícia*, da Rede TV, em 2011), a Teologia da Libertação "é uma tentativa de fazer do cristianismo não uma força de resignação, de aceitação da miséria do mundo, mas uma força de mobilização a favor do pobre contra a sua pobreza na consciência de que somos herdeiros de um prisioneiro político, torturado, que ressuscitou e houve a insurreição contra a situação do mundo." O conjunto de ideias, que teve início em igrejas da América Latina nas décadas de 1950 e 1960, se vale, além dos dogmas cristãos, de conceitos da umbanda, do espiritismo, do xamanismo, do islamismo e de mais um punhado de religiões.

Usar o capital religioso para dar origem a uma liberdade que ainda não existe, segundo Boff na mesma entrevista, é o objetivo principal da tese. Para isso, é preciso que o cristão erga as mangas. "Não existe Teologia da Libertação sem uma

articulação com movimentos sociais", disse ele. "Há um pé na realidade, na favela e na faculdade. O cristianismo tem que ser bom também para esse mundo, não só para a eternidade." As ideias vão ao encontro dos recentes posicionamentos de Jorge Mario Bergoglio, o papa Francisco (embora ele não tenha declarado que é a favor das crenças libertadoras). Recentemente, em 19 de março, ele apelou pela defesa "dos pobres, dos idosos, dos mais fracos e do meio ambiente", temas também defendidos pela Teoria da Libertação.

A demonstração de interesse do papa Francisco aos temas que tocam a teoria defendida também por Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, é, na visão do religioso dominicano, um grande sinal de esperança (veja entrevista na página 29). Até o nome escolhido pelo pontífice é positivo, para frei Betto. A união de Xavier, santo responsável por evangelizar japoneses e indianos, reforçaria a importância do diálogo interreligioso. O do Assis reuniria cinco símbolos importantes, sendo o primeiro a luta pela paz, uma vez que Francisco de Assis converteu-se ao retornar ferido da guerra. O segundo seria a crítica ao sistema produtivo que provoca miséria, já que o santo rompeu com seu pai, Bernardino, pioneiro do capitalismo. O terceiro símbolo reside na opção pelos pobres, o quarto na defesa da preservação da natureza (por ser São Francisco padroeiro da ecologia).

O quinto e último sinal seria a reforma da Igreja, devido aos apelos de Jesus a São Francisco para que a Igreja fosse reconstruída. As qualidades associadas ao nome escolhido por Jorge Bergoglio, para frei Betto, resumiriam uma restauração da Igreja Católica, "elitizada pelo papa Inocêncio III e

CORREIO
BRAZILIENSE

Brasília, domingo,
31 de março de 2013

26 e 27

afastada do povo". Antigos valores, como os do Evangelho, estão entre os principais pontos a serem resgatados, na opinião do religioso. Além dos antigos dogmas, "uma Igreja de menos ostentação e mais identificada com os pobres, mais ousada nas denúncias de injustiças, um papa que não seja chefe de Estado, mas apenas pastores e bispos que vivam no meio do povo" também estão entre as mudanças sugeridas.

Igor Fernando Suriano e Isabela Lobo, 26 e 22 anos, respectivamente, podem até não ser adeptos da Teologia da Libertação, mas entendem muito bem o conceito de levar a religião para além das paredes da Igreja. Os dois são missionários e viajam de tempos em tempos para diferentes países, com o objetivo de ajudar comunidades locais e ensinar o Evangelho. Igor foi ao Haiti, em 2012, trabalhar em orfanatos, e voltou recentemente de uma missão que passou por Burkina Faso, na África, e pela Holanda. O advogado faz parte ainda de uma ONG chamada Mocidade para Cristo, que realiza ações em escolas com palestras por meio do projeto Escola da Vida. Com o projeto Superação, ele visita internos (e familiares de internos) do Centro de Atendimento Juvenil Especializado (o antigo Cajé) e do Centro de Internação de Adolescentes Granja das Oliveiras (Cjago).

Na África, Igor percorreu vilas e tribos do norte e do leste do país, bem como o acampamento dos Tuaregues, refugiados da guerra do Mali. "A finalidade da missão foi apoiar e fortalecer o trabalho social-cristão que está sendo realizado com pessoas de algumas tribos que vivem em condições precárias e ainda não ouviram falar a respeito de quem é Jesus e do que Ele pode fazer na vida delas e por meio delas", explica. Além de divulgar a religião, o grupo de missionários ajuda no que pode. Em uma das tribos sem água, por exemplo, os voluntários levantaram recursos no Brasil para ajudar na perfuração de um poço. "Nessa mesma tribo está sendo construída uma escola, que será inaugurada em breve", completa Igor.

Em outra tribo, Igor e seus colegas implementaram um programa de alimentação para adicionar uma refeição na dieta das crianças, que comiam apenas uma vez por dia. Até o fim do ano, a meta é ajudar a perfurar mais um poço em uma das tribos sem o recurso. "Outro propósito importante foi levar comida para os Tuaregues, pois eles vivem de ajuda humanitária e passam por muitas dificuldades", diz o advogado. "Conseguimos levantar recursos no Brasil para comprar 13 toneladas de comida." Sair da zona de conforto para ajudar pessoas que, provavelmente, nunca cruzariam seu caminho, foi uma decisão natural e lógica, segundo Igor. Desde que se tornou cristão, aos 17 anos, ele enten-

de que o cristianismo vai além das palavras. "A vida de Jesus convida a todos os que decidiram segui-Lo a viver um cristianismo de atitudes em nossa família, cidade e por todas as nações", justifica. "Ser discípulo implica seguir o exemplo do Mestre. Por isso, sair em missão dentro e fora do país foi a minha resposta a esse convite."

Já Isabela passou um ano em Viña del Mar e em Santiago, no Chile, para realizar projetos com garotas adolescentes. Lá, a estudante de publicidade, que faz parte de uma rede de voluntariado internacional, conta que ajudava em projetos de ação social em comunidades carentes que tinham como objetivo incentivar o desenvolvimento de aptidões intelectuais e humanas, "para o jovem, no futuro, querer o bem do próximo". No começo, o principal desafio foi se adequar ao propósito da viagem. Afinal de contas, Isabela não foi como turista, não estava a trabalhar nem mesmo era, necessariamente, uma intercambista. "Você não se sente nenhuma dessas coisas. Foi o momento de me alinhar aos objetivos e me adequar ao tipo de vida que passaria a ter, o de voluntária", resume.

Passado o primeiro momento, é hora de trabalhar. Sua primeira atribuição foi a de organizar um projeto cultural: um concurso em que as jovens elaboravam músicas para, depois, apresentarem a canção em um auditório da cidade. Tudo para levantar a autoestima de quem, muitas vezes, se via como incapacitado pela pobreza. "O intuito era trabalhar a ideia de liderança, para que elas sabssem com as ideias de que cresceram e aprenderam."

Em Santiago, o trabalho era um pouco diferente. As atividades aconteciam em escolas e abrangiam de crianças a famílias inteiras. "Visitávamos casas de família para saber como as pessoas estavam e para falar de Deus." No fim, acabou que foi Isabela quem mais aprendeu com a experiência. "Foi uma forma de aprender a desenvolver minha generosidade e tolerância", descreve. "Entendi as diferenças entre as pessoas. Cada um é diferente, tem uma história de vida, uma cultura, tudo diferente. Por mais que eles também sejam latinos, é bom sair do próprio círculo e ver que há outras formas de viver e de pensar." ▶



A missionária Isabela Lobo, 22 anos, trabalhou com adolescentes em projetos culturais: "Foi uma forma de aprender a desenvolver minha generosidade e tolerância"

Em busca das origens

A vida moderna, corrida e atribulada, muitas vezes, não deixa sobrar um tempinho para encontrar a espiritualidade fora de casa. O jeito, então, é tentar trazer a fé para mais perto de si. Maria Idalina de Santana, ou apenas Lia, como gosta de ser chamada, usa uma tradição aprendida com a mãe para não deixar de estar em contato com o que acredita. Desde pequena, a administradora, de 49 anos, via na mãe um exemplo de religiosidade. Lia conta que a mãe participava de um grupo de vizinhos que revezavam a imagem de Nossa Senhora da Aparecida. A cada dia, a imagem ficava na casa de uma pessoa. No fim da tarde, a santa é repassada a outro vizinho.

A mãe de Lia faleceu há um ano. Para manter viva a memória dela e a tradição iniciada há 20 anos, a administradora continua a repassar a santinha. Receber a imagem, para ela, é como se Nossa Senhora, em carne e osso, chegasse à sua casa. "Quando ela chega, dou um beijinho e as boas-vindas", diz Lia. O ritual inclui uma oração especial com pedidos de proteção. Na hora de entregar a santa para o vizinho, os pedidos são de força e sabedoria. "Tenho esperança de que ela está me guiando, me protegendo", descreve. "Gostaria muito que meus filhos continuassem quando eu não estiver mais aqui."

Cultivar o antigo costume, para Lia, faz com que ela se sinta mais próxima da mãe e da religião que escolheu. "Não tenho o hábito nem muito tempo para ir à igreja", justifica. Além de ficar em dia com as questões de seu espírito, receber e entregar a santinha é uma boa maneira de interagir com os vizinhos. Tanto que, na rua em que Lia mora, no Guará, todos se conhecem. "É nesse momento que todos oram juntos, se visitam e conversam", descreve. O resultado é que, em todas as datas especiais para os católicos, eles se reúnem para pedir proteção em conjunto. "Para mim, estar em contato com Deus é estar bem consigo mesmo e com os outros. Esse momento de interação é muito bacana."



Receber e repassar a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi a forma que Maria Idalina encontrou para manter a religiosidade e a fé católica mais próximas

Antigas práticas católicas, como a caridade e a ajuda a necessitados, também são maneiras de se aproximar da religiosidade. E, se o povo não pode chegar à Igreja, a Igreja, de alguma forma, alcança as pessoas. Cláudio Fonteles, leigo da fraternidade de São Francisco de Assis, atua com dependentes químicos em comunidades carentes. Ele leva a eucaristia aos doentes que, por qualquer razão, não podem se locomover até a Igreja. "Faço isso porque São Francisco também o fez. Na época dele, a Igreja era muito fechada, pois os religiosos estavam na solidão dos mosteiros e o povo, longe da Igreja."

A Igreja, para ele, não pode ficar parada. Precisa ser itinerante, "como o próprio Jesus". "Ele caminhou e dialogou incessantemente com qualquer pessoa", justifica Fonteles. Ele conta que, em Brasília, ele e a mulher atuam em dois grupos de dependentes químicos: um feminino e um masculino. Com os homens, ele atua com o que chama de tratamento terapêutico. Uma das linhas usadas é a da virtude espiritual. Mas o objetivo não é transformar ninguém em católico, segundo ele. A meta é dar consolo e

apoio espiritual. Semanalmente, ele passa grande parte da tarde com os internos. Por meio de um diálogo, que tem como base textos bíblicos, o franciscano procura estimular a reflexão. "Colocamos o texto para que eles pensem sobre a vida, para que reflitam sobre o passado e o presente."

Doar um tempo de sua vida para ajudar o outro está dentro da própria palavra "católica". Fonteles explica que o termo, do grego, quer dizer "aquele que se doa a todos". "É ver alguém sofrendo e oferecer um abraço, ver alguém doente e tentar diminuir sua dor", descreve. O escoamento de fiéis, para ele, está intimamente ligado ao distanciamento entre homens e religião — muitas vezes, causado pela própria Igreja. "Acho que essa autenticidade católica está um pouco perdida", opina. "A Igreja se fechou em um estado burocrático. Todo fechamento é ruim, pois gera deformação. Daí os escândalos envolvendo a Igreja." O que os franciscanos buscam, ele explica, é o retorno aos ensinamentos de Jesus, "que ficam esquecidos na medida em que a própria Igreja se torna corpo burocrático, distante das palavras".

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
31 de março de 2013

28 • 29

Carlos Alberto Libânio Christo, o frei Betto, é religioso dominicano e adepto da Teologia da Libertação. Autor de mais de 50 obras entre ensaios, Frei Betto lançou recentemente o romance *Aldeia do silêncio*, pela editora Rocco.

É possível viver o cristianismo de uma maneira diferente ou, para ser católico, é necessário concordar e seguir todos os preceitos da religião? Como saber o limite?

Dentro da religião cristã há várias igrejas — católica, protestante, ortodoxa. Essas igrejas se dividem, por sua vez, em diferentes denominações, sobre a protestante, como a luterana, metodista, presbiteriana etc. Cada cristão vive à sua maneira os princípios doutrinários de sua respectiva Igreja. Mas devo seguir aquilo que a Igreja considera fundamental à sua identidade eclesial, como, no caso dos católicos, comungar a mesma fé do bispo de Roma, o papa.

Quais são os principais pontos que precisam ser mudados na Igreja, na sua opinião?

No caso da Igreja Católica, o fim do celibato obrigatório para o clero diocesano, a reinserção dos padres casados no ministério sacerdotal, o acesso dos divorciados aos sacramentos, a ordenação sacerdotal de mulheres, o uso de preservativos na relação sexual, e a Igreja adotar um governo colegiado, conforme pronunciou o Concílio Vaticano II.

O que o senhor acha que nunca vai mudar?

Nos últimos 50 anos, muita coisa mudou: a missa já não é em latim, os padres andam sem batina pelas ruas, as religiosas e os leigos podem administrar os sacramentos de batismo e matrimônio, a con-

Enrique De La Osa/Rezeres



fissão auricular deixou de ser obrigatória, o papa abandonou o uso da tiara e da cruz de ouro, os leigos se organizam em Comunidades Eclesiais de Base, a Teologia da Libertação reflete o modo de se viver a fé cristã em um continente marcado pela pobreza e a opressão etc.

O senhor acredita que a evolução da ciência afasta as pessoas da Igreja e da fé? Acredita que a Igreja precisa mudar para se adaptar a essa nova realidade ou a solução é justamente o contrário: é preciso manter, mais ainda, os antigos costumes para que as pessoas voltem às raízes religiosas?

A Igreja Católica comete o grave erro de, após catequizar crianças, não reciclar os adultos. Assim, muitos adultos adquirem conhecimentos científicos, mas ficam reféns de noções infantis a respeito de sua fé cristã. Ciência e fé não são incompatíveis, como comprovo no livro que fiz com o físico Marcelo Gleiser, *Conversa sobre a fé e a*

ciência (Editora Agir). São complementares e devem manter permanente diálogo.

Como se dá o envolvimento da Teologia da Libertação com movimentos sociais? Os movimentos também precisam, necessariamente, ser cristãos?

A Teologia da Libertação é a sistematização da fé dos cristãos comprometidos com movimentos sociais e Comunidades Eclesiais de Base. Nos movimentos sociais, há crentes e não crentes, e pessoas de diferentes denominações religiosas. Os cristãos ali presentes procuram cultivar os valores evangélicos, como solidariedade, poder como serviço, luta por justiça, e dão testemunho de sua fé em Jesus Cristo.

O envolvimento da Teologia da Libertação com movimentos sem-terra, movimentos de mulheres e de negros, por exemplo, indicaria que ela é voltada para as minorias?

Os pobres são maioria. Minorias são as elites. Mulheres, negros, indígenas, sem-terra são a maioria do nosso povo. E viver a fé junto a essa maioria é procurar libertá-la da opressão, da discriminação, do preconceito, da pobreza, e garantir seus direitos humanos.

Quais as suas expectativas para o papa Francisco?

Espero que deselitize a Igreja, valorize o sínodo dos bispos e as conferências episcopais nacionais, promova a reforma da Cúria Romana, abra o debate sobre a teologia moral, em especial quanto ao tema da sexualidade, ponha fim ao machismo que reina na Igreja Católica. ■



VENHA PASSAR O

DOMINGO ESPECIAL DE PASCOA

NO TERRAÇO SHOPPING



ALHOÇO ESPECIAL
Cordões e pratos especiais em nossas restaurantes para uma deliciosa celebração da Páscoa.

CAÇA AOS OVOS DE PASCOA
Tradicional brincadeira para crianças de 4 a 12 anos. Inscrições no balcão de informações do shopping até 31 de março.

TEATRO INFANTIL
Espetáculo "Coelhinhos em apuros". Muita diversão para as crianças e para os adultos também! No Praça das Palmeiras, às 17 horas*.



www.terraçosshopping.com.br @terraçosshopping